

Mahin

Revista Literária



Eliana Alves Cruz

Destaque no romance brasileiro.

Entrevistas, resenhas, artigos, inéditos e lançamentos.



Mahin é uma publicação da Editora Malê

Expediente

Editor – Vagner Amaro

Comissão editorial: Simone Ricco, Mestre em Letras - Área Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFF

Wesley Correia, Doutor em Estudos Étnicos e Africanos, pela UFBA

Henrique Marques Samyn, Doutor em Letras, pela UERJ

Patrícia Costa, Mestre em Biblioteconomia, pela UNIRIO

Capa – Foto: Marta Azevedo

Colaboradores desta edição: Marlon Souza, Dany Wambire, Henrique Samyn, Lucas Litrento, Fernanda Miranda, Luiz Henrique Silva de Oliveira, Fabiane Cristine Rodrigues, Natália Barcelos Natalino, Luciana Lana, Florentina Sousa e Taís Espírito Santo.

Online: www.revistamahin.com.br

Matérias e sugestões de pauta:

revista@editoramale.com.br

Para anunciar:

vendas@editoramale.com.br

ISSN: 2596-3538

A Editora Malê não se responsabiliza pelas ideias e conceitos expressos nos artigos assinados, que trazem somente o pensamento dos autores e não representam necessariamente a opinião da revista.

EDITORIAL

A segunda edição da Mahin – Revista Literária surge para reafirmar a importância da literatura para iluminar incertezas em tempos difíceis. O segundo semestre de 2019 foi de grande produção para a literatura escrita por autores e autoras negros.

Nesta edição da Mahin - Revista Literária, apresentamos uma entrevista com a escritora Eliana Alves Cruz, autora dos romances *Água de Barrela* e *Crime do Cais do Valongo*; uma entrevista com a escritora senegalesa Fatou Diome, que lançou pela primeira vez um dos seus romances no Brasil, *O Ventre do Atlântico* (Editora Malê); textos inéditos de escritoras que no início do ano participaram da coletânea *Vértice: escritas negras*; o escritor Dany Wambire nos apresenta a escritora Mel Matsinhe; um perfil da

jovem escritora Maria Duda e uma resenha do seu livro de estreia, *Navio Negreiro* (Malê – Flup).

E ainda apresentamos artigos sobre a face musical da escritora Carolina Maria de Jesus, sobre o histórico da produção de autores negros brasileiros e sobre romances de escritoras negras e outros textos sobre a literatura negro-brasileira e africana. A edição termina com uma lista de lançamentos da literatura negra no segundo semestre de 2019 e nesse conturbado primeiro semestre de 2020.

Leiam, divulguem, compartilhem, aproveitem!

Vagner Amaro
Editor da Mahin

Capa: Entrevista com Eliana Alves Cruz.
Destaque no romance brasileiro

Por, Vagner Amaro

Moçambique: Mel Matsinhe - A poesia que nasce da compressão de cartas

Por, Dany Wambire

Panorama editorial da literatura afro-brasileira: conto, romance e poesia

Por, Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues

Estudo de romances de autoras negras

Por, Fernanda Miranda

A poética de confronto de Maria Duda

Por, Henrique Samyn

Perfil: Maria Duda

Por, Marlon Souza

Resenha: O grito como navalha, de Ana Íris Santos

Por, Lucas Litrento

Resenha: Maréia - Histórias de mar e vida

Por, Florentina da Silva Souza

No limite do desafino: análise de canções do disco Quarto de Despejo (1961),

de Carolina Maria de Jesus

Por, Natália Barcelos Natalino

Fatou Diome e O ventre do Atlântico

Por, Luciana Lana e Dayane Teixeira

Inéditos – Vértice: escritas negras

Andanças de Dona Oni, de Sheila Martins dos Santos

Cinzas de quarta, de Fabiana Pereira

Tripalium, de Jade Medeiros

Tempo, de Maíra Oliveira

Literatura negra nas escolas

Por, Taís Espírito Santo

Lançamentos

SUMÁRIO



Foto: Fco Jorge

Eliana Alves Cruz

Destaque no romance brasileiro

Por Vagner Amaro

Jornalista de formação, Eliana Alves Cruz vem se destacando na literatura brasileira. Inicialmente com o romance *Água de Barrela*, venceu o Prêmio Oliveira Silveira, da Fundação Palmares. No romance, Eliana recupera a história de sua família desde os tempos da escravidão. Em 2018, publicou *O Crime do Cais do Valongo* (Editora Malê), um romance histórico-policial, que figurou como um dos melhores romances daquele ano, segundo o Jornal O Globo, e a edição comercial do romance *Água de Barrela* (Editora Malê). Em 2019 seu nome figurou entre os finalistas do Prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa. Além das obras individuais, Eliana publicou em diversas coletâneas, como nas edições 39 e 40 dos Cadernos Negros. O tratamento que a escritora dá para sua literatura busca resgatar histórias não contadas e trazer um novo olhar para a história afro-brasileira.

Mahin: Em 2019 o romance O Crime do Cais do Valongo esteve entre os semifinalistas do Prêmio Oceanos. Neste ano o romance Água de Barrela também foi distinguido no Prêmio Thomas Skidmore, e antes, o mesmo romance já tinha sido vencedor do Prêmio Oliveira Silveira. Como você recebeu esta notícia do Oceanos? E qual significado que estas distinções têm para você?

Eliana Alves Cruz: Recebo tudo isso com muita alegria. Cada distinção destas me dá a certeza de que esta é realmente a minha estrada porque demorei muito para encontrá-la. Todas as atividades que envolvem a cultura no Brasil são cercadas de muitas incertezas para a maioria dos profissionais e é impossível vez ou outra não sentir ansiedade, ser atacado por dúvidas sobre tudo. Fico realmente emocionada como as histórias estão tocando o coração de tanta gente.

Mahin: O Crime do Cais do Valongo é um romance histórico policial que fala sobre o Cais do Valongo e sua importância na formação da identidade brasileira. Em 2019 foi anunciado que o Rio de Janeiro recebeu da State Grid Brazil Holding (SGBH) um investimento de R\$ 2,1 milhões para a segunda etapa do projeto de revitalização do Cais do Valongo. Após a publicação do romance você ainda acompanha o desenvolvimento dos projetos naquela região? Como você vê uma notícia como esta?

Eliana Alves Cruz: Acompanho atentamente! Assisti inteira à primeira chamada do Ministério Público para debater o tema da preservação do local e da questão do prédio construído pelo engenheiro André Rebouças, em frente ao Valongo. Foram mais de seis horas de audiências. Por conta do que escrevi no livro hoje sinto

que tenho uma responsabilidade de auxiliar ao menos dando visibilidade às gestões para tornar o local realmente em patrimônio da humanidade. Não apenas no papel. Como diz o personagem Nuno Moutinho em sua fala final é nossa a tarefa de não esquecer.

Mahin: O Crime do Cais do Valongo também se destaca por dar voz a personagens que foram tradicionalmente estereotipados na literatura brasileira. Esta seria uma característica do seu projeto literário? Este projeto também é político? Quais são suas maiores preocupações ao iniciar a escrita de um romance?

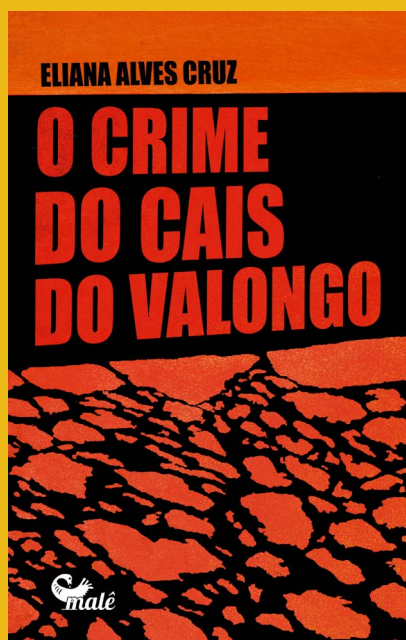
Eliana Alves Cruz: Tento contar histórias novas, trazer gente que está oculta, esquecida no tempo, em alguma página amarelada de um documento qualquer, mas também que está nas ruas, no nosso cotidiano, mas que quase não aparece ou, como você disse, quando aparece nas páginas literárias do país é sem centralidade ou de uma maneira cheia de ranços dos preconceitos que nos formaram. Temos vários artistas com ansiedade em fazer o mesmo, cada um com sua personalidade e estilo. É uma característica minha sim, embora eu me sinta muito livre para falar do que eu quiser. Não é um grilão. Não me impus esta "obrigação", apenas é algo que me provoca e me motiva a escrever porque não vejo sentido em sentar para escrever sobre pessoas que estão no protagonismo literalmente há séculos por aqui. Quando começo um romance penso: Como vou contar de uma maneira nova? Que ângulo novo eu posso dar? Que outro olhar? Que ser humano novo posso descrever aqui? Quais palavras temos e que foram pouco ditas? É um projeto político se a gente pensar que narrativas mexem com

a estima das pessoas, acionam gatilhos emocionais, os pertencimentos, as representatividades todas... Pergunto sempre sobre qual projeto cultural não é político. Tudo fala sobre algo, principalmente o silêncio.

Mahin: No decorrer de suas pesquisas sobre a escravidão no Brasil, acredito que tenha sido inevitável, se deparar com cenas de crueldade e brutalidade em uma dimensão imensurável. Quando vemos ascender no Brasil atual discursos de apoio para torturas e execuções, quando a desvalorização da vida parece atingir um estágio máximo, podemos pensar nos séculos de escravidão como um tempo formativo nocivo para como a sociedade brasileira lida com a violência?

Eliana Alves Cruz: Totalmente! Já sabíamos que normalizamos o horror de uma maneira doentia. O Brasil no fundo sabe da sua crueldade, mas estes novos tempos nos deram a dimensão assustadora da "banalização do mal" por aqui e isto é uma sequela terrível da escravidão. A disciplina e a sofisticação com que a elite brasileira usou de sevícias físicas e psicológicas para subjugar milhões de pessoas ao longo de quase quatro séculos não poderiam mesmo nos tornar um povo apaziguado com o seu passado. O problema é que precisamos sair da fase da negação do que nos aconteceu. Ainda é possível ver focos grandes de resistência para encarar a colonização e a escravização como a nossa maior tragédia. O discurso que classifica qualquer abordagem ao tema como "mimimi" é um atraso. Vemos autoridades postando em redes sociais elogios às capitânias hereditárias em pleno século 21! Então voltamos à pergunta anterior, ou seja, qualquer projeto artístico que se oponha a esta visão passa a ser um projeto político.

Conheça as obras individuais de Eliana Alves Cruz e suas participações em obras coletivas:



Um corpo amanhece em um beco, envolto em uma manta e com pequenas partes cortadas. O crime do cais do Valongo, de Eliana Alves Cruz, é um romance histórico-policial que começa em Moçambique e vem parar no Rio de Janeiro, mais exatamente no Cais do Valongo. O local foi porta de entrada de 500 mil a um milhão de escravizados de 1811 a 1831 e foi alçado a patrimônio da humanidade pela UNESCO em 2017. A história acontece no início do século 19 e é contada por dois narradores — Muana e Nuno — que conviveram com a vítima: o comerciante Bernardo Vianna. Serviço:

Título: O crime do Cais do Valongo (Editora Malê)

Assunto: Romance brasileiro; romance histórico-policial

ISBN: 9788592736279

Páginas: 202

Ano de edição: 2018

“Quando começo um romance penso: Como vou contar de uma maneira nova? Que ângulo novo eu posso dar? Que outro olhar? Que ser humano novo posso descrever aqui? Quais palavras temos e que foram pouco ditas? É um projeto político se a gente pensar que narrativas mexem com a estima das pessoas, acionam gatilhos emocionais, os pertencimentos, as representatividades todas...”

Mahin: Existe uma reivindicação constante dos escritores e escritoras negros por uma maior representatividade na literatura brasileira, da mesma forma, escritoras não negras também reivindicam maior espaço no campo literário. Sabemos que há uma falta de representatividade negra em diversos espaços da sociedade e que esta desigualdade racial na nossa sociedade é fruto de uma abolição inconclusa. É famosa a frase da filósofa Sueli Carneiro “Eu, entre esquerda e direita, continuo sendo preta”. Gostaria que você comentasse um pouco como você se situa nesta luta por representatividade na literatura brasileira.

Eliana Alves Cruz: Não consigo despir a minha pele para escrever. Creio que estou onde devia estar. Sou uma mulher negra que hoje integra sim a intelectualidade do país. Encaro este fato com naturalidade, sem afetação, sem arrogância e com responsabilidade crescente. Não há como uma jovem ou um jovem negro que almeja escrever e publicar me olhar sem procurar identificação, logo, eu e todas as pessoas negras que produzem literatura hoje estão ocupando espaços há muito desejados. Entendo a frase da Sueli como uma constatação de que nenhuma coloração política até hoje olhou com a seriedade que é devida para as questões da população negra no país. Há uma realidade para nós que está acima da polarização política e neste sentido concordo plenamente com ela, mas acho também que é preciso tomar cuidado, pois sim, importa quem está ao nosso lado na

trincheira. Já vi pessoas usarem esta frase para justificar alianças com setores que claramente só se interessam pelo “marketing” da representatividade, que trazem ganhos pessoais às vezes até interessantes, mas que não frutificam de forma duradoura nem para a pessoa e nem para a coletividade. Fico me questionando muito sobre tudo isso.

Mahin: No período da escravidão, em torno da chamada Árvore do Esquecimento, em África, os escravos deviam passar nove vezes, e as escravas, sete, para se esquecerem de sua terra, de sua identidade cultural e de suas lembranças geográficas. Penso que a sua literatura se movimenta em sentido contrário das voltas dadas para o esquecimento. É uma literatura para não esquecer. Como história, memória e ficção se amalgamam em seu projeto literário?

Eliana Alves Cruz: É um desafio apresentar a história de forma orgânica no texto, de uma maneira fluida e instigante para o leitor. A luta contra o didatismo é sempre grande. Eu procuro não apenas recriar cenários e personagens, mas apresentar possibilidades de novos enredos dentro de tramas conhecidas. A imaginação e a criatividade é o que diferencia a ficção da não ficção. Não se trata apenas de recontar um passado, mas também de imaginar futuros e apresentar outra mirada sobre o presente. Brincar com o relógio me interessa porque ele desafia a gente o tempo todo! Quantas coisas considerávamos ultrapassadas e um belo dia, abrindo o noticiário, nos deparamos com uma realidade de um tempo

pretérito ali na nossa frente? A memória também nos trai o tempo inteiro. São elementos muito bons de usar na literatura.

Mahin: Você tem feito algumas incursões pelo gênero conto. A escrita de contos é anterior a realização do romance *Água de Barrela*? Poderia comentar brevemente sobre estes últimos contos publicados?

Eliana Alves Cruz: Tenho aprendido a ser mais concisa. Acho que comecei pelo romance porque o jornalismo me obrigava a enxugar, diminuir, ser objetiva e aí quis me “espalhar” (risos), mas tenho me empenhado em produzir contos porque comunicam rápido, permitem vários exercícios de imaginação do cotidiano. Escrevi, por exemplo, dois contos futuristas, um para os Cadernos Negros 40 e outro para uma antologia da Flup que sairá em homenagem ao Marcelo Yuka. É outra maneira de falar de ancestralidade e passado. Falei de relações de família, de identidade, de inquietações existenciais, enfim, tenho experimentado. Os pontos de partida para um conto também são interessantes. Uma foto, um diálogo escutado ao acaso, a letra de uma música... tudo pode virar literatura.

Mahin: Em *Noite sem lua*, publicado na coletânea *Do Índico e do Atlântico*, você narra com muita sensibilidade uma história cruel de racismo em um ambiente escolar. A escola me parece o primeiro lugar em que a criança negra sofre ataques racistas, muitas vezes, dos próprios professores. Se olharmos, novamente, para a história do Brasil, vemos que a escola foi por muitos anos um espaço de interdição para a população negra. Como surgiu este conto? E como você entende que podemos tornar a escola menos hostil para as crianças negras e para os jovens negros?

Eliana Alves Cruz: Noite sem lua surgiu de um caso real com a filha de uma pessoa que trabalhava na minha casa, mas eu sofri muito no ambiente escolar e quando vejo minha filha, uma adolescente de 12 anos, lidando com coisas muito semelhantes, me bate um desespero. Parece que não avançamos nada, mas não. Vejo que ela, embora sofra obviamente, já possui ferramentas muito melhores para enfrentar as situações de racismo do que eu na idade dela. Também percebo que ela tem professoras e professores que verdadeiramente se preocupam e que se engajam na luta para tornar o ambiente escolar menos hostil para estudantes negros. Isso é avanço, é luta de uma década e meia para trabalhar a identidade de profissionais de educação. Falta muito, mas caminhamos. Trabalhar a estima das crianças negras levando afeto e conteúdo positivo sobre elas mesmas é a melhor saída. A literatura tem um grande papel nisto.

Mahin: A edição comercial do romance *Água de Barrela*, se inicia com a árvore genealógica da sua família, recentemente você publicou no Intercept o texto *A emoção de descobrir sua origem africana*. Eu sempre me recordo de um poema da Paulina Chiziane, chamado *O mar*, em que ela diz “Invejo os que ficaram em África, apesar de colonizados, porque eu, na América, me sinto perdido para sempre.” Quais os efeitos desta busca por um encontro com a própria história, que foi totalmente estilizada e fragmentada? “Traz um pouquinho de saúde”? Estamos perdidos para sempre? Poderia comentar como você reflete sobre estas questões?

Eliana Alves Cruz: Vou usar uma imagem que me veio à mente para tentar explicar o que sinto. Entendo a diáspora africana nas Américas como um objeto de vi-

dro ou barro que foi quebrado e depois colado. Nunca mais será o mesmo. Podemos até usá-lo, mas sempre vai deixar escapar um pouco do líquido, do conteúdo e causar aquele medo de que se parta definitivamente ao menor toque. No entanto, outro dia vi objetos de cerâmica quebrados trabalhados com a técnica japonesa ‘kintsugi’, que preenche suas rachaduras com filetes de ouro ou laca. Ficam belíssimos! Formam-se desenhos inusitados, surpreendentes. O objeto adquire uma beleza especial justamente porque foi quebrado. Podem existir mil potes iguais sem rachaduras, mas uma vez quebrados e colados desta maneira não existirão dois iguais. Remontar o passado é uma busca por preencher as lacunas com metal nobre. Não é apagar as cicatrizes, mas transformá-las em tatuagem que nos orgulha, porque falam de lutas vencidas por pessoas que tem uma história poderosa. Não nos sentiremos perdidos para sempre se este caminho estiver nítido dentro de cada um de nós. A geografia se torna detalhe.

Mahin: Ainda nesta linha de pensamento, ficcionar a história da sua família, pode ser enquadrado como um tipo de autoficção, ou de uma escrita de si? Ou a proposta conceitual de Conceição Evaristo, quando ela elabora o conceito de *Escrevivência* se adequa mais às características do seu texto e do seu projeto literário?

Eliana Alves Cruz: Sim, é um tipo de “escrita de mim”. Acho que não há como minhas subjetividades não passarem ao texto e de uma forma ou de outra estarão sempre presentes. Reparo que a minha história familiar é a de muita gente. Mulheres que planejaram vencer abrindo para as gerações futuras o mundo da educação formal do mundo do colonizador, mas sem deixar morrer suas crenças mais íntimas, seus pertenci-

mentos mais profundos. O que estas pessoas fizeram silenciosamente de forma consciente e algumas vezes inconscientemente foi responder a esse “estupro cultural” sistemático e sem trégua preservando um jeito de existir ancorado na sua africanidade. Esta luta segue árdua e nisto entendo o que o poema de Paulina Chiziane da pergunta anterior quis dizer. É mais difícil lutar contra o apagamento, contra os efeitos dos giros em torno das árvores do esquecimento estando fora da África.

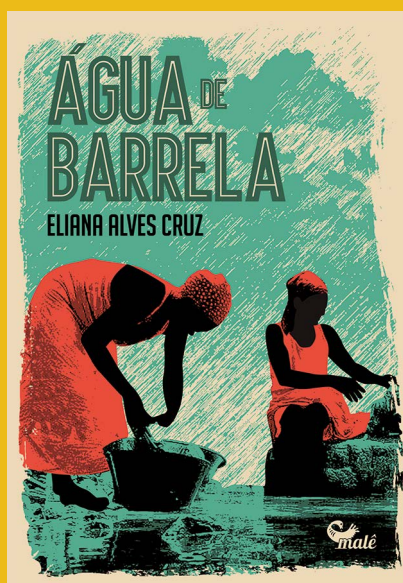
Mahin: Diante das boçalidades todas que vimos ser proferidas pelo governo brasileiro em 2019 e neste primeiro se-

mestre de 2020. Do ataque aos professores, ao pensamento, à ciência e a arte. Da redução e até exclusão de programas de políticas voltadas para a democracia, igualdade racial e justiça social. Diante desse nosso tempo presente, o papel do escritor se redimensiona? O que podemos ou deveríamos esperar dos intelectuais no “Caos Brasil”?

Eliana Alves Cruz: A arte é Lótus. O lodo lhe dá força para florescer. O ataque às letras e ao conhecimento é proposital porque sabem o poder que palavras possuem. Repare, atacam o pensamento, mas não foi outra coisa que fortaleceu o atual grupo brasileiro no poder. Não fosse um conjunto

de ideias espalhadas ardilosamente via redes sociais as sociadas a outros fatores não estaríamos aqui. Desta forma, diante do ódio ao dessemelhante qualquer obra que vá em direção contrária torna-se revolucionária, qualquer escrito que de alguma maneira desmascare discursos montados para fazer da sociedade um bloco de crenças únicas assume outra dimensão. Acho que o papel da literatura é resistir à tentação da autocensura. O que de mais belo poderíamos esperar dos intelectuais no “Caos Brasil”, na minha opinião, é a coragem de continuar criando, sendo poderosamente quem realmente são.

Conheça as obras individuais de Eliana Alves Cruz e suas participações em obras coletivas:



As muitas mulheres negras presentes no romance *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz encontram no lavar, passar, enxaguar e quicar das roupas das patroas e sinhás brancas um modo de sobrevivência em quase trezentos anos de história, desde o Brasil na época da colônia até o início do século XX. O título do romance remete a esse procedimento utilizado por essas mulheres negras de diferentes gerações e que garantiu o sustento e a existência de seus filhos e netos em situações de exploração, miséria e escravidão. A narrativa inicia-se com a comemoração do aniversário de umas das personagens após viver um século de muitas lutas, perdas, alegrias, tristezas e principalmente resiliência. Damiana, personagem central para a narrativa, cansada das batalhas constante e ininterruptamente travadas pela liberdade, se vê rodeada por sua família e se recorda dos tempos de lavadeira.

Serviço:

Título: *Água de Barrela* (Editora Malê)

Páginas: 322

Assunto: Romance brasileiro

ISBN: 9788592736408

Ano de Edição: 2018

Uma cidade com milícia, racismo, fake news, delação premiada, conservadorismo, fanatismo religioso e ruas sujas. Parece 2020, mas esse é o Rio de Janeiro de 1732, ano no qual está ambientado esse romance histórico. Entre as temáticas, salta aos olhos a transexualidade, impensada para uma trama de época, e as fake news tão em voga, através de cartas anônimas que ameaçam revelar alguns dos segredos mais bem guardados dos integrantes das duas famílias ricas que se cruzam nas páginas do título. Eliana pega o leitor pela mão e propõe uma viagem aos anos 30 do século XVIII.

Título: *Nada digo de ti, que em ti não veja*

Editora: Pallas

ISBN: 978-6556020006





Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos reúne contos de escritores e de escritoras do Brasil e de Moçambique. O propósito do livro é servir de veículo para a ampliação do conhecimento sobre a literatura produzida pelos autores elencados, fazendo com que os contos brasileiros de Conceição Evaristo, Marcelo Moutinho, João Anzanello Carrascoza, Rafael Gallo, Eliana Alves Cruz, Cristiane Sobral e Miguel Sanches Neto sejam mais conhecidos em Moçambique, e da mesma forma, que os contos moçambicanos de Mia Couto, Lília Momplé, Alex Dau, Diogo Araújo Vaz, Dany Wambire, Carlos dos Santos e Daniel da Costa, encontrem mais leitores no Brasil. Uma obra que estreita laços culturais em um território fértil como a literatura e promove um inovador intercâmbio cultural literário entre os dois países.

Serviço:

Título: **Do Índico e do Atlântico:** contos brasileiros e moçambicanos (Editora Malê)

Assunto: Literatura brasileira - contos; Literatura moçambicana - contos.

Páginas: 139

ISBN: 978-859-2736-38-5



Memórias e ancestralidades negras e indígenas. Estes são os pilares em que se ancora a narradora ao relatar momentos marcantes da sua infância, como o encantamento com o seu cabelo blackpower que faz lembrar a copa frondosa de uma árvore. A avó, de mãos habilidosas e amante das artes, entrança os fios crespos da neta ao prazer e à liberdade de ser criança. De forma magistral e sensível, a qualidade literária do texto da autora afro-carioca e a expressão artística apurada das ilustrações do designer afro-mineiro permitem que as estéticas afro-indígenas e suas interculturalidades se integrem ao cotidiano ficcional infantojuvenil.

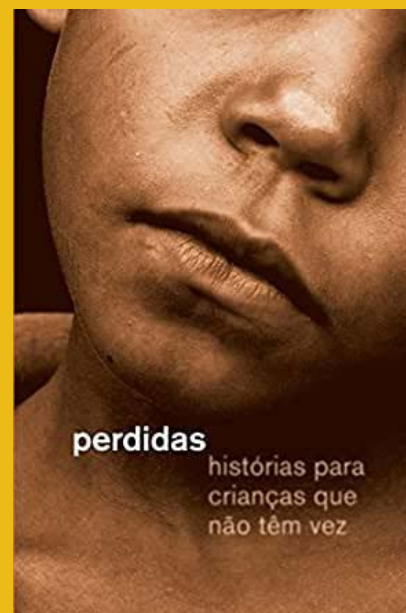
Serviço:

Título: **A copa frondosa da árvore** (Editora Nandyala)

Assunto: Literatura infantil

Editora: Nandyala

ISBN: 978-858-3580-68-3



Textos De Alberto Villas, Alex Andrade, Alexandre Brandão, Andrea Del Fuego, Anita Deak, Claufe Rodrigues, Cristina Judar, Dailza Ribeiro, Débora Ferraz, Edney Silvestre, Eliana Alves Da Cruz, Eltânia André, Gil Veloso, Henrique Rodrigues, João Anzanello Carrascoza, Leandro Jardim, Lúcia Bettencourt, Marcelo Ariel, Marcelo Moutinho, Marta Barbosa Stephens, Martha Batalha, Micheline Verunschik, Mário Araújo, Márwio Câmara, Noemi Jaffe, Paula Fábrio, Reynaldo Damazio, Ricardo Ramos Filho, Robson Viturino, Rodrigo Ciríaco, Ronaldo Cagiano, Rubem Mauro Machado, Santiago Nazarian, Sérgio Tavares, Susana Fuentes E Thiago Mourão. Organização de Katia Bandeira De Mello Gerlach E Alexandre Staut

Serviço

Título: **Perdidas:** histórias para crianças que não têm vez

Editora: Ima Editorial

ISBN: 978-855-4730-03-1



Foto: Ouri Pota

Moçambique

Mel Matsinhe

A poesia que nasce da compressão de cartas

Dany Wambire – Beira, Moçambique

“Em cada palavra sentir
Que totalmente te sei,
cebola”
Mel Matsinhe

Nascida em Homoíne, a cerca de 40 km da cidade costeira de Maxixe, província de Inhambane, Sul de Moçambique, Mel Matsinhe já estava “condenada” a seguir a música, arte que hoje concilia com literatura. Com raízes na etnia “chope”, povo exímio tocador e dançarino da timbila, e formada em História e Musicologia, Mel acredita ter sido “levada” para a arte pelo destino.

Como uma doença, não sabe exatamente quando e como, a arte lhe entrou na alma. Mas quando os jornalistas lhe apontam o gravador, Mel Matsinhe recorre à sua infância e traz-nos a figura do avô materno, Samuel Ncome, um velho que cantava, dançava e esculpia — “tinha uma veia artística”, entende ela — mas que nunca chegou a ter um “reconhecimento social”. O que não foi um malogro, pois o avô nunca perseguiu isso, “simplesmente era uma forma de viver”, talvez ele nem soubesse que tinha um dom especial. A própria Mel só chegou a ter consciência de que o avô era artista muito mais tarde.

A dança e a música fizeram, de fato, parte da primeira infância de Mel. Embora não tivesse consciência, Mel acredita que carregou no “sangue” a herança das primeiras vivências, que passou em Homoine (província de Inhambane, sul de Moçambique), sua terra natal, até aos quatro anos de idade.

Quando se mudou para Maputo, capital de Moçambique, para atender os estudos e emprego do pai, um pastor religioso, a música não se tinha revelado em si. É em Maputo, vivendo numa casa paroquial, “mesmo colada à igreja”, que Mel tem consciência de ter, usando as suas palavras, “bebido da música” e se iniciado a formação da sua personalidade, tornando-se numa “pessoa introvertida”.

Pouco disponível para o mundo “exterior”, Mel apenas passou a dialogar com os teclados do piano e, através do qual, conheceu Helena Jossai, uma professora de Música, contratada pelo pai para que lhe desse aulas particulares de piano. Helena Jossai cumpriu com zelo o pedido e fez mais uma coisa: indicou à Mel a porta da Escola Nacional de

Música “para que tivesse uma formação integral”. O talento que Mel apresentava não devia ser desperdiçado, entendia Helena Jossai.

Na sua passagem pela Escola Nacional de Música, Mel sempre ocupou um lugar no quadro de honra, o que lhe valeu, aos 15 anos de idade, uma bolsa de estudos da UNESCO para cursar Música na capital cubana Havana.

Das cartas à poesia

Estando em Cuba, por cerca de 7 anos, Mel nunca se esqueceu dos seus, marcando sua presença com cartas regulares, que lhes enviava, longe de imaginar que daquelas missivas nasceria uma poeta. Contribuiu para esse “desvio”, os livros que lia, amante de “viagens” que era. “Gostava dos livros por eles me transportarem para outros lugares”, afiança Mel, num tom pausado, recuperando a memória de como os livros lhe “ampararam” o caráter introvertido que tinha.

Passou o tempo, regressou de Cuba, mas Mel guardou o hábito de escrever e enviar cartas a amigos. “Ainda ontem escrevi uma carta”, confessou-nos, enquanto gravávamos a entrevista. Mas uma indistigável mudança se verificou: as cartas, “talvez pela necessidade de dizer muito com menos”, passaram a ser comprimidas ou abreviadas. “Há algum tempo, tive a necessidade de comprimir as minhas cartas e ao comprimi-las, passei a escrever poemas”, revela Mel.

No lugar de enviar as cartas ou poemas aos “respectivos destinatários”, Mel passou a divulgá-los no facebook até que Celso Muianga, editor da Fundação Fernando Leite Couto, os viu e, de imediato, contactou a autora. “Ele contactou-me a perguntar se eu tinha mais poemas e mandei-lhe 20. Depois de dois dias, ele per-

guntou-me se tinha mais e lhe mandei mais 20 poemas...” E assim nasceu livro “Ignição dos Sonhos”.



Título: Ignição dos sonhos
Editora: Fundação Fernando Leite Couto

Para a ensaísta Ana Paula Tavares, os poemas presentes em “Ignição dos Sonhos” são “breves, decantados, como improvisos, que tentam captar momentos e sensações, mas que se regem por movimento, liberdade”.

Mel Matsinhe faz parte das poucas autoras com um livro publicado em Moçambique, um mercado ainda dominado por homens. Ela deseja ver mudada essa situação e têm-se dado primeiros passos. À guisa de exemplo, depois de gravar a entrevista, a autora iria preparar-se para participar numa feira em que estariam expostos apenas livros escritos por mulheres, um evento organizado pela poeta Emmy Xyx.

Panorama editorial da literatura afro-brasileira:

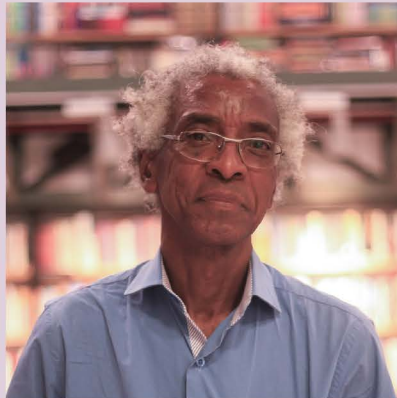
conto, romance e poesia

Ana Nascimento/Malê



Conceição Evaristo

Tahyus Berge/Divulgação



Cuti

Ricardo Pacheco/Malê



Cristiane Sobral

Divulgação/Malê



Mário Medeiros

Divulgação/Malê



Éle Semog

Divulgação/Malê



Cidinha da Silva

Clarissa Menna
Barreto/Divulgação



Muniz Sodré

Divulgação/Malê



Miriam Alves

Divulgação/Malê



Esmeralda Ribeiro

Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG / FAPEMIG)¹
Fabiane Cristine Rodrigues (CEFET-MG)²

Este trabalho condensa parte das reflexões que temos desenvolvido no âmbito do GIECE – Grupo Interdisciplinar de Estudos do Campo Editorial, sediado no CEFET-MG. O projeto História da literatura afro-brasileira é uma das vertentes de atuação do referido grupo.

O literafro – Portal da Literatura Afro-Brasileira (www.letras.ufmg.br/literafro) tem sido nosso arquivo mais consistente de pesquisa. Por meio dele, pudemos sistematizar os dados apresentados abaixo. Os intervalos pesquisados foram os seguintes: no caso do conto, de 1939 a 2016; no caso do romance, de 1859 a 2016; por sua vez, a poesia levou em conta de 1859 a 2017. As datas iniciais dizem respeito à publicações pioneiras. As datas finais, ao término (parcial) da pesquisa para compor relatórios da agência de fomento.

Relação de livros por autor³

O levantamento de dados apontou a publicação de 88 livros autorais de contos afro-brasileiros, publicados entre 1839 e 2016, sendo de autoria de 42 escritores. O autor que conta com a maior quantidade de livros publicados, predominantemente infanto-juvenis, Rogério Andrade Barbosa, publicou 11 obras. Em seguida, a lista traz Machado de Assis, com sete publicações e Mestre Didi com cinco livros publicados.

Os autores Francisco de Paula Brito, Conceição Evaristo, Cuti, Fábio Mandingo, Muniz Sodré e Nei Lopes, por sua vez, tiveram, cada um, três livros publicados. Com duas publicações, podemos apontar Ademiro Alves (Sacolinha), Alzira dos Santos Rufino, Bahia (José Ailton Ferreira), Eustáquio José Rodrigues, Geni Guimarães, Henrique Cunha Jr., Jussara Santos, Lima Barreto, Mãe Beata de Yemanjá, Mãe Stella de Oxóssi, Maria Helena Vargas (M. Helena Vargas da Silveira), Raul Astolfo Marques e Ubiratan Castro de Araújo.

No entanto, 20 destes 42 escritores contam com apenas uma publicação autoral, sendo eles Abelardo Rodrigues, Abílio Ferreira, Antônio Gonçalves Crespo, Aristides Teodoro, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Cyana Leahy-Dios, Eliana Vieira (Lia Vieira), Esmeralda Ribeiro, José Endoença Martins, Júlio Emílio Braz, Landê Onawalê, Michel Yakini, Miriam Alves, Nascimento Moraes, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Ramatis Jacino, Ruth Guimarães, Waldemar Euzébio Pereira.

Acerca dos romances publicados, inventariamos 61 romances afro-brasileiros, publicados entre 1859 e 2016, de autoria de 29 escritores, sendo Machado de Assis o autor que publicou a maior quantidade de obras deste gênero: nove. Em seguida, temos Nei Lopes,

com cinco publicações.

O autor Lima Barreto conta com quatro romances publicados em casas editoriais brasileiras. Com três publicações, podemos apontar Joel Rufino dos Santos, José do Patrocínio, José Endoença Martins e Martinho da Vila. Com dois romances publicados podemos apontar: Ademiro Alves (Sacolinha), Aline França, Ana Maria Gonçalves, Arlindo Veiga dos Santos, Conceição Evaristo, Muniz Sodré, Oswaldo Faustino, Paulo Lins e Raymundo de Souza Dantas.

Dos 29 autores de romances afro-brasileiros, 13 contam com apenas um romance publicado, sendo eles: Alzira dos Santos Rufino, Anajá Caetano, Carolina Maria de Jesus, Eustáquio José Rodrigues, Fausto Antônio, Francisco Maciel, Márcio Barbosa, Maria Firmina dos Reis, Mirian Alves, Nascimento Moraes, Ramatis Jacinto, Romeu Crusoé e Ruth Guimarães.

A respeito da poesia afro-brasileira, foram inventariados 271 livros individuais, publicados entre 1856 e 2017, de autoria de 79 escritores. Com o maior número de livros de poesia individuais publicados, dezenove no total, temos o poeta mineiro Edmilson de Almeida Pereira. Em seguida, com dez publicações individuais, aparecem dois autores: Lino Guedes e Ronald Augusto.

1 Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG, onde concluiu Pós-Doutorado. Professor do CEFET-MG. Coordenador do GIECE.

2 Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG, onde concluiu Graduação em Letras – Tecnologias de Edição. Membro do GIECE.

3 Nesta seção optamos por dispor os autores em ordem alfabética de seus nomes a partir da planilha de levantamento de dados utilizada neste estudo.

Totalizando nove livros individuais de poesia negra/afro-brasileira publicados, temos dois autores: Oliveira Silveira e Salgado Maranhão; enquanto três poetas publicaram, individualmente, oito obras cada um: Cuti, Eduardo de Oliveira e José Ailton Ferreira (Bahia).

Com sete publicações, podemos apontar três autores: Bernardino da Costa Lopes, Elio Ferreira e José Endoença Martins. Três autores: Adão Ventura, Ivan Cupertino e Solano Trindade, por sua vez, tiveram, cada um, seis livros publicados.

Totalizando cinco livros individuais de poesia afro-brasileira publicados, temos quatro autores: Anelito de Oliveira, Cyana Leahy-Dios, Lourdes Teodoro, e Oubi Inaê Kibuko.

Com quatro livros individuais de poesia negra/afro-brasileira, podemos apontar nove autores: Ana Cruz, Anízio Viana, Aristides Theodoro da Silva, Cruz e Souza, Domínio Proença Filho, Éle Semog, José Carlos Limeira, Santiago Dias, Waldeimar Euzébio Pereira

Totalizando três livros individuais de poesia afro-brasileira publicados, temos doze autores: Abelardo Rodrigues, Antônio Vieira, Arnaldo Xavier, Cristiane Sobral, Fausto Antônio, Geni Guimarães, Hermógenes Almeida, Livia Natália, Machado de Assis, Marcos A. Dias, Marcos Fabrício Lopes da Silva, Oswaldo de Camargo e Paulo Colina (Paulo Eduardo de Oliveira).

Com duas publicações, podemos apontar dezesseis autores: Aciomar de Oliveira, Aloísio Resende, Alzira dos Santos Rufino, Arlindo Veiga dos Santos, Carlos Correia Santos, Carlos de Assumpção, Edson Lopes Cardoso, Eliane Marques, Jônatas Conceição, Jussara Santos, Lande Onawale, de Mel Duarte, Miriam Alves, Nei Lopes, Paula Brito, Ricardo Dias e Rita Santana

No entanto, 22 dos 79 poetas inventariados, contam com apenas uma publicação autoral, sendo eles Abdias Nascimento, Abílio Ferreira, Allan da Rosa, Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Estevão Maya-Maya, Fernando Conceição, Francisco Maciel, Gonçalves Crespo, GuellwaarAdún, JamuMinka, LepêCorreia (Severino Lepê Correia), Lia Vieira (Eliana Vieira), Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Maria Helena Vargas (M. Helena Vargas da Silveira), Michel Yakini, Nelson Maca, Paulo Lins e Sérgio Ballouk.

Em resumo, dos 42 contistas, apenas três possuem pelo menos cinco livros de contos publicados; dos 29 romancistas, apenas dois possuem pelo menos cinco obras publicadas e, dos 79 poetas, apenas deztoito possuem pelo menos cinco obras individuais publicadas.

Períodos de publicação⁴

Compreendendo a frequência de publicações a partir dos marcos políticos brasileiros,

consideramos, em um primeiro momento, o ano em que ocorreu a primeira publicação do gênero especificado até o ano de 1888, quando foi decretada, pela Lei Áurea, a abolição da escravatura no país, totalizando 08 livros de contos publicados, 09 romances e 08 publicações individuais de livros de poesia afro-brasileira.

O segundo período definido, compreende os anos de 1889, imediatamente posterior à abolição da escravatura no Brasil, em 1888, até o ano de 1929, ano que antecede o fim da Primeira República e o início da Era Vargas. Ao longo desses 40 anos, foram contabilizados 07 livros individuais de conto, 10 romances publicados e 11 livros individuais de poesia afro-brasileira.

O período imediatamente posterior, compreendendo os anos de 1930 a 1945, tem como marcos a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) e, especificamente no Brasil, a Revolução de 1930 e a Era Vargas. Neste momento histórico, foram publicados 01 romance e 13 livros de poesia afro-brasileira, contudo, neste recorte temporal não houve a publicação de livros de contos afro-brasileiros.

O quarto período de análise foi definido a partir do final do governo de Getúlio Vargas, em 1945, até o ano que antecede o governo militar, iniciado em 1964 e, durante este momento, foram publicados 02 livros de contos, 05 roman-

4 Não foi possível determinar o ano de publicação de algumas obras, pois esta informação não estava contida nas fichas catalográficas.

ces e 09 livros individuais de poesia afro-brasileira.

O quinto intervalo histórico de estudo compreende os anos de 1964 a 1985, período em que vigoraram no Brasil diversos governos militares. Ao longo destes anos foram publicados 06 livros individuais de contos afro-brasileiros, 02 romances e 53 livros de poesia.

O último período de análise tem início com o fim do regime militar no Brasil e o estabelecimento da Nova República, em 1985, pela eleição de Tancredo Neves, e se estende até o ano em que foi finalizado o levantamento de dados que permitiram a elaboração destas considerações. No período, foram publicadas 64 obras individuais de contos afro-brasileiros, 37 romances e 175 publicações de livros de poesia afro-brasileira.

Casas editoriais

Mesmo tendo o levantamento apontado apenas 88 livros de contos publicados, sua materialização ocorreu por meio de 55 iniciativas casas editoriais distintas, já os 61 romances foram publicados através 56 iniciativas editoriais e os 271 livros de poesia, foram publicados a partir de 114 iniciativas editoriais distintas. Consideramos iniciativas editoriais as publicações que são impressas através de uma editora ou selo editorial, bem como as publicações que são fruto de edições do próprio autor.

Locais de publicação⁵

Das 88 publicações de contos, 28 aconteceram na cidade do Rio de Janeiro/RJ; 24 na cidade de São Paulo/SP; e 13 na cidade de Belo Horizonte/MG. Em Salvador/BA, foram publicados cinco livros de contos. Em Porto Alegre/RS e Santos/SP, ocorreram duas publicações em cada uma das cidades. Nas cidades de Blumenau/SP, Brasília/DF, Lorena/SP, Petrópolis/RJ e São Luís/MA foi localizada a publicação de apenas um livro de conto em cada uma.

Dos 61 romances publicados, 31 publicações ocorreram na cidade do Rio de Janeiro/RJ; 13 em São Paulo/SP e 03 em Salvador/BA. Em Belo Horizonte/MG, Blumenau/SP, Florianópolis/SC e São Luís/MA, ocorreram duas publicações por cidade. Nas cidades de Belém/PA, Campinas/SP, Curitiba/PR, Porto Alegre/RS e Santos/SP foi localizado apenas um romance publicado em cada localidade.

A respeito dos 271 livros individuais de poesia afro-brasileira, em São Paulo/SP, 70 foram as obras publicadas; no Rio de Janeiro/RJ, foram publicadas 55; em Belo Horizonte/MG, contabilizamos 50 livros; em Porto Alegre/RS, verificamos a publicação de 20; em Salvador/BA, detectamos 15; em Brasília/DF, 09; em Juiz de Fora/MG, 06; em Blumenau/SC e Teresina/PI, identificamos 05 livros; em Niterói/RJ, foram

publicados 04; em Campinas/SP, constatamos 03 obras; em Barra Bonita/SP, Feira de Santana/BA, Mauá/SP, Nova Lima/MG, Recife/PE e Santos/SP, ocorreram, em cada uma das cidades, 02 publicações; já Bauru/SP, Belém/PA, Curitiba/PA, Florianópolis/SC, Franca/SP, Ilhéus/BA, São José dos Campos/SP, São Luiz/MA e Timbaúba/PE contam, individualmente, com 01 livro autoral publicado.

Considerações finais

A despeito do silenciamento de manuais de história da literatura brasileira, a vertente negra de nossas letras tem mostrado vigor e constância produtiva desde, no mínimo, o século XIX. Alguns períodos em que a liberdade de expressão foi maior, houve consequentemente mais intensidade em textos de afro-brasileiros. A luta pela palavra mostra-se em plena necessidade, conforme se vê pela intensificação da produção contemporânea. Sinal dos tempos.

5 Não foi possível determinar a cidade onde se deu a publicação de algumas obras, pois esta informação não estava contida nas fichas catalográficas.

Estudo de romances de autoras negras

Fernanda M. Miranda



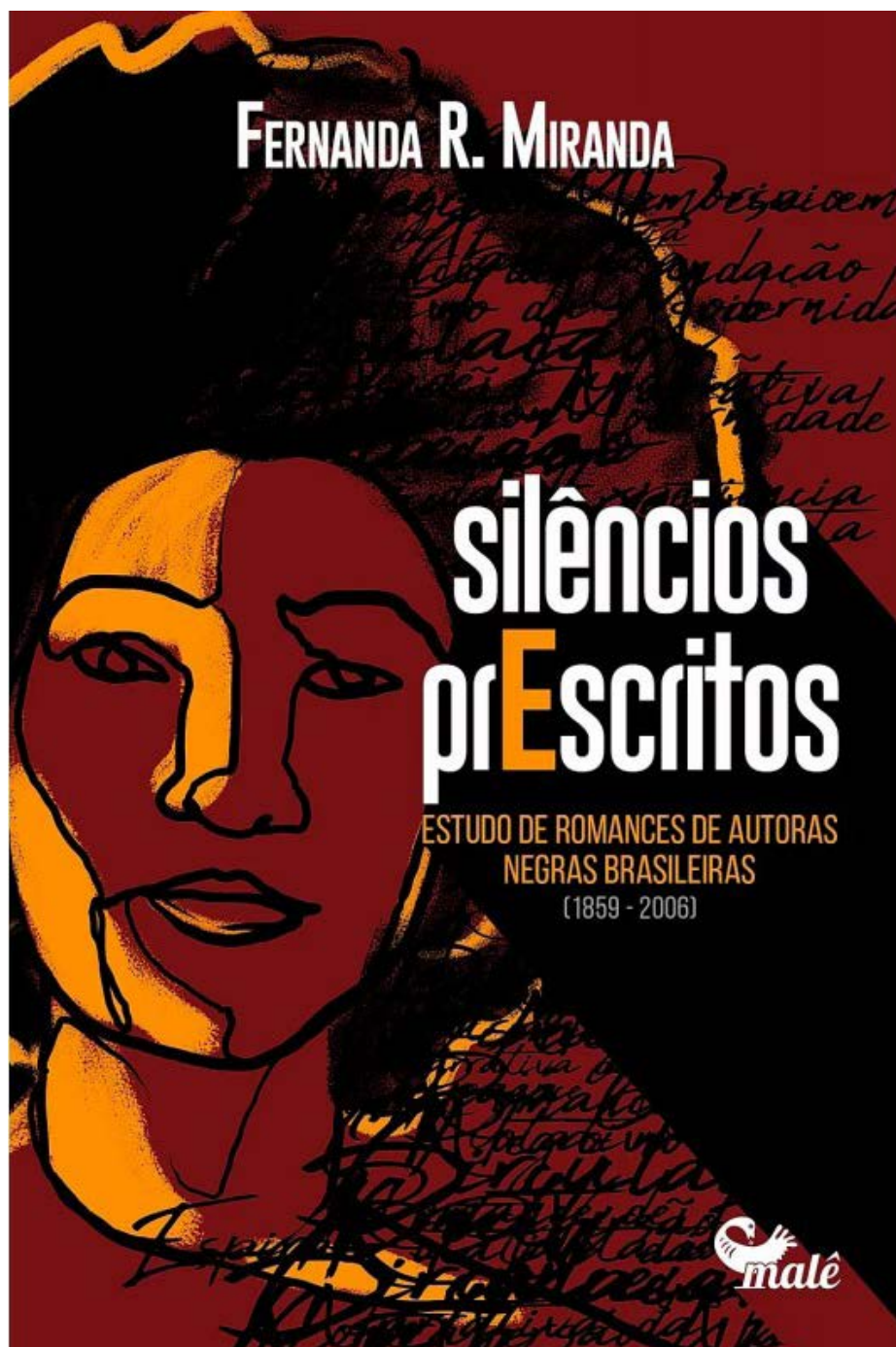
Fernanda Miranda. Foto: Divulgação

A tese de doutorado “Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): Posse da história e colonialidade nacional confrontada”, de autoria de Fernanda Rodrigues de Miranda, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em abril de 2020, foi publicada pela Editora Malê sob o título *Silêncios prEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Neste trabalho, investiga-se o romance e seus desdobramentos formais e estéticos quando em intersecção com a autoria negra, resultando em um estudo inédito no Brasil.

O romance se revela um

gênero pouco abordado nos estudos que se debruçam na autoria negra na literatura brasileira, dessa constatação também resulta a relevância do trabalho, que busca contribuir para a reflexão teórico-crítica por meio da análise de narrativas dispersas no sistema literário brasileiro. A autora percorre ficções publicadas desde o século XIX ao XXI, analisando-as em capítulos individuais e sempre destacando os diálogos e aproximações que as organiza em um corpo literário, do qual se depreende um entendimento profundo da nação em sua engrenagem colonialista constituinte.

As obras são observadas cronologicamente, partindo de “Úrsula” (1859), de Maria Firmina dos Reis, lido como romance de fundação; passando por “Água Funda” (1946), de Ruth Guimarães; “Pedacos da fome” (1963), de Carolina Maria de Jesus; “Negra Efigênia: paixão do senhor branco” (1966), de Anajá Caetano; “A mulher de Aleduma” (1981), de Aline França; “As mulheres de Tijucopapo” (1982), de Marilene Felinto; “Ponciá Vicêncio” (2003), de Conceição Evaristo e chegando a “Um defeito de cor” (2006), de Ana Maria Gonçalves.



A leitura comparada destaca principalmente a potência dessas obras em seu ímpeto de disputar a narrativa da nação, formalizando linhas de fuga às abordagens convencionais que buscaram nos traduzir, enquanto povo, através dos signos da conciliação, cordialidade, e harmonia social/racial. Indo ao contrário dessas noções e do que elas ainda representam no jogo de forças que conformam o social e o político, os romances de autoras negras recolhidos e analisados por Fernanda R. Miranda enunciam a nação principalmente pela égide do conflito, da violência e da intersecção de gênero, raça e classe compondo os matizes do poder. Em conjunto, tais ficções rompem o silenciamento que sustenta também a colonialidade nacional, prescrevendo-o, transformando-o finalmente em Silêncio prEscrito.

"Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006) fala de memórias, resistências, existências recriadas. É um trabalho a ser lido a partir de várias perspectivas, por exemplo: a perspectiva da insurgência das escritoras; a agência das pessoas negras nos mais adversos contextos; modos como mulheres negras interpretam e interpretaram histórias do país; a insistência da sociedade brasileira em manter as bases escravagistas e racistas de violência e crueldade em que tem sido gestada. Assim, o livro fornece uma contribuição significativa e muito oportuna para os estudos da literatura brasileira, em particular da literatura afro-brasileira, devido ao fato de trazer precursoras na escrita do romance de autoria de mulheres negras, em um momento como esse, século XXI, que apresenta, ainda que de modo restrito, um crescimento no número de romances de autoria negra feminina." - Florentina da Silva Souza. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Serviço:

Título: Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)

Autora: Fernanda R. Miranda

Assunto: Ensaio brasileiro; Literatura brasileira; Romances brasileiros; Escritoras negras brasileiras;

Autoria negra brasileira

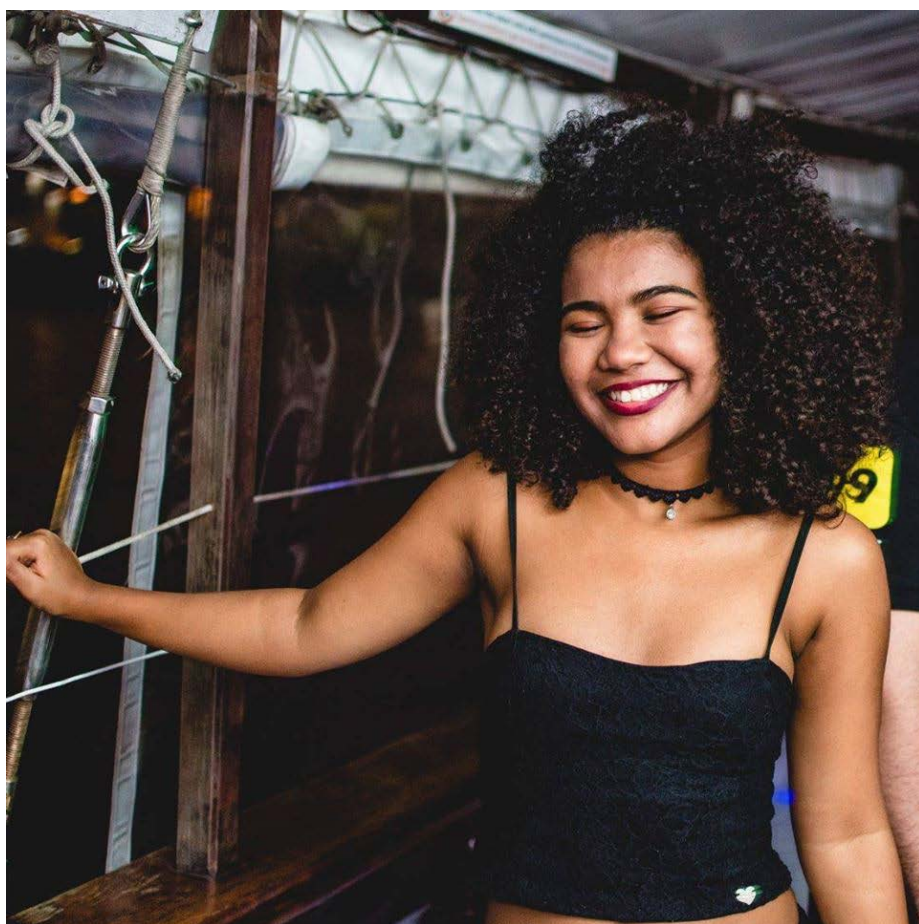
Editora: Malê

ISBN: 9788592736552

Páginas: 364

A poética de confronto de Maria Duda

Henrique Marques Samyn



Maria Duda, autora do livro *Navio Negreiro* (Editora Malê)

O título estampado na capa do livro de Maria Duda é inevitavelmente perturbador para pessoas negras: que sombrias imagens, que dolorosos afetos não ressurgem quando nos deparamos com estas duas palavras – “navio negreiro”? (A capa do livro, assinada por LuangSenegambiaDacach, sintetiza o efeito decorrente da evocação dos “túmbeiros” nas subjetividades negras; é sobretudo pungente a lágrima, cuja cor – não por acaso – replica a do mar.) Pode causar assombro que uma jovem mulher negra assim nomeie sua obra de estreia; contudo, quem já teve a oportunidade de assistir à *performance* em que Maria Duda recita o poema que dá título ao livro sabe que, ao evocar um dos mais poderosos símbolos da opressão contra o povo negro, o que ela faz é confrontar as estruturas racistas que alicerçam a sociedade brasileira. Desse modo, à nomeação do livro subjaz uma estratégia precisa: Maria Duda expõe o ícone do poder que num segundo momento, por intermédio da palavra, implacavelmente demole. Trata-se, em outras palavras, de uma estratégia de enfrentamento.

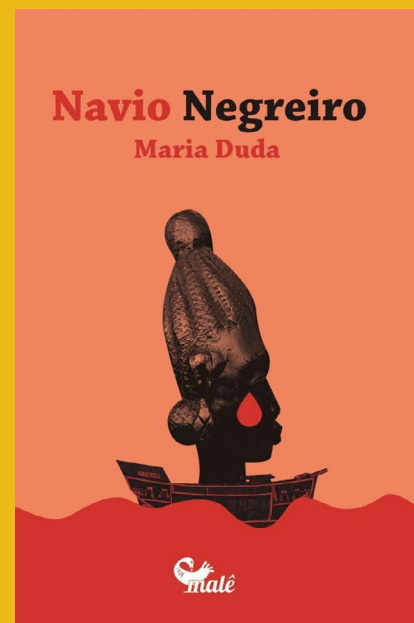
O recurso a essa estratégia pode ser percebido já no poema que abre o livro, cujo título é formulado à maneira de um questionamento – “Quem tem medo da justiça?” Arremessadas em saraivada, as interrogações distribuídas como versos alvejam e enquadram um interlocutor que, se não é explicitamente identificado, pode ser facilmente reconhecido: “Quem é você, que vai pagar pelos corpos jogados nos mares? / “Que vai pagar pela vida de Dandara e de Zumbi dos Palmares? / Quem é você que vai comprar de volta a infância dos que a perderam?”, questionam os versos iniciais. Como uma torrente, as

indagações se acumulam, propiciando a identificação deste “você”, opressor e acovardado; e o questionador discurso logo se converte em inquérito, exigindo a reparação devida: “Quem é você, que manda que extermine o negro e o encarcere? / Quem é você, que matou Marielle? / Apareça você, que matou Marielle / Que faz de nossa dor entretenimento / Que vai sofrer na pele a catarse do meu ressentimento / Marcharemos outra vez em direção à liberdade / Tiraremos o seu nome das ruas dessa cidade”. A anunciada ânsia por justiça retorna no desfecho do poema, que retoma o título; agora, contudo, é direcionada a este “você” – uma presença fantasmática que permanece ao longo de todo o livro.

Perpassando *Navio Negroiro*, a oposição “você(s)”/“-nós” delineia o campo para os enfrentamentos aos quais Maria Duda se lança, sem receios ou refreios. Vocalizando as demandas de uma coletividade racialmente determinada, Duda produz um tensionamento discursivo, posicionando-se em favor de seus pares – um oprimido contingente no âmbito do qual cedo percebeu seu lugar. Assim, ela denuncia como um “Crime absoluto” a opressão sobre o povo negro, transformando em matéria poética a consciência da injustiça: “Mataram meu avô aos poucos, não só no hospital / Antes no manicômio, na favela e no sistema prisional / Eu sei que planejaram cada metro desse chão / Pra não chegar ambulância, paz, muito menos educação / Mas esquece isso, acabou faz tempo a escravidão / Só que não dá pra perder uma pátria que não nos pede perdão”.

No conjunto do livro, “Navio negroiro” se destaca não apenas por ser o poema cujo título estampa a capa, mas também pela excelência que o qualifica para constar em qualquer antologia poética negro-brasileira. “Vocês pintam que racismo não existe / Que com a escravidão ele ficou / Então vamos lá rever os fatos e desconstruir esse mito fundador”, dizem os versos que abrem a composição, que então passa a cumprir a tarefa proposta – questionando a mitificação isabelista; abordando a continuidade das estruturas escravocratas e seu legado, particularmente para as mulheres negras; versando sobre o genocídio negro. Mais uma vez, Maria Duda confronta seu interlocutor fantasmático, evocando no verso final a figura que opera como ícone maior de toda a violência e opressão racistas: “Afiml, é fácil para você falar que mar calmo nunca fez bom marinheiro / Acontece que isso aqui não é Titanic / É pior / É navio negroiro”.

Nesses e nos demais poemas que o compõem, o livro de estreia de Maria Duda demonstra uma notável consistência – algo que demanda relevo, sobretudo, quando consideramos a juventude da autora. Não menos significativa é sua economia discursiva: seja quando constrói poemas mais longos, seja quando opta por formas breves, Duda não recai em excessos que diluam a força de sua voz. Porque tem o que dizer e porque sabe como fazê-lo, Maria Duda chega pedindo passagem – e se afirmando como um dos mais promissores nomes da literatura brasileira contemporânea.



Serviço

Título: Navio Negroiro

Autora: Maria Duda

Páginas: 84

Assunto: Poesia brasileira

ISBN: 978-85-92736-51-4

Encadernação: Brochura

Formato: 13x19

PERFIL:

Maria Duda

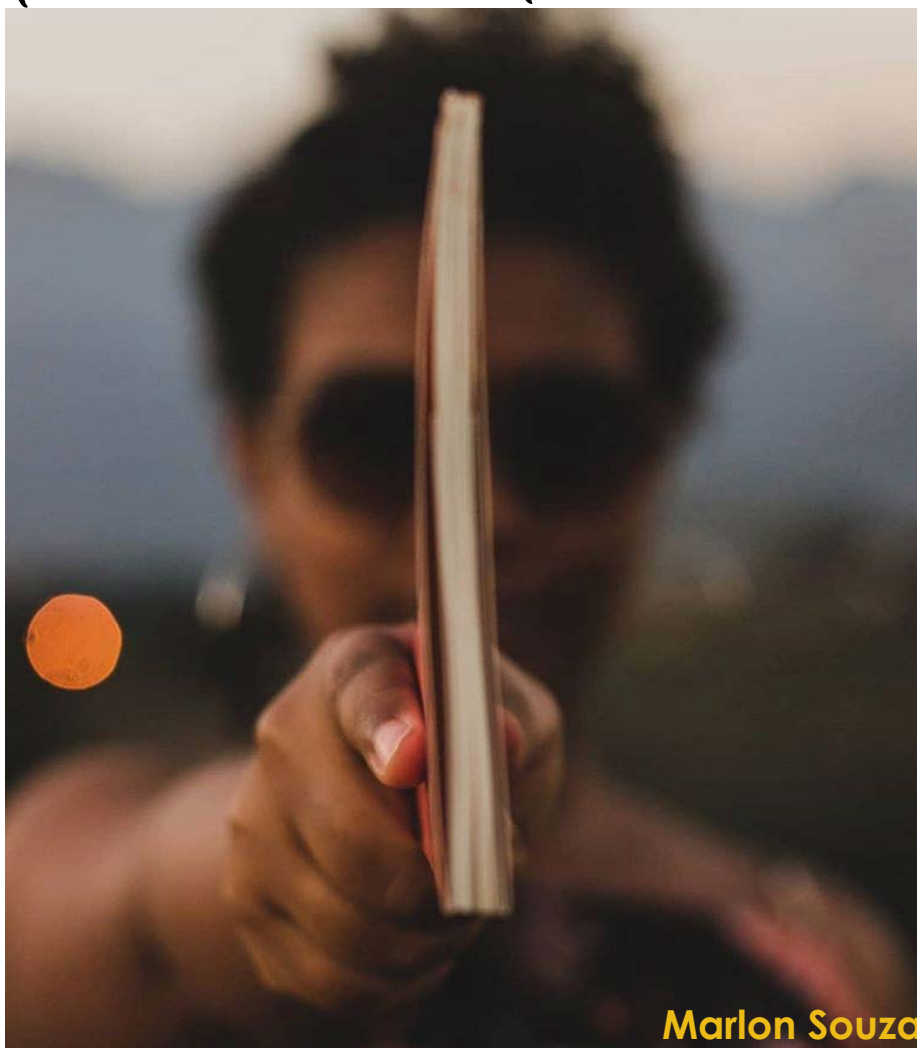


Foto: @pureza_prod

O SLAM surgiu na década de 80 nos Estados Unidos e nos últimos anos tivemos um aumento significativo de encontros de SLAMs em diversos estados. Bem como no cenário literário, em eventos tradicionais como a FLIP e em publicações por diversas editoras de poetas que surgiram a partir do movimento. No ano de 2018 a FLUP sediou o Campeonato Nacional de Poesia Falada dando ainda mais visibilidade ao circuito de Slam's e aos poetas em sua maioria à margem como negros, periféricos, mulheres e LGBTQs.

Maria Duda participou do circuito de poesia preta da Flup e venceu a "FLUP SLAM PEQUENA ÁFRICA" em 2018 e tendo seu livro de estreia "NAVIO NEGREIRO", publicado pela Editora Malê, durante a FLIP em 2019. A jovem negra é poeta, estudante de Relações Internacionais na UFRJ e integra o coletivo *NósdaRua*. Voz potente que tem conquistado cada vez mais notoriedade em diversos espaços com seus versos compostos de uma denúncia urgente de questões relacionadas ao povo negro, mulheres, periféricos e marginalizados.

Mahin: Em Navio Negroiro, poesia que dá título ao seu primeiro livro publicado, você traz uma série de críticas, sobretudo, ao racismo e à escravidão. Como você descreveria sua poesia falada e escrita?

Maria Duda: Acredito que minha poesia é como um fôlego. Pra mim, escrever uma poesia é tornar conseguir respirar depois de dizer as coisas que digo. Recitar uma poesia é conseguir gritar pra mudar as coisas que digo. É um convite aos nossos irmãos pra que entrem nesta luta conosco, ao mesmo tempo em que é uma súplica os orixás pra que seus ventos, águas, raios, armaduras e folhas nos protejam e no curem dentro desse processo incrível, e incrivelmente doloroso que é nascer negro no Brasil.

Mahin: O lançamento de Navio Negroiro aconteceu durante a FLIP 2019 na casa das poéticas negras na programação paralela ao evento principal. Além de participar de diversos encontros durante a festa. Para você como poeta e jovem negra, qual a importância de ocuparmos esses espaços?

Maria Duda: Ao mesmo tempo em que tentamos mostrar que a poesia pertence sim, a rua, também tentamos mostrar que a nossa poesia pertence a esses espaços. É importante participarmos desses espaços como uma forma de democratização dos espaços culturais e de ampliação do acesso a esses espaços a diversos públicos.



Mahin: Diferente dos tradicionais saraus de poesia que geralmente tem um público mais velho, o movimento de SLAM tem atraído cada vez mais jovens e dando voz a essas pessoas. Como você definiria o atual movimento de SLAM?

Maria Duda: O SLAM pra mim é como um grito uníssono de poetas esperançosos e ávidos por justiça e por um futuro mais justo para as próximas gerações. São vozes, em sua maioria jovens, que ecoam as injustiças sofridas todos os dias. Mas é importante não delimitar o SLAM à temática social, afinal, não há tipo de poesia certo para um SLAM, é uma oportunidade recitar aquilo que fica dentro de nossos corpos e corações, sem os rótulos do social, da gramática ou do que é considerado “clássico” hoje.

Mahia: Muito além de críticas sociais e denúncias dos problemas que atinge principalmente o povo preto, sempre que eu vejo poetas falando suas poesias, eu penso em empoderamento. O que te empodera?

Maria Duda: Empoderamento é um processo que eu ainda vivo todos os dias, a gente vai se descobrindo mais e se afirmando mais a cada dia. O que me empodera é ver a negritude tão orgulhosa de sua própria negritude, hoje. Amando seus cabelos e peles e se afirmando negra dentro de uma sociedade racista, exaltando as raízes e buscando se encontrar dentro da ancestralidade.

Mahin: ...E quais são suas principais inspirações?

Maria Duda: As minhas principais inspirações foram os poetas dos primeiros SLAMs que frequentei, e dos vídeos que via na internet quando o SLAM começou a se popularizar. Poetas das periferias do Rio e de São Paulo, e mais tarde, de vários outros estados do Brasil e países do mundo.

Mahin: Sua carreira surge a partir da participação em diversos SLAMs, o que levou você para a publicação do seu primeiro livro. Agora como escritora publicada, você percebeu alguma diferença? Há uma expectativa do que as pessoas acharão sobre seu trabalho?

Maria Duda: Há uma diferença na medida em que o público vira leitor. Quando você recita uma poesia você dá mais importância às emoções que você quer passar no momento, enquanto a leitura da poesia proporciona um momento mais íntimo dela com o leitor. Espero que as pessoas considerem meu trabalho um sopro de esperança para os próximos tempos, definitivamente é o que é “Navio Negreiro” pra mim.

Mahin: Como foi o processo de reunião das poesias para seu primeiro livro. Houve uma seleção de material escrito previamente, ou, tiveram textos escritos especificamente para compor o livro?

Maria Duda: Quando recebi a oportunidade de publicar o livro, as poesias já estavam prontas, afinal, eu já tinha passado por toda uma trajetória dentro dos SLAMS. Quando juntei as poesias, percebi que, sozinhas, elas montavam um caminho que perpassava o tema do racismo de diferentes emoções, e evidenciavam o meu processo pessoal de criar, apesar do “Navio Negroiro”, a autoestima e empoderamento que eu desejo pra toda a negritude hoje.

Mahin: “‘Quem é você, que tem medo da justiça?’ é uma poesia que nos traz à tona as perguntas que ninguém lembra de perguntar.” Quais são essas perguntas para você e qual a importância de trazer ao debate todas essas perguntas?

Maria Duda: Nessa poesia eu questiono quem é o responsável por diversos males acontecidos até então. A resposta pra muitas dessas perguntas, todos já sabemos, para outras talvez nunca saibamos, mas questionar é um ato necessário. Questionar é lembrar que todos esses males aconteceram e aconteceram por um motivo. Aconteceram porque em algum momento, alguém, se sentiu no direito de impor todos esses males sobre nós. E até hoje, muitos se sentem. Por isso é importante debater todas essas perguntas, para que males como estes não aconteçam mais.

Mahin: O que seria Resistir para você?

Maria Duda: Resistência hoje é uma palavra que gera fortes opiniões divergentes. Acho que muitas pessoas entendem resistência como ser forte o tempo todo. É claro que resistir exige uma força, mas não exige ser forte o tempo todo. Resistência é também se deixar sentir, sofrer e descansar. É também resistir contra a uma forma de opressão muito usada contra o povo preto, que é a repressão de seus sentimentos. Isso não é saudável, e se tentarmos ser fortes todo o tempo, uma hora não seremos mais capaz. Resistir, pra mim, é também se permitir a ter sentimentos e a senti-los.

Mahin: Não crescemos incentivados a ocupar espaços, mas movimentos como o SLAM é dar voz justamente aos que a todo o momento são silenciados. Não só nos encontros presenciais, como também nas redes sociais e no Youtube. Vemos cada vez mais jovens engajados em questões políticas e sociais. Como você enxerga esse crescente diálogo, seja através de uma poesia falada e escrita, como também em postagens nas redes sociais?

Maria Duda: Como eu falei um pouco acima, as minhas primeiras inspirações vieram da internet. Vieram do Youtube. A internet é uma ferramenta acessível que permite uma viralização de conteúdo muito facilmente, que amplia o diálogo com os mais diversos públicos. Um espaço de troca de opiniões e divulgação de trabalhos que nos permite demonstrar uma identidade. Nos permite existir não só como escritores e poetas, mas também como personalidades.

Mahin: No SLAM não é preciso ter um livro publicado, nem ser considerado um “intelectual”, é aberto e agregador para todos que querem falar sua poesia. Parte da ideia de que todos nós somos capazes de fazer poesia. Qual a importância dos SLAM para você?

Maria Duda: O SLAM, pra mim, foi um momento de comunhão. Foi a primeira vez em que me senti alinhada e a um grupo de pessoas. É sobre achar jovens que passam pelos mesmos processos que você e passá-los juntos, e usar a poesia como um jeito de se expressar frente a todos esses processos. É aprender um pouco mais sobre cada poeta e sair um pouco mais reflexivo e tocado a cada poesia escutada, e mais leve, a cada poesia recitada.



RESENHA

O grito como navalha

Por Lucas Litrento

Em *CaviaPorcellus*, Ana Iris Santos faz as vozes das margens ecoarem no centro da página.

Para algumas pessoas, boa poesia é sinônimo de beleza das flores, dos lírios dos campos, dedos entrelaçados, etc... Isso não é nem o começo. Poesia de qualidade é sinônimo de

inquietação. Se o texto é bom o efeito é sempre o mesmo: chocam-se as rachaduras do crânio. Em *CaviaPorcellus* (Graciliano, 2018), com sua poética das entranhas, Ana Iris Santos

revela um domínio na construção de *punchlines* que ressoam para além da primeira leitura.

No seu livro de estreia, a poeta é precisa na construção de imagens logopaicas. No

poema que dá nome ao livro, o eu-lírico traça criticamente, em apenas um verso, a rotina pela qual as mulheres foram (e são) condicionadas: "leite corte lã"(p.21). Como os planos de engrenagens dispostos em papel, o trecho é seco e objetivo, mas com muito movimento. A imagem cheia de repetição, por si só, já diz muito sobre as relações entre os gêneros ao longo da história da humanidade. E segue: "toda mulher deve morrer / no ódio à vida sabendo / de si gritando de si"(p. 21).

CaviaPorcellus é o nome científico do porquinho-da-índia, um animal aparentemente indefeso, mas que tem na sua descendência várias espécies selvagens. Esconde por trás de certa fraqueza uma maquinaria de violências. Com a expectativa de vida de apenas 8 anos, o roedor é comumente usado como cobaia em testes científicos. Vive enclausurado. De modo inventivo, Ana faz um paralelo entre as características do animal e a condição da mulher que vive nas margens da sociedade dominada pela supremacia branca patriarcal. A metáfora é construída não apenas com o uso dos títulos, fica evidente em todo o livro.

Uma outra autora que usa elementos do mundo animal como metáfora para as atrocidades humanas é a romancista Ana Paula Maia, vencedora da última edição do Prêmio São Paulo de Literatura com o romance *Assim na terra como embaixo da terra* (Record, 2017). Seus protagonistas são homens solitários e pobres que trituram animais mortos nas estradas, atravessam cavernas inexploradas e cremam corpos humanos. No seu universo literário, a linha entre a bestialidade animal e a consciência humana é muito tênue. As condições extremas da marginalidade potencializam a de-

sumanização. Ana explora esses limites em vários momentos: "à noite acendemos lanternas / pro trabalho dos vermes" (p. 17) e

"sangro em miomas

menino e sangue

no mesmo espaço

mundo

menino

e sangue"

(p. 51).

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano* (Cobogó, 2019), o livro mais vendido da Flip deste ano, remete ao pensamento de bellhooks sobre o momento em que produzimos conhecimento: "nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor — a dor da opressão". Todo discurso que vem das margens carrega consigo uma forte dialética centrada na sua própria força. Partir da margem para o centro é um movimento perigoso: de um não-lugar vazio e escuro, do lugar do *outro*, para as luzes opacas das mais ínfimas representações de reconhecimento.

A literatura brasileira, como parte de uma língua mal resolvida com o seu passado colonialista, ainda é um espaço do centro. Isto é: majoritariamente masculino e branco. Ana, além de ser da margem, fala sobre ela. Usar a palavra duplamente contra a hegemonia sempre indicará um movimento violento, um rompimento. É a única saída. Nesse sentido, vários textos do seu livro são blindados antes mesmo de serem lidos. "Dormir ao lado dum pneu / pegando fogo foi seguro" (p. 19). Esse poema, chamado *a única solução é o fogo*, representa bem a crueza gráfica da poética de Ana. É um texto pesado, sobre estupro, com

um eu-lírico feminino desesperançoso e cheio de traumas. Tema recorrente que permeia toda a obra: o trauma, o que vem depois do ato violento. É mostrado sem rodeios, com uma crueza que não perde a leveza poética (no sentido da construção do texto, das elipses, do enxugamento, etc.). O resultado é a potência do grito num texto curto, como navalha, pois "acreditem / vocês jamais suportariam" (p.45).

A violência em dose concentrada, como um tiro que sai das bordas e corta o centro; rasga, dilacera.

E talvez, falar partindo da margem tenha influenciado até a escolha do alinhamento do texto. A partir do romantismo, a maioria dos poetas dispuseram o texto alinhado a uma margem da página, geralmente a esquerda. Os poemas centralizados eram moda na idade média. Em *Cavia*, Ana também estabelece diálogos com literaturas mais antigas (principalmente na cadência da oralidade), mas essa escolha na diagramação pode ser reflexo da reiteração do discurso político. Como se no espaço demarcado do livro, a autora travasse a batalha diária e ganhasse: estando no centro e, enfim, como diz Fanon, *tornando-se*. Pelo menos na parcela mínima do conflito: sendo ouvida. Pois o racismo, enquanto estrutura normal da sociedade capitalista, silencia as pessoas negras, metamorfoseando *sujeitos* em *outros*. A zumbificação (no mau sentido do termo) das pessoas negras é um ato de extrema violência, calar é amputar membros do corpo. Por isso que o grito é como navalha. Poesia afiada.

Essa questão diagramática não é um mérito apenas do discurso, mas também uma qualidade da estrutura dos textos. Porque a mancha gráfica também faz parte da compo-

sição poética. Os espaços vazios, o alinhamento, o não uso das maiúsculas, os sinais gráficos, a escrita do q, etc. A poeta utiliza desses mecanismos para construir uma voz própria que mesmo no primeiro livro já dá sinais de uma presença corporificada.

Os poemas têm um ritmo discursivo que lembra a síncope da *slampoetry*, gênero muito popular entre artistas negras. Com forte influência do rap e da poesia moderna norte americana, o estilo vem se popularizando cada vez mais nas margens. Muitas poetas e rappers surgem das rodas de SLAM. Alguns poemas de Ana têm um ritmo que lembra muito a poesia falada, como em *ponto quarenta*: “não queria sair de casa / com essa ponto quarenta / prateada com preto / é q a língua não fere tanto / não vem com vergonha” (p.63). Outro poema sobre violências sofridas pelas mulheres e o peso da opressão, em paralelo: a resposta que vem com força.

No entanto, em alguns momentos, essa potência é um pouco inconsistente. O livro é curto, o que é importante: a unidade e as dimensões da obra também remetem à navalha, ao discurso afiado. Porque o grito depende do fôlego. Ainda assim alguns poemas parecem um pouco deslocados ou longos demais, perceptível no início do livro (*metzgee o velho senhor frederico*). Principalmente aqueles com cunho narrativo esboçando personagens masculinos. O que não atrapalha a experiência total da obra. O grito também tem variações de volume, depende do fôlego.

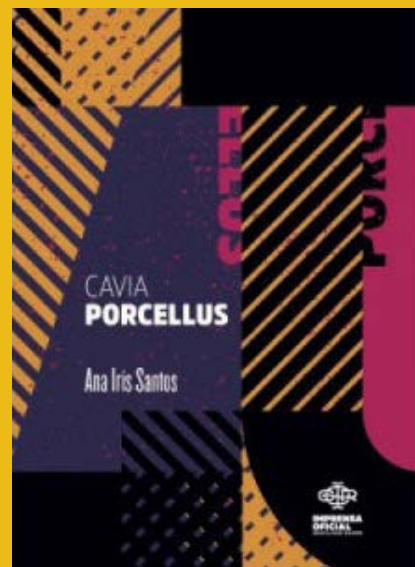
Fôlego que sustenta discursos da margem. E não apenas sobre a experiência da mulher no mundo supremacista branco patriarcal, mas também

sobre cenários do cotidiano daqueles que vivem à sombra da política da morte. Moradores e moradoras das periferias, que veem os seus indo embora rapidamente, diariamente: “Cabô, vinte anos de idade / quase vinte e um”. No poema *F M J 33 anos* (p. 42), o eu-lírico, potente com uma *slammer* ou oradora no púlpito de uma igreja ou de um protesto, constrói vozes e imagens quase documentais e ao mesmo tempo líricas sobre a morte em espaços marginalizados. O texto tem o melhor encerramento dentre os poemas do livro:

“antes do fogo
já era morte
antes de cair
já era entulho”.

E mais uma vez retornando à citação da canção *Cabô*, de Luedji Luna: “Quem vai pagar a conta? / Quem vai contar os corpos? / Quem vai catar os cacos dos corações?”

Os cacos. Estão por toda a obra. Não no sentido de ramificações e mensagens divididas, mas pela mistura violenta dos restos dos crânios rachados da poeta, do eu-lírico e das donas das vozes que ele reproduz e dos leitores e leitoras. Cacos de todas as margens reunidos no centro da página. Porque a autora, parafraseando a poeta afro-alemã May Ayim (traduzida por Jéssica Jess), dá “um passo mais à frente / até a periferia mais longínqua / onde estão minhas irmãs / onde estão meus irmãos”. Em seu primeiro livro, Ana Iris, poeta-mulher-negra (não há como dividir em vírgulas, é tudo interseccionado), traz uma visão particular quando assume a posição de marginal e não de marginalizada, de ser autodeclarada, saber de onde está falando. Em *CaviaPorcellus*, o verso “gira como calha na garganta” (p. 57).



serviços

Editora: Imprensa Oficial Graciliano Ramos

ISBN-13: 9788594651709

ISBN-10: 8594651708

Ano: 2018 / Páginas: 74

Idioma: português

Maréia: histórias de mar e vida

Por Florentina da Silva Souza

Ao apresentar *Maréia* a pesquisadora Florentina Souza afirma que o romance nos conduz a uma prazerosa leitura de histórias. Histórias do modo como se forjaram narrativas heroicas da colonialidade do poder; histórias da resistência daquelas pessoas que foram obrigadas a atravessar o Atlântico e garantiram a reconfiguração de suas culturas.

Miriam Alves é uma escritora que atua exitosamente em versos e prosas; escreve poemas, contos e mais recentemente romances. Com textos publicados no Brasil e no exterior, sua obra foi tema de dissertações, teses e artigos e consta de antologia variadas de literatura brasileira e de literatura afro-diaspórica. Conhecedora das potencialidades linguagem possui textos de tons líricos, afetuosos, mas também outros em que a força e vigor da luta e da insurgências mostram-se patentes e potentes.

No seu novo romance, *Maréia*, oferece ao leitor histórias aparentemente independentes que se cruzam na brutalidade da experiência colonial forjada na mentira, no logro e no ganho financeiro e social de um grupo de personagens; mas também na luta, resistência e crença na força e vitória da cultura por parte de outro grupo. Assim, o romance pode nos levar à história dos Menezes de Albuquerque, mas principalmente da família de Maréia, personagem que dá título ao romance. Pode nos levar à história do processo de enriquecimento de famílias brancas que com violência e brutalidade ascenderam e conquistaram prestígio na sociedade brasileira – uma metonímia para o processo de escravização impetrado em todos países da afro-diáspora. Porém, enfaticamente, nos leva a conhecer a tradição de um grupo de afrodescendentes que foi zelosamente compartilhada para não ser esquecida: “os relatos de Maria Dorotéia Nunes dos Santos, chamada carinhosamente de vó Déia, transmitia à neta, detalhes sobre sua ascendência,



Miriam Alves. Foto: Gean Carlo Seno

para que a memória não esmaecesse, na bruma branca do esquecimento”, diz a narradora.

É também um romance sobre memória (s) e o seu processo de constituição, para os Menezes de Albuquerque, a história heróica é contada e documentada para esconder a pusilanimidade:

As verdades aprisionadas naquela casa, eram muitas, não se coadunavam com as versões de conquistas, (...). Não mencionava so-

bre os detalhes sórdidos de como se estabeleceu o poder e a influência social e política, ameahado pela família quatrocentona, que comandava o destino da nação, independente de quem se sentasse na cadeira presidencial.

No entanto, a memória da família de Maréia, é uma memória de resistência narrada com vistas ao futuro, à possibilidade de que o objeto símbolo mítico usurpado retornasse à família para reconstituir o ciclo da história:

Contava-se que, o tal artefato, teria vindo para o Brasil no tempo do Império, sem detalhar a proeza de quem, e como, o haviam trazido. As informações imprecisas, davam conta que fora enterrado, por um cativo em uma fazenda, num local, que as escondidas, pudesse reverenciá-lo, sempre que por ali passava. No entanto, foi desenterrado pelo capataz, entregue àquele que se dizia dono da terra, foram encontrados, pouco tempo depois, perto do riacho, em estado de putrefação, morreram, misteriosamente, espumando pela boca, com filetes de sangue misturados a uma baba branca e gosmenta. O escravizado evadiu-se das terras dos Albuquerque, depois apareceu com a peça na casa da tia Fé, para sumir de novo, em paradeiro desconhecido, no entanto Marcílio e Dorotéia, esperavam o dia em que ela retornaria ao seu lugar de origem.

Em contexto que envolve fé, mistérios e maldições, versões diversas de uma história que pode ter ocorrido em qualquer país da diáspora, a narradora constrói um enredo no qual os dois grupos de personagens possuem vidas paralelas, permeadas pela fé no mistério por um lado e pelo medo des-

crente do outro. A fé garante a vida, a continuidade e a certeza da magia do retorno. Retorno de um objeto sagrado trazido para o Brasil por um escravizado e que fora roubado. Personagens ligados ao roubo são misteriosamente punidos, mas persistia a certeza que o objeto desaparecido “retornaria ao lugar de origem”.

Mortes misteriosas, loucura, doença misteriosa, violência contra escravizadas, contra mulheres, contra homens e mulheres negros/as versus habilidade musical, pesquisa sobre antepassados, solidariedade feminina, desdobramentos de “eus” tornam a narrativa uma história também de suspense. A que atribuir tanta maldição na família dos Menezes de Albuquerque? A que atribuir as lutas e conquistas da família de Maréia? Que relações as famílias têm com passado colonial?

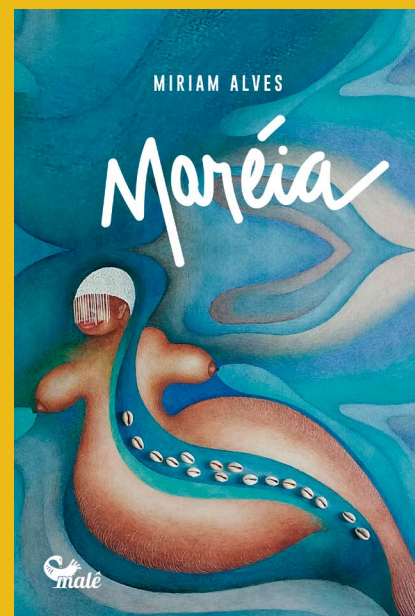
Os mistérios que envolvem Maréia e sua família são desvendados nos capítulos finais em que narrativas míticas iorubás trazem para o leitor a riqueza de histórias ancestrais permeadas de palavras e expressões da língua ioruba, cujos significados são sugeridos na própria narrativa e reforçados no glossário generosamente colocado ao final do livro.

O romance é, pois, um texto que, em agradável tecido narrativo, nos conduz a uma prazerosa leitura de histórias. - Histórias do modo como se forjaram narrativas heroicas da colonialidade do poder; histórias da resistência daquelas pessoas que foram obrigadas a atravessar o Atlântico e garantiram a reconfiguração de suas culturas; história de gente que fez da tradição e da música fios para costurar sua exis-

tência; história das mulheres negras que mantiveram os laços familiares e culturais fazendo dialogar presente, passado e futuro. Maréia e as gêmeas Odara e Anaya se juntam e através da música parecem *reinstaurar* o mito ancestral.

Os romances escritos por mulheres negras no Brasil são poucos e ainda pouco estudados⁶, Miriam Alves, entre outras escritoras negras, tem dado sua contribuição para que este quadro se modifique, vez que este é o seu segundo romance. Romance que aproxima a história ancestral e colonial a histórias do presente, apontando nas mesmas o modo como as mulheres negras e suas famílias atuam de modo discreto e/ou incisivo para manter as tradições ancestrais e para acompanhar as transformações que ocorrem ao seu redor.

Um romance de histórias, suspense vozes e mares!



Serviço:

Título: Maréia (Editora: Malê)

Autora: Miriam Alves

Assunto: romance brasileiro; literatura brasileira

ISBN: 9788592736491

Páginas: 188

6 A este respeito veja-se a tese de Fernanda Rodrigues de Miranda, intitulada “Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006) Posse da história e colonialidade nacional confrontada”. USP, 2019.

No limite do desafino:

análise de canções do disco *Quarto de Despejo* (1961), de Carolina Maria de Jesus

Por Natália Barcelos Natalino

Capa do disco *Quarto de despejo*



São duas, no mínimo, as dificuldades que se enfrentam ao tratarmos da canção de Carolina Maria de Jesus: a primeira delas, refere-se ao escasso número de materiais e referências acerca do tema; a outra, diz respeito ao fracasso comercial do disco, lançado em 1961, homônimo ao livro-diário *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, fenômeno editorial publicado em 1960. Não devemos, contudo, atribuir isso à falta de qualidade, mas antes, como muito bem destacou Elena Pajaro, historiadora do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em entrevista à Rádio USP no dia 5 de maio de 2015⁷:

A produção musical de Carolina pode ser vista num conjunto mais amplo: envolve não só as letras de música como também suas poesias e provérbios, além de sua própria narrativa proverbial. Essa narrativa está de acordo com outras manifestações afro-americanas e afro-brasileiras que demonstram uma intenção mais voltada para a interiorização. (PAJARO, 2015)

A faceta letrista e cantora presente em Carolina ainda é, anos depois, negligenciada. Encarando tais dificuldades, me resta tão somente caminhar no campo da especulação – debruçando-me, é claro, em pesquisas já realizadas e textos de apoio teórico no âmbito dos estudos de canção e vocoperformance, a exemplo de estudiosos como Claudia Neiva de Matos, Luiz Tatit, Lia Tomás, Paul Zumthor, José Miguel Wisnik, Jean-Luc Nancy, Antonio Cícero e Fernanda Teixeira Medeiros.

Apesar de não se identificar com a lógica do mercado, inevitável em todo grande lançamento da esfera cultural, Carolina reivindicava sua independência: “não quero ser

7 Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/06/05/manuscritos-de-carolina-maria-de-jesus-revelam-aspectos-da-cultura-africana/>> Acesso em: 22 fev. 2019.

teleguiada", dizia. Desejava e recusava o sucesso, contraditoriamente. A verdade é que, como aponta Germana H. P. de Souza, Carolina não acertou o passo porque não servia para ser "teleguiada", tampouco para ser mercadoria. (SOUZA, 2012: 18)

O LP *Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições* foi lançado, na época, pelo selo RCA Victor, conhecido atualmente como Sony Music. O raro LP faz parte do Acervo José Ramos Tinhorão, sob guarda do Instituto Moreira Salles (IMS)⁸. Graças ao centenário de Carolina, em 2014, a Rádio Batuta, do próprio IMS, disponibilizou o conteúdo completo online⁹. Todas as composições são de Carolina, acompanham Maestro Francisco Moraes nos arranjos e direção artística de Júlio Nagib.

A disponibilização do conteúdo possibilitou, ainda, que outras plataformas se utilizassem do material, como é o caso do *youtube*. Publicado em 30 de setembro de 2016, um vídeo com o álbum completo conta com mais de quarenta mil visualizações, ou melhor, audições, e diversos comentários. Dentre eles, destaco o de Clovis Conceição: "Sou negro, criado na favela, hoje tenho 53 anos, estudei em escola pública e sou sociólogo, mas nunca ouvi falar de alguém tão representativa e talentosa. Sinto-me mais uma vez violado por não conhecer desde a minha infância a força e a criatividade de Carolina Maria de Jesus."¹⁰ E aqui levanto o questionamento: por que nos sentimos assim, violados? Por que a produção musical de Carolina Maria de Jesus foi,

tão tardiamente, apresentada ao mundo?

O disco contém doze canções originais da autora, dando continuidade, por meio de uma nova mídia, à narração das mazelas vividas pelos moradores da favela do Canindé. Diz-se, inclusive, que o livro motivou o disco. Diz-se, também, que Carolina já guardava consigo algumas letras, escritas paralelamente ao que, mais tarde, se tornaria o livro-diário. Inevitável não cair nesse tipo especulação: tendo em vista o ano de publicação de ambos – o livro, em 1960; o disco, em 1961 – todas as evidências parecem apontar para a primeira suposição. A apresentação encontrada no verso do LP, assinada por Audálio Dantas, parece, no entanto, não confirmá-la:

Difícil imaginar a música na favela do Canindé. Quando a gente fala em favela de morro carioca – a miséria mais "arejada" – logo imagina dengosas mulatas em requebros, em terreiro de barraco enfeitado de cuícas e tamborins; e no samba que nasce, bonito de autêntico, e depois desce o morro e ganha o asfalto. Mas, que melodias poderiam produzir esta infeliz (mais do que as outras) favela de Canindé, atolada na lama de beira-Tietê; este "Quarto de Despejo" abafado pela opulência da cidade grande de São Paulo? Acontece que houve um milagre no Canindé – um milagre chamado Carolina Maria de Jesus. No princípio era angústia pura, depois a angústia foi registrada em folhas sujas apanhadas no lixo e nasceu um disco paradoxalmente belo, na revelação de uma realidade

desgraçada. E quando nascia o livro nascia também – incrível! – música naquele "Quarto de Despejo". Carolina não sentia, então, os pés atolados na lama, seu espírito elevava-se e pairava sobre os tetos escuros, e via pedaços de céu azul, nuvens cor-de-rosa tocadas em banho por brisa boa. E sobrevinha o milagre da música.

Antes da publicação do livro – lembro-me bem – Carolina me falou de "uns sambas" que escrevera em seus cadernos, mas confesso que não dei importância. Um dia, lá no barraco número 9 da Rua A, ouvi o José Carlos, a Vera Eunice e o João cantarolando "as músicas que a mamãe inventou". Gostei, mas nada disse, de medo que Carolina ameaçava, (ela sempre desejou muitas coisas) cantar no rádio. (Texto de Audálio Dantas para o disco de Carolina Maria de Jesus)

Não é de se espantar que Carolina tenha escolhido a música como suporte para prosseguimento de suas narrativas. Tampouco se faz necessário uma leitura minuciosa do livro-diário *Quarto de despejo* para concluirmos que Carolina era, certamente, uma ouvinte de rádio e apreciadora de canções:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas (as mulheres casadas), têm de mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados.

8 Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea | CEP 22451-040 - Rio de Janeiro/RJ | Tel.: (21) 3284-7400 | Horário de visita: de terça a domingo, exceto feriados (exceto segunda), das 11h às 20h.

9 Disponível em: <<https://radiobatuta.com.br/selecao/carolina-maria-de-jesus-canta>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

10 Disponível em: <<https://youtu.be/t3dzlAr4euo>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

(Jesus, 1960: 17-18)

Páginas depois, a ouvinte de valsas vianenses também registra:

5 de dezembro

Hoje eu estou estreando um rádio. Toquei o rádio até as 12. Ouvi os programas de tango. O Orlando ligou a luz.

(...)

6 de dezembro

Deixei o leito as 4 da manhã. Liguei o rádio para ouvir o amanhecer do tango. (Jesus, 1960: 136)

Ao jornal *Última Hora*, no dia 27 de maio de 1957, Carolina declarou: "Minha diversão predileta: ouvir o rádio. Gosto de novelas do Wálter (Gerhard) Forster e música de (Antônio) Rago. Quando não estou escrevendo ligo o rádio e escuto. O rádio tem me ensinado muita coisa". A partir dessa declaração, podemos inferir que o seu conhecimento autodidata é, em grande parte, também auditivo – confirmando, assim, as influências de sua tão curiosa e expressiva formação cultural.

Cabe lembrarmos que, nesse contexto, o rádio era um objeto presente nas casas, e como não podia deixar de ser, também na de Carolina. Caminhando nesse sentido, Carla Lavorati, aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, em seu artigo intitulado "Uma voz que vem das margens: Carolina Maria de Jesus", anotou algumas observações pertinentes:

Carolina Maria de Jesus viveu na era do rádio. Acompanhou, de certo modo, a difusão de cantores como Ari Barroso e Adoniran Barbosa, dançou ao som da marcha-rancho de Francisco Alves, cantarela, quem sabe, a música Dama das Camélias, as valsas de Or-

lando Silva, o samba de Carmem Miranda... Talvez, por isso, as composições de seu disco Quarto de Despejo trazem os embalos dos ritmos populares que marcaram sua época e que foram difundidos pelas ondas do rádio e espalhadas pelo território brasileiro. São composições musicais ora por melodias alegres ora por tons de lamento de tristeza, sempre entoadas pela voz forte de Carolina. (Lavorati, 2014: 174)

Tomando apenas este trecho, Lavorati confirmou evidências presentes no livro e poupou-me parte do trabalho: compreender, preliminarmente, que a Carolina é, para além de todos os adjetivos que lhe são atribuídos, uma ouvinte de canções. Sendo assim, meu exercício restringiu-se somente em ouvir, exaustivamente e atentamente, tal como uma ouvinte – e, como ouvinte transcrio o ouvido em autoria –, o disco *Quarto de Despejo* – a fim de compreender, sobretudo, quais mecanismos foram usados e se há, como supõe alguns estudiosos no âmbito dos estudos de canção, uma espécie de "assinatura" presente na voz de Carolina Maria de Jesus.

Diferente de muitos intérpretes, não há como afirmar se Carolina vocalizou poemas feitos exclusivamente para serem lidos no papel. Do mesmo modo, podemos pensar no efeito contrário: vislumbrar se as letras das canções que compõem o disco *Quarto de despejo* podem, igualmente, serem potencializadas se encaradas como poemas "mudos", não vocalizados.

A voz por trás do disco

Não é raro que quase todo e qualquer texto sobre Carolina se inicie narrando sua trajetória e destacando suas mazelas vividas na favela do Canindé. Não é raro, tam-

bém, que o nome de Audálio Dantas figure tantas vezes por esses textos. Insistentemente atribui-se ao jornalista o sucesso de Carolina: com a capa estampando uma moça branca de biquíni, a revista *O Cruzeiro*, de 20 de junho de 1959, parecia como outra qualquer de uma das publicações ilustradas mais vendidas do Brasil, pertencente ao império monopolista de Assis Chateaubriand. No entanto, dentro daquela edição de número 36, havia uma matéria com uma escritora até então desconhecida. "Retrato da favela no diário de Carolina", assinada por Audálio Dantas, apresentava a seus leitores a mineira Carolina Maria de Jesus, moradora da rua A, número 9, da antiga favela do Canindé, de São Paulo.

Não dispensarei apresentações: infelizmente, em se tratando de Carolina Maria de Jesus, ainda não podemos dispensá-las. Mulher. Negra. Mãe. Favelada. Catadora de papel. Escritora. Esses são muitos dos adjetivos que serão encontrados por aí, bastando uma breve pesquisa. E, por que não, letrista e cantora? Não se pode negar que Carolina de Jesus, de fato, infiltrou-se na literatura brasileira pela porta da mídia – e, evidentemente, todos esses adjetivos contribuem para um certo "fetiche" de sua imagem, sempre atrelado a uma escritora de relato.

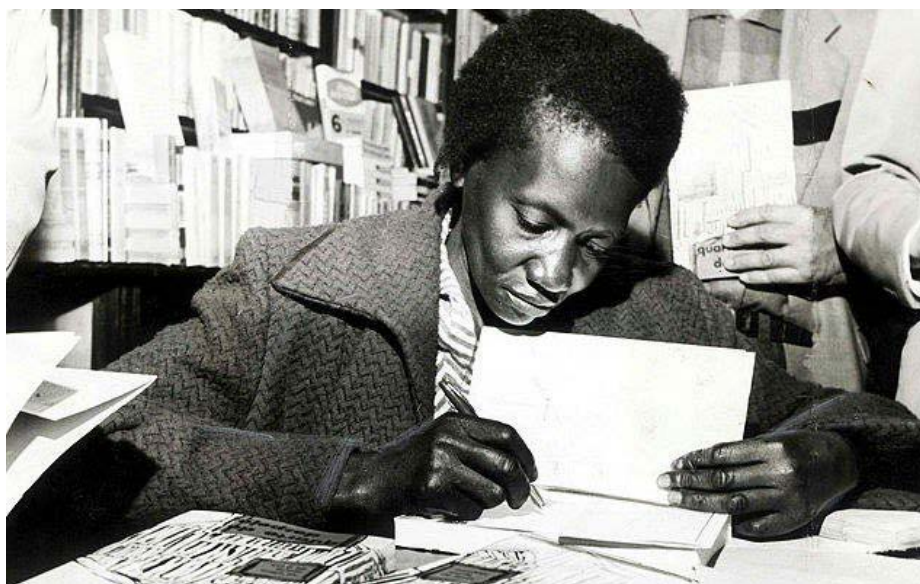
A história de Maria Carolina de Jesus se inicia, na verdade, na pequena cidade onde ela nasceu: Sacramento, localizada em Minas Gerais. Apesar de pequena, destacava-se por ser uma cidade dinâmica no início do século XX: ali, Carolina teve contato com diversas pessoas que a fizeram perceber a importância do universo da escrita. Inúmeras figuras indicaram-lhe esse caminho, havendo uma mescla da cultura oral e a cultura letrada, posto

que seu grupo de origem era majoritariamente “iletrado”, ninguém sabia ler ou escrever em sua família.

Mesmo imersa nesse cenário de Sacramento, cercada de algumas figuras importantes, passou a escrever somente após sua migração para São Paulo, em 1937, e ela mesma explica o motivo: sentiu-se perturbada com o barulho, a movimentação, a rapidez. Quando chegou à Estação da Luz, versos começaram a formigar em sua cabeça. Muito antes de conhecer Audálio Dantas, Carolina já escrevia: desde a década de 40 há relatos de sua procura por editores, sempre na tentativa de lançar seus escritos.

De forma humorística, Carolina conta em sua autobiografia que, ainda em 1942, ouviu de um jornalista que ela era uma “poetisa”. Sem entender, recorreu a uma livraria, pegou um livro de poemas e, ao ler Casimiro de Abreu, finalmente entendeu que não se tratava de uma “doença”: Carolina compreendeu, enfim, o seu ofício. Considerava-se, em primeiro lugar, uma “poetisa”. Só depois, então, começou a produzir ficção, autobiografia, provérbios, etc.

Ressalvas à relação entre os dois, até porque não me convém neste contexto acusar todas as questões relacionadas à Carolina e Audálio, considero mais pertinente levantar questões relacionadas unicamente à figura de Carolina, as quais compactuo e saio em defesa – propostas, principalmente, por Estudiosas como Raffaella Andréa Fernandez e Ayana Dias figuras que colaboram para uma compreensão que se distancia de um “aspecto mítico”: ambas destacam a necessidade de se afirmar que Carolina foi, de fato, uma artista. Incomoda, de certo modo, essa redução



como uma autora de “relato”, de “diário”, quando verdadeiramente ela exerceu a escrita de forma plena e profissional.

Em algumas fotos é até mesmo possível ver Carolina com um violão. Raffaella, em entrevista realizada com Audálio Dantas no dia 22 de março de 2014, no evento “Prazer em (re)conhecer, sou Carolina!”, na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, por ocasião das comemorações do centenário de Carolina Maria de Jesus, questionou: “Carolina de Jesus tocava violão de fato como vemos nas fotos?”. Eis a resposta do jornalista:

Olha, eu nunca a vi tocar, mas provavelmente sim. Uma coisa é fato: Carolina era uma artista. Ela era uma artista à moda dela. Ela fez música. Eu acompanhei. A música que ela fazia era uma invenção. Ela não escrevia música, mas ela inventava o som, a melodia e botava letra. Tanto é que ela gravou um disco, você sabe. Isso eu acompanhei, mas engraçado não me lembro... Acho que nunca a vi tocar violão. (Audálio Dantas em entrevista concedida a Raffaella Andréa Fernandez no evento “Prazer em (re)conhecer, sou Carolina!”, na Biblioteca Alceu Amoroso, em 22 de março de 2014)

Mais uma vez esbarramos, inevitavelmente, com a figura de Audálio Dantas. Ainda que não me interesse confirmar se Carolina realmente tocava violão, há algumas informações importantes na fala de Dantas: a primeira delas, reconhecer e confirmar a veia artística de Carolina; a segunda, atribuir uma espécie de inventividade a sua música – “ela inventava o som, a melodia e botava letra”. Consideremos, portanto, que “a música que ela fazia era uma invenção”. Sendo invenção ou não, o exercício a seguir se propõe a pensar que, então, as melodias antecediam as letras – um trabalho completamente contrário à musicalização de poemas, por exemplo, prática mais comum entre os intérpretes.

Cláudia Neiva de Matos, em *Canção popular e performance vocal*, flete com Paul Zumthor para discorrer sobre as dimensões verbal e musical de uma canção:

A presença do registro sonoro e vocal na obra lhe confere uma capacidade de re-verberação histórica que está ausente do registro gráfico. Por isso Paul Zumthor rejeita a noção de oralidade em prol da vocalidade, cujo campo conceitual impõe a percepção de uma dimensão temporal da

comunicação poética: 'Vocalidade é a historicidade de uma voz: seu uso' (Zumthor, 1997: 21) É uma percepção da significação histórica da voz cantada. (Matos, 2006: 94)

Também flertando com Júlio Diniz, Claudia Neiva de Matos retoma a ideia de "voz como assinatura". Diniz se utiliza de uma ideia que é a de pensar a canção através da corporificação que a voz outorga ao conjunto enunciação/enunciado (Diniz, 2003: 99). Matos, em consonância, defende que a metáfora da "voz como assinatura" adequa-se, particularmente, à canção popular mediatizada: Carolina de Jesus, ouvinte de rádios, compreendeu tacitamente o papel autoral que os intérpretes, compositores e letristas carregam consigo.

Carolina se constrói no próprio quadro da fonografia e da mediatização, ao passo que carrega reminiscências das músicas ditas folclóricas, herdadas de sua infância e adolescência em Sacramento, as quais, segundo Matos, "se definem justamente por existirem fora do campo mediático

tecnológico". Como, então, conviver com essas duas forças? O resultado disso é um disco que ora inclina-se para o "descuido" de uma suposta tradição interna, ora inclina-se para o midiático.

"Toda vez que se age, há motivo para se cantar", sentenciou Nietzsche. Em o *Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições* a força rítmica parece elevar a linguagem ao seu limite, desenterrando-a do seu lugar quase-comum, para, enfim, recolocá-la a sua origem. Importa percebermos em suas canções a fuga pelo ritmo tradicional, optando, às vezes, por um ritmo livre, desalinhado, descompensado. As palavras são quase retiradas de sua ordinariade sintática – Carolina parece compreender o ritmo cardíaco de cada palavra e qual a sua entoação no sentido mais embrionário possível. Ao passo que as palavras são devoradas, seu sentido lógico é perdido – é como se retornássemos, brevemente, ao seu sentido primitivo, evocado pela força da oralidade.

Arnaldo Antunes, em texto "Sobre a origem da poesia", in-

cluído no libreto do espetáculo *12 Poemas para dançarmos*, dirigido por Gisela Moreau, recorre à origem da própria linguagem para justificar como a poesia "aponta para um uso muito primário da linguagem":

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades — significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras? (Sobre a origem da poesia, incluído no libreto do espetáculo "12 Poemas para dançarmos", dirigido por Gisela Moreau, São Paulo).

Também me questiono: houve esse tempo? Houve, sim. Quando a poesia estava em tudo o que Carolina Maria de Jesus dizia. Há na poesia de Carolina uma forma mais sintética, em que os nomes se aproximam da própria existência das coisas. Quase esquecemos, por alguns instantes, que seu canto não está referindo-se àquelas coisas, mas sim apresentando-as – e, assim, possibilita nosso contato direto com elas, mesmo que a palavra esteja ali, intermediando nossa relação.

Tal qual Fernanda Teixeira de Medeiros em "Pipoca moderna": uma lição – estudando canções e devolvendo a voz ao poema", situo-me na mes-



ma posição: “um lugar misto de professora de literatura e estudante de poesia”. Fernanda assume que esse lugar lhe produz, já há bastante tempo, diversos problemas e dúvidas, dos quais destaca um dos principais: *como dar conta de ensinar e aprender poesia?* (2001: 128). A autora encontra na análise de canções um caminho possível de solução para ao menos uma fração de suas dúvidas e problemas com a poesia. O resultado não podia ser diferente: a partir do exercício com análise de canções, Fernanda confirmou que “texto e música podem dialogar de forma quase didática, um elucidando o outro, estabelecendo uma relação que poderia classificar como de complementaridade explicativa” (2001: 128).

Aqui, meu exercício foi o mesmo: Não me valendo de qualquer formação musical, fui margeando um processo de experimentos e equívocos, transformando em perguntas algumas intuições a partir das incansáveis audições do disco *Quarto de Despejo*, desfrutando, como Fernanda, do desafio de pensar para além do texto. A reflexão suscitada pelo trabalho com a análise de canções, compartilhado pela autora, diz respeito às relações possíveis e desejáveis entre o estudo da canção e o estudo da poesia escrita (2001: 131).

Medeiros propõe cenas imaginadas e situa preocupações que envolvem a prática do exercício de análise de canções, em que a voz é o ponto central. Acredita-se que o espaço das salas de aula possa ser melhor aproveitado na formação de leitura de poesia – não desconsiderando, é claro, que as aulas de literatura ainda podem ser um dos cenários principais de contato com a poesia:

A partir do trabalho com as canções dei-me conta de



Carolina Maria de Jesus na gravadora RCA

quanto o trabalho que correntemente se faz com poesia nas salas de aula de literatura, seja na escola seja na universidade, padece de uma limitação imperdoável: a ausência da voz. (Medeiros, 2001, p. 131)

Pode parecer até descabida a ideia de chegar ao poema pelo viés da canção, porém, cabe lembrarmos que:

A canção tornou-se, na nossa cultura, o maior veículo de circulação da poesia. Não raro o contato com a canção precede e/ou substituiu o contato com o poema escrito. Reunir canção e poema é, no mínimo, avalizar um parentesco que, ainda que óbvio, é por vezes ignorado. (Medeiros, 2001: 133)

Infelizmente, a *gaia ciência* ainda não está subscrita na academia. Lidar com canção é lidar, de antemão, com várias outras disciplinas que se confluem. Não ignoremos, portanto, o peso do som no poema: é preciso apelar para uma educação dos sentidos até chegarmos numa relação harmoniosa com ele. Luiz Tatit encerra seu texto *Dicção do cancionista* dizendo que “Não podendo relevar os mistérios da criação só nos resta valorizá-los, distinguindo-os cada vez mais daquilo que não tem mistério” (1996,

27). Cabe-nos, então, torná-lo ainda mais misteriosos.

Vedete da Favela

Por último, e não menos importante, proponho a análise da segunda faixa que compõe o disco, que, não fosse o seu “fracasso”, ousa afirmar que seria eleito o que costumamos chamar de “single”:

Salve ela
(oi) salve ela
Salve ela
A vedete da favela

Conhece a Maria Rosa
Ela pensa que é a tal
Ficou muito vaidosa
Saiu seu retrato no jornal

Salve ela
(oi) salve ela
Salve ela
A vedete da favela.
Maria conta vantagem
Que comprou muitos vestidos
Preparando a sua bagagem
Vai lá pros Estados Unidos

Salve ela
(oi) salve ela
Salve ela
A vedete da favela (Jesus, 1961)



Carolina de Jesus atinge, em *Vedete da Favela*, uma região um pouco mais aguda da escala, também ao limite do desafino, ao vocalizar o verso "Salve ela". Há uma espécie de lamento, um canto carregado, um suplício – afinal, pedir para ser salvo, seja lá qual for a circunstância, só poderia ser entoada assim, escalando uma região mais alta.

Vale pensar que *A vedete da favela* pode ser encarada como uma canção autorreferencial, uma vez que a própria Carolina gostava de se autointitular "a poeta da favela". Carolina parece, ao repetir os versos "salve ela", questionar e reavaliar o seu sucesso. Percebe-se, porém, que ela não se reconhece como personagem automeada e sim como uma tal "Maria Rosa" – uma forma, talvez, de abster de si certas experiências: "Pela canção, parece que a própria singularidade da existência foi fisgada" (Tatit, 1996: 19).

O eu da canção se despersonaliza na voz e, ao despersonalizar, o ouvinte é capturado. Esbarramos, mais vez, na questão da eficácia da canção, como bem explorou Luiz Tatit: "A naturalidade, a espontaneidade e a instantaneidade são valores preciosos ao cancionista. A rapidez e a eficácia do resgate provocam o efeito de sentindo *inspiração*" (Tatit, 1996: 20). É quando, finalmente, nos tornamos íntimos daquele sujeito cancional. E quanto mais próximo da fala cotidiana, mais há aproximação: "E nessa entoação embrionária está o estilo da cultura gesticulado de modo personalista pelo compositor", acrescenta Tatit (1996: 17).

"Toda vez que se age, há motivo para se cantar", sentenciou Nietzsche. Em o Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições a força rítmica parece elevar a linguagem ao seu limite, desenterrando-a do seu

lugar quase-comum, para, enfim, recolocá-la a sua origem. Importa percebermos em suas canções a fuga pelo ritmo tradicional, optando, às vezes, por um ritmo livre, desalinhado, descompensado. As palavras são quase retiradas de sua ordinariade sintática – Carolina parece compreender o ritmo cardíaco de cada palavra e qual a sua entoação no sentido mais embrionário possível. Lidar com canção é lidar, de antemão, com várias outras disciplinas que se confluem. Não ignoremos, portanto, o peso do som no poema: é preciso apelar para uma educação dos sentidos até chegarmos numa relação harmoniosa com ele. Luiz Tatit encerra seu texto *Dicção do cancionista* dizendo que "Não podendo relevar os mistérios da criação só nos resta valorizá-los, distinguindo-os cada vez mais daquilo que não tem mistério" (1996, 27). Cabe-nos, então, torná-lo ainda mais misteriosos.

Fatou Diome

e *O Ventre do Atlântico*

Por Luciana Lana



Mahin: Como você define *O Ventre do Atlântico*? O que você gostaria de enfatizar no livro?

Fatou Diome: Escrevi *O Ventre do Atlântico* para tentar entender o fenômeno da imigração, que não é apenas um fenômeno econômico, mas também um assunto sócio-político e, acredito, um dos principais problemas do nosso tempo. Minha vida é entre a Europa e a África. Escrevendo *O Ventre do Atlântico* eu tinha uma maneira de analisar a relação entre esses dois continentes, bem como a relação entre os imigrantes e suas famílias em casa. Relações complexas que refletem a lacuna entre as esperanças e a dura realidade que os imigrantes vivem na Europa. Mas, *O Ventre do Atlântico* é acima de tudo um romance, então a busca artística e estética foi importante para mim.

Mahin: Como você avalia o impacto desse primeiro romance no mundo?

Fatou Diome: *O Ventre do Atlântico* foi publicado em 2003. Na época, eu disse que, se não encontrássemos soluções rapidamente, haveria centenas de mortes de imigrantes e algumas pessoas me culpavam por exagerar. Agora, existem milhares de mortes. Essa observação é suficiente para que eu permaneça modesta, para admitir que minha caneta não é uma varinha mágica. Como disse em um dos meus poemas, intitulado *Fado para mulheres*: "Com esta caneta pesada com toda a minha impotência, escrevo. E mesmo que seja ridículo, eu escrevo". Perdoe-me, essa citação do ego – citarei Senghor ou Yourcenar outra vez – mas, para responder sua pergunta, não encontro outra maneira de expressar meu desamparo. No entanto, o grande desfiladeiro entre o Norte e o Sul con-

tinua a engolir vidas e a incapacidade de massacrar não deve impedir-nos de jogar nosso pequeno punhado de areia. Quem não diz nada, concorda – é dito na linguagem de Molière. Diante das injustiças do mundo, alguém pode apoiar o silêncio da resignação ou cumplicidade?

Mahin: O que você espera do lançamento no Brasil?

Fatou Diome: Penso que o sonho de qualquer autor é manter um diálogo construtivo com todos os seus irmãos – é o que espero no Brasil, na Europa e na África. Gostaria que meus livros fossem uma parte modesta do sonho de Goethe de um *Weltliteratur*: uma literatura que se preocupa com toda a raça humana. Uma literatura que transcende fronteiras, aborda a comunidade humana para sonhar com nosso destino coletivo e contribuir para sua melhoria. Então, no Brasil, meu livro não está no exterior.

LA PAROLE AUX NÉGRESSES: A EXPERIÊNCIA DA MULHER AFRICANA COMO IMIGRANTE NARRADA POR FATOU DIOME EM O VENTRE DO ATLÂNTICO.

Por Dayane Teixeira

A primeira vez que ouvi o nome Fatou Diome foi durante um debate na TV. Não lembro em que programa, apenas recordo do impacto que tive ao observar a cena protagonizada por ela e por um francês – ambos discutiam acerca da situação dos imigrantes na Europa. No ápice do confronto, o homem tentava interrompê-la e contra-argumentar, mas sem sucesso. As palavras dela eram ferinas e assertivas. Entrei em êxtase, pois de cada uma de suas respostas e observações emanava uma rebeldia latente! Bem, sou suspeita para falar, porque adoro mulheres rebeldes! Gosto da insurgência, principalmente das que lutam por uma boa causa. E a causa defendida por aquela mulher era nobre, mais que justa, necessária!

Ela realmente me impressionou e guardei seu nome comigo.

Neste período, minha pesquisa sobre a produção literária feminina indígena e africana havia se intensificado. Creio que este elo sempre esteve atrelado à ausência de representatividade e, sobretudo, à minha ancestralidade. E foi

esse chamado ancestral que impulsionou meu interesse por essa literatura, algo que tomou uma dimensão inesperada e que só me dei conta quando já havia sido totalmente absorvida. Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Toni Morrison, Paulina Chiziane, Scholastique Mukasonga, Ayaan Hirsi Ali – essas são apenas algumas das referências que vêm me ajudando a redefinir, a ressignificar minha identidade e meu entendimento enquanto ser humano, enquanto mulher. Elas estiveram comigo nesse percurso que me levou às escritoras do Senegal e que possibilitou meu reencontro com Fatou Diome. Creio que também seja relevante mencionar que quando procurei os livros dessas escritoras aqui no Brasil, me deparei com um vácuo enorme! Concluí que a publicação de escritores senegaleses em solo brasileiro era um tanto escassa, e no tocante às mulheres, bem, creio que não preciso comentar. Identificar os títulos não foi difícil, porém ter acesso aos livros foi custoso em todos os sentidos – principalmente do ponto de vista linguístico e financeiro. Existem

publicações por aqui que datam dos anos 60, 70 e 80, mas de autores já consagrados, como no caso de Léopold Sédar Senghor¹¹ e Ousmane Sembène¹² – coincidência ou não, além de homens, ambos são figuras emblemáticas do movimento Pan-Africanista. Aliás, penso que este seja o motivo da existência destas publicações aqui no Brasil. Títulos como *Xala* e *Poèmes*, estão disponíveis para consulta nas bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP) ou podem ser encontradas em sebos. Também é possível encontrar algo mais contemporâneo, como no caso do romance *A vida em espiral*, de Abasse Ndione¹³, edição lançada em 2014, pela editora Rádio Londres. Quando busquei por livros como *So Long a Letter*, por exemplo, obra clássica da escritora senegalesa Mariama Bâ¹⁴, encontrei apenas em sites estrangeiros. Publicações no Brasil, absolutamente nada!

Arrisco dizer que *O Ventre do Atlântico*, recentemente editado pela Malê, é a primeira obra (literária) de uma escritora do Senegal a ser publicada no Brasil.

11 Léopold Sédar Senghor foi um político e escritor senegalês. Conhecido por ter sido presidente do Senegal (de 1960 a 1980) e por ter sido, juntamente com Aimé Césaire, um dos fundadores do conceito de negritude.

12 Sembène foi um escritor e cineasta senegalês, conhecido como o Pai do cinema africano.

13 Ndione é considerado um dos escritores mais representativos da Literatura Africana Contemporânea, em 1985 publicou *A vida em espiral*, considerado polêmico por abordar a questão do tráfico e o uso da maconha (yamba) entre os jovens desempregados, policiais, políticos e brancos no Senegal.

14 Escritora senegalesa, publicou seu primeiro romance *So long a letter* em 1979. Foi pioneira e teve ampla atuação na luta pelos direitos da mulher.



FATOU DIOME E O VENTRE DO ATLÂNTICO: *uma (auto)biografia*

Fatou Diome, escritora insurgente, nasceu em 1968, numa ilha chamada Niodor, localizada no suldoeste do Senegal. Aos 13 anos, deixa seu paraíso insular para trabalhar e prosseguir seus estudos em cidades maiores. Já adulta, casa-se com um alsaciano, com quem parte para França. Uma vez em solo europeu, enfrentou a hostilidade e a rejeição da família do marido, com quem manteve um relacionamento de dois anos até optar pelo divórcio. Em 2001, publicou seu primeiro livro: *La préférence nationale LesLoups de l'Atlantique e NouvellesVoix d'Afrique* (2002); *Le Ventre de L'Atlantique*, seu primeiro romance, publicado em 2003. Na sequência vieram: *Kétala* (2006); *Inassouviés, nos vies, Le vieillhommesurlabarque, Cellesquiattendant e Mauve* (2010); *Impossible de grandir* (2013) e, por último, *Marianne porte plainte* (2017).

No ano de 2006, Fatou esteve no Brasil para participar de uma série de debates que

ocorreram em função dos 60 anos do SESC. A mesa da qual fez parte, foi mediada pela historiadora e atual coordenadora do Centro de Estudos Africanos (CEA-USP), a professora Leila Hernandez. O Sesc disponibilizou (via internet) uma breve entrevista com a autora, onde a mesma discorre sobre o que significa ser escritora no contexto de seu país. Ela comenta:

Escrevo desde os 13 anos, quando deixei a pequena aldeia onde nasci, à margem esquerda do pequeno Rio Gâmbia, para estudar em outras cidades do Senegal. A solidão na cidade, o prazer em brincar com as palavras da língua francesa e também o de responder a algumas perguntas que os adultos não sabiam me explicar é que me incentivaram a ser escritora. (...) De onde venho, existe a tradição mulçumana - o Senegal tem uma população de 95% de mulçumanos. Uma garota bem comportada, no meu país, não pode falar muito nem falar alto, o que significa,

pouca possibilidade de ser ouvida. Por isso, o fato de escrever, de tomar a palavra por meio de um livro, de certa forma, serviu como uma maneira para eu ocupar um lugar reservado aos homens, afinal o poder é sempre tomado pelos que falam. Não dá para imaginar um presidente que não fale a seu povo, por exemplo. Ter a palavra significa ter a liberdade, seja na América, seja na Europa ou na África. Manifestar sua palavra é o mesmo que manifestar sua vontade. Uma mulher que fala, independentemente de onde ou em qual continente ela esteja, denota rebeldia, e, no lugar onde nasci, ser feminista é quase uma necessidade genética (DIOME, 2006).

Nesta e em outras entrevistas concedidas por Diome, fica claro o quanto é significativo para ela ter a possibilidade de escrever um livro, de (de)ter a palavra, de escrever por si mesma, a partir da própria experiência, usando as próprias palavras.

Justamente por isso, o título deste trabalho faz referência à obra célebre *La parole aux négresses*, da escritora e antropóloga AwaThiam¹⁵, conterrânea de Diome. O título pode ser traduzido como *A palavra às mulheres negras* e reivindica o poder de fala às mulheres africanas, que sofrem com as incessantes tentativas de silenciamento por parte de uma sociedade marcadamente patriarcal. Awa se coloca como *sujeito* que reivindica e que denuncia. Ela parte da sua vivência e dos depoimentos de outras mulheres para salientar e lançar luz sobre as estruturas de opressão que endossam o emudecimento feminino.

O valor que tem o ato de escrever, de poder se manifestar, é uma questão amplamente debatida e reafirmada na produção literária feminina. As escritoras e teóricas bell hooks e Grada Kilomba, por exemplo, argumentam que: O “poder falar” ou o “poder da fala” está diretamente ligado a noção de sujeito, aquele (a) que tem o direito de dar sentido e significação a suas histórias, realidade e identidade (hooks, 1989, *apud* KILOMBA, 2019, p.28). Essa ação marca a passagem de *objeto* a *sujeito*. Escrever é um ato de *descolonização*¹⁸, um ato político, no qual quem escreve vai de encontro ao pensamento colonial, “nomeando uma re-

alidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019, pag. 28).

Em *O Ventre do Atlântico*, considerado como uma autobiografia ou autobiografia de ficção, a narrativa é pautada na experiência da escritora: uma mulher senegalesa e imigrante que reside na França. Um corpo que – na lógica racista/colonial – está à margem. Sendo a margem um paralelo tanto de opressão como de resistência, ao escrever e articular seu pensamento, ela – o *objeto* marginalizado e situado dentro do aparelho opressor –, se contrapõe ao silêncio e a marginalidade criados pelo racismo e, de acordo com Kilomba, *torna-se sujeito* da sua própria história, acessando, assim, a representação/representatividade dentro do estatuto branco. (KILOMBA, 2019). Fatou Diome e Salie – narradora e personagem principal da trama – (con) fundem-se. Ambas compartilham conosco um percurso transgressor e totalmente atípico para uma mulher niodorense: uma criança nascida de um relacionamento não oficial e que, de acordo com as tradições, é considerada como fruto ilegítimo. Criada pela avó materna – referência e figura essencial em sua aprendizagem –, passa a frequentar a escola. O acesso ao ambiente escolar só é

possível com o aval e respaldo de duas personagens significativas na vida de Salie: Madame Sarr (avó) e Ndétare, um ex-sindicalista com convicções marxistas, isolado na ilha para trabalhar como professor, por ser considerado um agitador perigoso. Ambos são peças-chave na transmutação de Salie, que passa a ocupar um território dedicado ao *sujeito masculino*. Para entendermos a lógica da escola como um ambiente (ainda) masculino, podemos citar os estudos da socióloga e jornalista Codou-Bop¹⁹, que abordam essa questão mais a fundo; as pesquisas de Bop apontam que, quando as famílias dispõem de algum recurso voltado para a educação das crianças, geralmente, os beneficiados são os meninos. Eis o motivo da história de Fatou-Salie ser apontada como uma exceção. Portanto, a escola, no contexto de Niodor-Senegal, é um espaço que o corpo feminino não deve ocupar. Já adulta, contraria mais uma vez as estatísticas e as tradições casando-se com um *toubab*²⁰, com quem parte para França. Seu casamento rapidamente se dissolve, culminando em divórcio. Nesse ponto, a autora-personagem, utilizando-se de uma linguagem ácida e irônica, faz duras críticas ao comportamento hostil dos compatriotas e do lugar que ocupa a figura feminina.

15 Awa Thiam é uma escritora, antropóloga e política feminista senegalesa. Em 1979 publicou *La parole aux négresses*, o primeiro texto africano no qual se denunciavam abertamente a poligamia, a mutilação genital e o dote.

16 bell hooks (letras minúsculas), é uma escritora, professora, teórica feminista e ativista social estadunidense, atende pelo nome de Gloria Jean Watkins, o nome pelo qual é conhecida é uma homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks.

17 Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa. Bastante conhecida pela publicação do livro *Memórias da Plantação*.

18 Atualmente alguns escritores têm usado o termo *decolonizar*.

19 Jornalista, socióloga e coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Mulheres e Mulheres do Senegal (GREFELS). Também é membro do *African Feminist Forum*, grupo fundado com o intuito de promover trocas e experiências a partir de uma perspectiva feminista africana.

20 Branco, europeu.

Admira o fato de ser considerada estéril – porque além de divorciada, não teve filhos. Apesar de ser alvo de fofocas e da hostilidade alheia, ironiza a cobiça dos “amigos” e parentes por um dinheiro que ela não possui. Fatou-Salie, são sujeitos híbridos, frutos da diáspora, são a personificação da dicotomia entre dois mundos, corpos que não pertencem nem a um espaço nem ao outro, mas que, ao mesmo tempo, dialogam e estabelecem uma visão crítica a respeito dos dois universos.

A censura que é feita insistentemente em *O ventre do Atlântico*, se deve ao fato da França ser considerada como paradigma, uma espécie de El Dourado, o verdadeiro Éden. As pessoas do vilarejo não consideram as circunstâncias que são e/ou que podem ser submetidos aqueles que partem para (supostamente) ganhar a vida em solo Europeu. A fim de construir um julgamento consciente e crítico sobre esse devaneio equivocado, a autora-narradora correlaciona as histórias de Madické, seu meio-irmão, Ndétare, Moussa, do Homem de Barbès e Sankèle – destinos entrelaçados pelos efeitos devastadores causados pela fixação no modo de vida branco-europeu.

Madické, aspirante a jogador de futebol, sonha em ser “duplo” de Maldini, seu ídolo italiano. Assim como boa parte dos garotos do vilarejo, Madické também vê na França um lugar que dá garantias de um futuro promissor. O professor Ndétare, por sua vez, tenta alertá-lo e dissuadi-lo da ideia de partir para Europa, para isso, usa a história de Moussa - filho de um pescador que partira para tentar a vida como jogador de futebol num clube francês. Fatou-Salie nar-

ra a desventura do pobre homem errante, enfatizando as agruras que o mesmo teve que enfrentar num ambiente estranho e racista, longe da família e dos amigos. Moussa vê sua pretensa carreira futebolística cair por terra. Frente ao péssimo desempenho como jogador, logo se vê endividado e obrigado a trabalhar para cobrir as despesas do clube. Sua condição clandestina faz com que seja preso e extirpado do solo francês direto para Dakar²¹. Vexado por retornar a terra natal sem recursos, passa a ser rejeitado pela família e pelos amigos. Habitando um território onde já não é mais reconhecido, carregando a mácula de estrangeiro, visto como o “Outro”, e não mais suportando o peso do fracasso, Moussa deixa-se engolir pelo estômago do Atlântico e parte para o além-mundo.

A trágica história de Moussa é frequentemente contada pelo professor Ndétare, na tentativa de alertar os discípulos da ilusão a que estão submersos. Essa história, está atrelada a outras personagens: Sankèle e WaganeYaltigué (o homem de Barbès).

O homem de Barbès, ao contrário de Moussa, é a representação, o modelo de sucesso, aquele que conseguiu voltar triunfante ao local de origem. Retornando da Europa com ares afrancesados, proprietário de uma televisão, símbolo da tecnologia e do mundo globalizado, bem como de três esposas e numerosas pirogas²², ostenta o título de El-Hadjji²³, tudo isso para assegurar uma vida de aparências, que encobre a realidade triste e extremamente precária que levou na França. O homem de Barbès não revela aos compatriotas os episódios cheios de



serviço:

Título: O ventre do Atlântico
(editora Malê)

Autora: Fatou Diome

Assunto: Literatura senegalesa;
Literatura africana; Literatura francófona

Páginas: 208

ISBN: 978-8-59-273647-7

21 Dakar ou Dacar, capital do Senegal.

22 Tipo de embarcação encontrada na África, Oceania e América indígena.

23 Nome atribuído àquele que faz a peregrinação à Meca.No feminino, Adja.

dificuldades e de constantes humilhações pelas quais teve de passar enquanto trabalhava em lugares insalubres, enfrentando o frio, a fome e a vexação. Ele está camuflado pela “fortuna”. Visto como símbolo de riqueza e prosperidade, faz questão de inventar situações mentirosas sobre a vida na França, fomentando e instigando – para ira do professor Ndètare – a ganância e as ilusões dos mais jovens. Sendo “rico” e considerado como homem influente, é tido como ótimo partido pelas famílias que têm jovens por casar. Sankèle, filha de um velho e respeitado pescador, é escolhida para ser entregue como esposa ao ricoço. Mas o coração da jovem já havia firmado compromisso com outro, Monsieur Ndètare, o professor.

Rebelde e convicta de não se submeter ao casamento forçado e forjado por interesses, Sankèle toma uma decisão drástica, que muda seu destino e pela qual paga um preço alto. Ela é a “Outra”, a origem da vergonha; *não pertence* mais ao seio familiar e comunitário.

Moussa, o Homem de Barbès, Ndètare e até mesmo a própria Salie, são exemplos diretamente relacionados à perversidade do regime colonial-branco-europeu. Madické e Sankèle, por sua vez, sofrem

com as influências indiretas, não só da mentalidade globalizada branca-ocidental, mas também do sistema patriarcal e excludente.

Todos, em suas respectivas trajetórias ocupam rapidamente um não-lugar, destinado ao *estrangeiro*, ao “Outro” e designados como *corpos não pertencentes*.

A fim de decolonizar o elóquio branco-europeu, Fatou Diome manifesta-se usando suas palavras, sua escrita. Narra sua experiência, frisando e denunciando que olhar do europeu não diferencia o viajante, do imigrante ou do refugiado, que não considera a particularidade nem a humanidade do *corpo negro*, e mais, que *pressupõe* ser o ganha-pão, o único motivo da presença do imigrante, *nomeando* o que emigra, como o “Outro”, como o *problema*. Diome parte de sua condição de “*outridade*” para *falar*, resiste e desafia a autoridade colonial, coloca em xeque o discurso (estereotipado) do opressor. Desta forma, o status marginal é um sítio de resistência, onde há alternativas para novos discursos e o surgimento de uma heterotopia, onde ela pode habitar e falar por si mesma. Porque é o *entendimento* e o *estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito*. (KILOM-

BA, 2019, pag. 69).

Imigração Senegalesa X Brasil

“Ouvir” Fatou Diome a respeito de imigração me faz pensar numa inquietação pessoal: É “curioso” e difícil de conceber que a produção artística de um país que está tão próximo de nós, seja pouco conhecida. Digo isso, porque além da ligação secular que o Brasil tem com África, atualmente - devido aos fluxos migratórios pelo mundo todo-, essa realidade torna-se cada vez mais forte. O Senegal, país onde Fatou Diome nasceu, está presente em nosso cotidiano. Um olhar mais atento e cuidadoso, pode se deparar, por exemplo, com as riquíssimas manifestações culturais e religiosas que acontecem no período noturno, às segundas-feiras, na Praça da República. O som do Djembe²⁴ se destaca e reverbera, transforma o ambiente. Os transeuntes são atraídos pela melodia e pelas vozes que se aglomeram entoando cânticos. Todos testemunham o *teranga*²⁵ senegalês, quando o café é servido ao grupo participante e aos expectadores sem absoluta distinção. Aos domingos, é comum ver homens e mulheres transitando com seus elegantes *boubous*²⁶ rumo à mesquita. Em logradouros como a Avenida Ipiranga e Barão de Itape-

24 O Djembê é um tipo de tambor. É um instrumento muito antigo e até hoje é importante nas culturas africanas em ritos de passagem, sobretudo nas regiões que compreendem o Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso, Senegal e Guiné.

25 Significa hospitalidade; bom acolhimento senegalês.

26 O Boubou é um dos nomes usados para um robe de mangas largas e esvoaçantes usado na maior parte da África Ocidental, e parte da África do Norte. Porém, dependendo do grupo étnico, pode ter outra designação.

27 Rapper, músico e diretor musical. Autor e produtor do Álbum “Repères”. Mais informações em @takuntekin.

28 Loja de roupas, acessórios e arte africana. Mais informações: @coracaodaafrika.

29 Cumprimento utilizado por muçulmanos, significa “que a paz esteja com vocês”.

30 Na língua Wolof, uma das muitas faladas no Senegal, equivale a Como vai?

31 Prato típico do Senegal, significa arroz com peixe (Wolof).

32 Obrigada na língua Wolof.

tinga, podemos contemplar os tecidos e uma grande variedade de esculturas africanas sendo comercializadas nas banquinhas de Mama, Codou (Carol), Ndiaga, Osseynou, Viviane e Ali – mais conhecido por seu nome artístico Kunta Kinte²⁷. Além de trabalhar no comércio, ao chegar no Brasil, deu continuidade à sua carreira como rapper, músico e diretor musical. Recentemente, produziu e lançou seu primeiro álbum “Repères” e tem feito apresentações em instituições culturais como SESC e Museu Casa das Rosas. Seguindo o itinerário, destaca-se, também, a loja Coração da África²⁸, do grande estilista Cheikh-Gueye-Seck - referência em roupas, acessórios e arte africana. Cheikh, assim como Ali (KuntaKinte), tem conquistado espaço significativo usando seu trabalho a favor do protagonismo e da valorização da cultura africana. Por ali, é comum ouvirmos expressões como *Assalamalaikum!*²⁹ *Ngadef?!?*³⁰ O *Thieboudienne*³¹, símbolo da gastronomia senegalesa, está disponível em restaurantes e é uma boa pedida para matar a fome. Ou seja, uma extensão do Senegal nas ruas da frenética Sampa.

Os laços que temos com África vem se renovando. Porém, ainda é parco o conhecimento que temos sobre ela. Nesse sentido, a lei 10.639, atualmente modificada para lei 10.645, tenta dar conta dessa carência estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no país. No entanto, implementar essa medida na área da educação, um setor completamente sucateado e onde não há reais investimentos na capacitação dos educadores, não tem sido nada eficaz. A boa notícia é



Foto: Sandrine Roudeix © Flammarion

que cada vez mais esforços vêm sendo feitos para aproximar, veicular e democratizar o acesso à poesia e à literatura. Em São Paulo, vemos o crescente número de grupos de leitura voltados para o estudo da produção de mulheres negras (africanas e/ou afro-diaspóricas), cursos de literatura oferecidos por centros culturais e museus, encontros com escritoras/escritores etc. Creio que a circulação, ou melhor, a democratização dessas leituras,

são a forma mais eficaz de conhecermos as várias Áfricas que constituem não só o continente africano, mas também o nosso país.

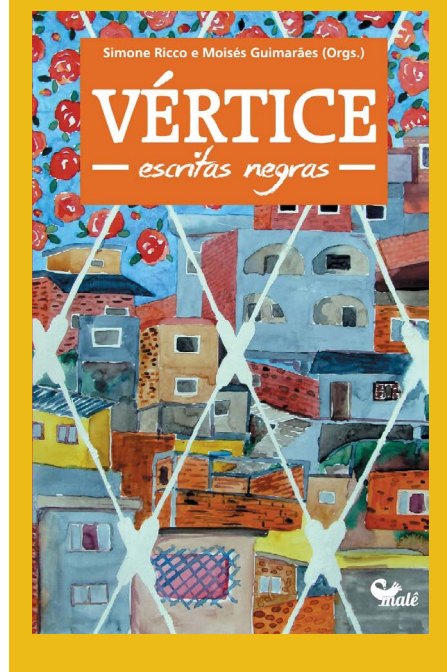
Dedico este texto aos meus queridos amigos Adie, Dj, Ali, NdiagaSow, Cheikh, Baye-BayeSow, Amadou Beye e Papi.

“O discurso de vocês só continuará legitimado enquanto a África permanecer em silêncio” (Diome, 2014).

*Jërëjëf*³²!

VÉRTICE: ESCRITAS NEGRAS

O livro *Vértice: escritas negras* é fruto de uma oficina de criação literária, realizada pela escritora e pesquisadora Simone Ricco com jovens escritores negros e negras. Convidamos participantes do livro para apresentarem o que continuam produzindo após o lançamento de *Vértice*.



Andanças de Dona Oni

Sheila Martins dos Santos

Acordou...

E lá vai Dona Oni mais um dia cuidar dos seus. Viver vidas que são suas. Corre e cuida de filhos que não gerou, mas está criando. Leva pra escola Zezinho, arruma a cama de Mariazinha e prepara a comida de todos da casa. Família grande demanda cuidados rigorosos e uma correria de tirar o folego.

Dona Oni sente-se cansada, pois desde pequena quando nem se via como gente cuidava e criava gente. Aos nove anos de idade não morava mais com os pais. Pai? Ela não conheceu. E a mãe? Tinha que cuidar de mais doze filhos. Nessa situação para a mãe dela, menos uma aos seus cui-

dados seria um certo "alívio" talvez. Com essa tenra idade, Oni foi levada para a casa de sua madrinha, que ficava também no interior da Bahia, mas era um pouco melhor do que o local que ela vivia com os irmãos. Chegando lá ficou com a incumbência de cuidar de duas crianças enquanto sua tia Dora trabalhava numa fábrica de sutiã. Oni sobrevive e aprende a zelar por todos. Não sabia fazer outra coisa além de cuidar de gente, pensava nisso constantemente.

Mulher preta, grande para os lados e intensa no olhar, foi criada por pretos e criava pretos. Pensando bem, de preto ela entendia bem, sendo assim

das mazelas da vida não exista alguém nesse mundo que conheceria tão bem como ela. Depois de crescer e ver tanta gente crescer ela sabia bem como a vida caminhava.

O tempo passa. Dona Oni se vê uma mulher casada, com três filhos crescidos e morando num casebre na cidade grande. E lá estava ela cuidando dos seus pretos.

Certo dia, uma vizinha entra correndo em sua casa aos gritos. "Acorda! Dona Oni! Acorda!" A vizinha a sacode para que abra os olhos.

Os olhos fechados recusavam-se a se abrir, pois no fundo sabiam que algo de ruim havia ocorrido. Pronto! Não tem jeito.

Ela tem que abri-los e deixar os ouvidos atentos ao que a vizinha afobada tem para contar de tão urgente.

Uma notícia!

Um tiro!

Os olhos de Dona Oni se fecharam e as lágrimas jorravam. Olhos d'água.

Um tiro atingiu certo o peito do seu filho mais velho, Toninho, quem ela mais amava. O mais sorridente e que conquistava os sorrisos mais doces das pretinhas ao seu redor. Preto alto, forte, que um tiro, numa briga de bar, fez com que mais um corpo preto caísse morto no chão. Dor e sofrimento fizeram parte do banzo de Oni. Ela não queria mais cuidar de gente. Sentia que tinha falhado em sua tarefa.

Depois de tantos anos, num final de tarde, ela sente uma brisa fresca no rosto. Um sorriso leve vem em seus lábios, algo incontrolável. Sentimento de conforto e afeto. Oni olha para a calçada da sua casa e vê um pretinho correr com a bola na mão, sorriso enorme e voz estridente. Era parecido com Toninho. O menino olha para ela e diz "Vó não fica triste não!" Pega a bola e lá se vai correndo. O coração de Oni pulsa tranquilo, em paz. Resta um sentimento de que seu filho mais velho estava a olhar por ela. Sendo assim, ela continuará a cuidar de pessoas como se fosse sua vida.

Acordou...

Desta vez Dona Oni estava a esperar a família para almoçar num belo domingo ensolarado. Em seu casebre cabiam todos. Ela ainda está a viver com os filhos, netos e bisnetos ao seu redor ouvindo suas histórias, afinal de contas, vivências não faltam para essa preta porreta!

Cinzas de quarta.

(conto sobre a canção "Enredo do meu samba", de Dona Ivone)

Fabiana Pereira

A presença dele se impregnava como cheio de tangerina nos dedos. Quando o via seu riso era frouxo. O corpo ria todo, e seu peito se abria como se fosse cantá-lo, esquecendo os desajustes deixados no último encontro de fim de noite.

Os encontros não cabiam no tempo: nem deles, nem das horas que passavam juntos. Se espremiavam em conversas de amigos, em datas de aniversário, em encontros casuais nas esquinas e praças do bairro, compassados por pequenos gestos deixados nos cantos das mesas. O que era leve, pluma. O que era cinza, bruma.

O turvo vinha inteiro. Na palavra não dita, na ausência da letra. Não havia o sabor do tempo de uma canção sem desfecho na avenida.

Mas a leveza vinha no encontro do ritmo. Dois corpos ajustados na mesma frequência do desejo. Eles se sabiam ali. Se tocavam e se cantavam com as notas baixas deixadas nos olhos e nas mãos. Se procuravam, se achavam e se consumavam ali. Havia uma intimidade, uma cumplicidade que dava segurança as notas, dando uma quase certeza de que o enredo desse samba transbordaria toda cadência e toda a ciência do instante.

E transbordava. Transbordou. O samba existe com toda água que lhe vem: seja de suor ou lágrima. É assim. Em todo fevereiro ou março a quarta de cinzas chega. Desde que o samba é samba.

Tripalium

Jade Medeiros

O mar em ressaca bateu muito forte na proa do navio. Jana, no alto da torre de segurança, segurou com força as barras de segurança. Ela se perguntou por que não podia voar nos carros flutuantes, mas sabia que para pessoas como ela, apenas os transportes aquáticos eram permitidos. Olhou para baixo e apesar de toda a umidade salgada, conseguiu enxergar um vão enorme no convés abrigando uma massa corpórea quase homogênea, cor de pele escura. Impedida de visualizar bem, o navio lutava contra as ondas para se manter estável, segurou-se mais forte, cerrou os olhos e mirou o vão lá embaixo: um amontoado de corpos humanos mortos. Era um triturador de gente.

A garota de cerca de 7 anos de idade, pele negra e cabelos crespos, correu para a parte interna do navio, tentando se proteger do que vira. Ela viajava sozinha. Depois que a mãe, Layla, a abandonou no cortiço em que moravam, uma colega de trabalho de Layla embarcou a menina com destino à ilha de Maza para viver com a avó. A viagem duraria ainda algumas horas e Jana encontrou um esconderijo na cozinha do navio, onde foi acolhida por umas cozinheiras negras, gordas, velhas e muito bem-humoradas. Naquele momento, Jana desejou que uma delas pudesse ser sua avó.

A única informação que tinha daquela que veio antes de sua mãe, era o nome e a função: Nneka, cozinheira na

única fábrica da ilha, Tripalium. O navio, que transportava funcionários das ilhas ao redor para Tripalium, atracava no porto próximo à indústria. As cozinheiras apontaram o caminho que ela deveria seguir para chegar à cozinha. Jana se perguntou por que elas não poderiam acompanhá-la, mas logo viu as correntes que as permitiam circular apenas dentro da cozinha do navio. Elas, com um sorriso improvável no rosto, abençoaram a menina e puseram três folhas de louro nas suas mãos para atrair a boa sorte — ela ia precisar — e um dente de alho para afastar a má sorte. Orientaram a menina que andasse o mais invisível possível, era bom que ninguém a notasse.

Jana entrou na fábrica pelo portão de carga e descarga nos fundos. Quando um homem, vestindo avental e botas brancas, passou empurrando um carrinho enorme cheirando a carne podre e sangue, a menina aproveitou para entrar correndo tentando manter-se invisível e segurando com força as folhas de louro e o dente de alho dentro de seu bolso. O galpão era enorme e frio, parecia um frigorífico: mesas gigantescas de metal, onde os funcionários de uniforme branco trabalhavam separando a carne dos ossos, e pedaços grandes de carne pendurados. A menina lembrou-se dos açougues da cidade em que vivia com a mãe. O sonho dela era comer carne, mas era muito caro para elas. Tinham que se contentar com feijão, arroz

e ovos.

Tratou de não demorar muito ali. O lugar estava cheio de gente e podiam nota-la. Logo encontrou uma porta que dava para um corredor, vazio e pouco iluminado. Caminhou quase tranquilamente procurando não fazer barulho até chegar a uma vitrine com um letreiro azul e amarelo: "Frico" era o nome da loja, uma espécie de sigla para "Futuro Rico", mas também uma alusão ao latim "triturar". Ela ficou muito encantada com as luzes hipnotizantes que emergiam dali, atravessavam o vidro e chegavam até ela. Havia vários homens sorridentes, pele clara e olhos brilhantes lá dentro. Espera... Na verdade, eram bonecos muito realistas. Espera... eles podiam se mexer! Eram robôs, deduziu.

Ela pôde ouvir a conversa entre o cliente e o vendedor. O cliente, um homem branco baixinho e um pouco gordo, de terno e gravata azuis marinhos, pedia ao vendedor, em um uniforme de calças amarelas e camisa polo azul com a logo "Frico" seguido de "Tripalium" em letras menores, um assistente de boa aparência e boas habilidades matemáticas. O assistente trabalharia no escritório do C.E.O. de uma grande empresa de mineração. No iPad do cliente, eles baixaram o aplicativo "Frico" e programaram o comportamento do assistente e suas funções no trabalho.

Jana estava tão maravilhada com aquilo tudo que, escondida atrás de um enorme

extintor de incêndio vermelho, se esgueirou para ouvir e ver melhor o que estava acontecendo. Ela acabou deixando sua pulseira de latão envelhecido encostar no extintor fazendo ecoar um ruído metálico pelo corredor repleto de ausência. Os dois, dentro da loja, assustados com o barulho viraram-se imediatamente na sua direção. A garota se assustou e saiu correndo. Não sabia bem por que precisava se esconder, mas achou melhor seguir o conselho das velhas do navio, e continuar a fuga. Segurou bem forte as folhas e o alho no bolso da calça, sentiu uma pouco de umidade nas mãos seguida de uma leve pontada.

Correu o mais rápido que conseguiu na direção oposta daquela vitrine iluminada. Passou por algumas portas no caminho da fuga e pôde ver de relance um enorme maquinário funcionando com operadores vestindo o já conhecido uniforme branco. O final do corredor dava numa escada sem fim, ela se jogou para baixo e, apesar de quase voar, seus pés insistiam em mantê-la erguida. Um funcionário vinha em sua direção, subindo a escada. Jana segurou o ar nos pulmões, assustada, mas o olhar escuro e profundo da mulher de uniforme branco, ao encontrar o seu olhar, fez com que a menina soltasse o ar em alívio. Ela sorriu um sorriso calmo e, sem dizer nada, a presenteou com um jaleco branco para que Jana pudesse manter-se disfarçada e invisível naquele ambiente.

Jana só queria sair dali. Continuou voando sobre os degraus e chegou à saída: outra porta de carga e descarga que dava para os fundos do terreno onde Tripalium se encontrava. No entorno da fábrica, havia um vilarejo. Já era de noite, mas havia um bar aberto. Muitos homens senta-

dos tomando cerveja, olharam a menina da cabeça aos pés, quase desejando-a com os olhos. A dona do bar, a única mulher ali presente, era alta, magra, braços e pernas alongados, os cabelos não podiam ser vistos, estavam dentro de um turbante alto e colorido. Adenike recebeu Jana e tentando protegê-la daqueles homens, a levou para trás do balcão:

— O que faz uma menina tão pequena sozinha aqui? — perguntou.

Jana contou sua história e perguntou pela avó. Queria saber se Adenike a conhecia e, quem sabe, se pudesse levá-la até a mãe de sua mãe. É claro que a dona do bar conhecia Nneka, uma anciã que vivia sozinha numa casa amarela, na periferia da vila.

— Querida, venha deitar-se, descanse. Amanhã levo você até sua avó.

Adenike acompanhou a menina até o seu quarto, que ficava nos fundos do bar, levou uma caneca de leite quente e um sanduíche com mortadela e manteiga. Jana demorou a dormir, tamanha a ansiedade em conhecer a avó. Segurou com força as folhas de louro e o dente de alho dentro do bolso para tentar se acalmar e sentiu outra leve pontada na palma da mão. A dona do bar deitou-se junto com ela na estreita cama de viúva e cantou uma canção até que adormecesse. O dia raiou cedo e juntas elas foram até a casa amarela de Nneka. A anciã, uma mulher negra, de cabelos crespos muito brancos, quase prateados, seios fartos e braços gordos aconchegou a neta dentro de si. Ela não teve dúvida de se tratar da filha de sua filha, os olhos amendoados e os lábios em formato de coração presentes em todas mulheres da família também estavam em Jana.

As duas viveram ali durante muitos anos, juntas. Nneka era uma mulher de poucas palavras e muito sábia. Trabalhava durante o dia na cozinha da fábrica e à noite voltava pra casa, onde curti seus muitos livros, conversava com a neta e concedia até benzimentos a quem vinha bater à sua porta, receitava banhos de cheiro e rezas aos chegados. Apesar da relação intensa que criaram, jamais falaram da mulher cuja geração encontrava-se entre as delas. O vilarejo era um lugar muito triste, as pessoas viviam com medo. A avó não permitiu que a neta fosse à escola, porque ela correria muitos riscos. Jana também não poderia, de maneira alguma, se aproximar da fábrica. Os dias da menina que já se via adolescente passavam entre a biblioteca da avó e o bar de Adenike, sua única amiga na cidade. Quando sentia saudade da mãe, a jovem segurava nas mãos as folhas de louro e o dente de alho. As pontadas na mão eram a germinação do alho. Estranhamente, o dente não secou, quando Jana precisava de apoio, a raiz protuberava para fora.

Certo dia, Jana já tinha por volta de 17 anos e estava totalmente entediada da vida que levava, resolveu fazer caminhadas mais demoradas pelo vilarejo. Era de tarde e faltava ainda algumas horas para Nneka voltar pra casa. Ela calculou que voltaria para casa a tempo, antes de sua avó chegar e ela jamais saberia do seu passeio. Chegou até a praia. A vila ficava em uma ilha, portanto toda envolta por águas. A praia tinha águas cristalinas e era totalmente deserta. Ela não entendia porque ninguém frequentava aquelas areias. Mas logo viu uns guardas, homens altos e largos, de uniforme verde escuro guardavam a praia, provavelmente

te impedindo rebeldes de frequentar o lugar. Jana, que já era especialista em tornar-se invisível, não permitiu que eles a vissem. E procurou sair dali o quanto antes.

Avistou a escola. Seu sonho era ter podido frequentá-la. Jana aprendeu a ler e a escrever com a avó, leu muitos livros de literatura, filosofia, história e matemática, mas queria ter compartilhado os anseios adolescentes com seus pares. Ela percebeu que havia uma grande aglomeração na porta do prédio e decidiu não se aproximar muito, o suficiente para que pudesse ver sem ser vista. Uma mulher loira, provavelmente a professora, e um menino branco choravam e gritavam. Homens usando aquele uniforme branco causaram um estremecimento no peito de Jana. Havia muitos deles removendo crianças negras da escola e colocando em seus carros com a logo "Tripalium". Esses não eram comuns, em formato redondo, carregavam cápsulas verticais paramentadas com cintos capazes de carregar e prender muito bem as crianças. A jovem percebeu ali que havia uma distinção de castas bem evidente na ilha de Maza.

Voltou para casa correndo pelo bosque para que ninguém a visse tão assustada e entrou em casa junto com a avó. Pela primeira vez, Jana teve medo de Nneka e temia a bronca que levaria da avó. Mas a anciã, com toda a sua sabedoria e amorosidade, não repreendeu a neta. Ela tinha plena consciência de que um dia isso aconteceria e achava até que tinha tardado. Então, perguntou à jovem o que vira. Ela contou tudo com o coração acelerado e perguntou por que só as crianças negras estavam sendo sequestradas. Nneka preparou uma infusão com mulungu, valeriana, ca-

pim limão, camomila adoçada com melado e serviu à neta:

— Minha querida neta, eu peço perdão por ter-lhe faltado com a verdade. Eu só queria proteger você de ter o mesmo destino de sua mãe. Eu sempre vivi em Maza. Todos os seus ancestrais estão aqui. Nós éramos cinco famílias que sobreviveram ao fim da escravidão dos nossos, 300 anos atrás. A nossa família veio originalmente da cidade de Abba, no continente. Nossos antepassados, cientes de que teríamos poucas chances de uma vida digna mesmo que não fôssemos mais escravos, decidiram se refugiar aqui nessa ilha e criar uma sociedade nova com suas próprias regras e modos. Eu me casei com o tio de Adenike. Ela é sua parenta, sabia? Ele faleceu quando sua mãe tinha apenas cinco anos de idade e tive de criá-la sozinha. Quando Layla tinha dezoito anos, entediada da vida pacata que levávamos aqui, decidiu ir tentar a vida em Abba. Eu insisti muito que não fosse, mas seu espírito livre a desgarrou de mim. Nunca mais nos falamos ou tiver sequer notícias dela. Foi uma alegria enorme te receber, minha neta. Pois bem, logo depois da partida de sua mãe, a "Tripalium" chegou aqui. Descobriram a gente e o nosso terror começou. É muito doloroso ter que contar isso a você, mas chegou a hora de você saber. Durante esses 300 anos que o vilarejo existe, a vida lá no continente era muito diferente da nossa. Nós paramos no tempo em termos de tecnologia, ficamos isolados dos avanços da modernidade. Quando eles chegaram, ficamos todos horrorizados com o que suas máquinas eram capazes de fazer. Eles começaram a sequestrar todos nós, negros, para uma bateria de exames. Os mais saudáveis, com músculos viçosos seriam levados. Os mais

velhos ou com alguma doença crônica seriam funcionários. Eu, já beirando os 50 anos, não servia mais para o propósito primordial deles, mas podia cozinhar. Sua parenta, Adenike, portadora do HIV, não serviria para nada e permitiram que ela continuasse com o bar. Mas os meus irmãos, sobrinhas e sobrinhos foram levados. A família inteira de Adenike foi levada. Nós só temos uma a outra.

— Levados pra onde, vó!?

Com lágrimas nos olhos, as mãos segurando o peito e a voz embargada, respondeu:

— Os nossos corpos negros servem de matéria-prima para humanos-máquina. Eles nos trituram e modelam robôs ao modo deles, clareiam a pele e programam o comportamento e as características que mais lhe aprouverem.

Jana tinha tomado apenas metade do chá e saiu correndo para o seu quarto. Trançou a porta, jogou-se na cama e apertou as folhas de louro e o dente de alho, estranhamente conservados apesar do tempo. A raiz protuberante do alho cresceu rápida e ligeira, envolveu-se no pulso da jovem conferindo-lhe uma força renovadora. Ela fechou os olhos e foi acometida por uma lembrança. Viu-se criança chorando a ausência da mãe sobre uma cama coberta com colcha felpuda roxa. Layla tinha sido sequestrada para servir na fábrica. Talvez a mãe pudesse ainda estar viva.

No dia seguinte, Jana contou sua decisão à avó. Ela voltaria na fábrica para procurar sua mãe. Despediu-se de Nneka e prometeu que se reencontrariam em breve. A avó, resiliente, não impediu a partida da neta, a abençoou e rezou por ela. Sabia que o destino tinha suas próprias artimanhas. A jovem seguiu para a fábrica e, dessa vez, decidiu

entrar pela porta da frente. Seu plano era candidatar-se à funcionária, vendedora da loja Frico. Ao chegar na recepção, funcionárias sorridentes a encaminharam para o escritório do chefe executivo da fábrica. Lá, ela seria entrevistada pelo secretário dele e em seguida, passaria por uma bateria de exames. Ao final dos procedimentos, o assistente deu alguns folhetos e adesivos de Cabral Neto. O patrão estava concorrendo à reeleição como senador e ela deveria desde já vestir a camisa da empresa e fazer campanha.

Jana foi dispensada e encaminhada ao seu dormitório. O quarto era muito confortável e cheio de dispositivos tecnológicos que ela fazia ideia de como usar. Começaria no dia seguinte. Antes de dormir, ficou examinando os folhetos e os adesivos, lembrando-se das conversas que tinha com a avó quando liam os livros de história. Nneka costumava dizer que política, indústria, comércio e, muitas vezes, religião formavam uma trama complexa, dominavam e apoderavam-se da vida das pessoas comuns e desprovidas de poder na sociedade. Aquilo tudo parecia muito abstrato para a jovem, mas agora estava ganhando algum sentido.

Ela adormeceu e acordou às 3:00 da manhã assustada com o sonho que tivera. Layla, envolta por uma luz quase sem luminosidade abraçava e beijava a filha. Jana viu-se criança adormecida no colo da mãe. Durante todos esses anos, nunca tinha tido nenhum sonho com a ela, até evitava pensar na progenitora em demasia,

porque causava um incômodo no coração. Levantou-se da cama e percebeu que sua mão estava completamente molhada. Um líquido branco estava escorrendo da pulseira de raiz do alho. Por impulso, decidiu abrigar o líquido em garrafas de água vazias. Não sabia o que faria com aquilo, mas por algum motivo achou melhor guardar.

A manhã chegou logo e ela achou por bem se arrumar para o seu primeiro dia de trabalho. Vestiu o uniforme amarelo e azul com a logo "Frico", abaixo colou o adesivo de Cabral Neto, como tinha sido instruída pelo secretário sorridente. Separou alguns pertences dentro de uma mochila e colocou também as garrafas com o sumo do alho. Já estava pronta para sair, quando, de repente, uma projeção iluminou a parede do quarto. Havia uma mensagem para ela: seria raptada. Jana correu para a porta do quarto para fugir dali o mais rápido possível. Mas quem abriu a porta para que ela saísse foi uma mulher morena, cabelos lisos e pretos, olhos escuros, corpo arredondado, de meia idade usando um uniforme em tons terrosos, saia, blusa e lenço no pescoço. Matilda era alta funcionária da empresa e estava ali para levar Jana.

A jovem conseguiu se esquivar facilmente da mulher e seguiu para a recepção da fábrica. Pediu ajuda aos recepcionistas, em vão. Eles não estavam mais sorridentes, o olhar apático deles atravessava Jana. Outros funcionários se aproximavam dela com o mesmo olhar sem vida. Todos esta-

vam ali com um único objetivo: sequestrá-la e encaminhá-la para o triturador no convés do navio, atracado no porto próximo dali. Todos, inclusive Matilda, aglomeravam-se ao redor da jovem e olhavam fixamente para ela. Lentamente, suas peles começaram a engelhar, escamas esverdeadas se formavam, seus rostos começaram a se desfigurar, os olhos cresceram e os cabelos caíram como perucas. Pareciam cobras.

Jana, em um rompante, lembrou-se das garrafas com sumo de alho na bolsa e jogou em todos eles. Eles ficaram petrificados. Aos poucos, um a um, foram se desintegrando, restando apenas migalhas do que um dia teriam sido ossos e cartilagens sob o uniforme da empresa. Um homem resistiu um pouco mais, Jana se aproximou dele e leu no crachá dourado do paletó: "Senador Cabral Neto". O rosto que estampava o adesivo na sua camisa já estava completamente desfigurado e tomado pelas escamas esverdeadas. Apesar de petrificado, seus olhos gigantes giravam nas órbitas implorando clemência.

A última conversa que tivera com a avó ecoou na cabeça de Jana: "Os nossos corpos negros servem de matéria-prima para humanos-máquina. Eles nos trituram e modelam robôs ao modo deles, clareiam a pele e programam o comportamento e as características que mais lhe aprouverem." Ela não teve dúvidas, usou toda a sua força para retirar o mastro da bandeira da empresa que ficava ao lado do balcão da recepção e cravou no peito do senador. Não saiu sangue algum.

Tempo

Maíra Oliveira

Faltavam dois anos pelo regime atual. Mais três se a nova lei passasse.

Chico contava os dias arrancando as folhinhas atrás da porta da cozinha. O calendário católico fora comprado pela sua esposa Alaíde e ficava pendurado junto aos ramos secos e outras mandingas, numa miscelânea das crenças que a mulher jurava funcionar.

Ora funcionava, ora não.

Enquanto os companheiros de cerveja na praça prolongavam as partidas de purrinha, como quem adivinha a brevidade da vida, Chico corria, na certeza dela.

Mas era domingo, e aos domingos quem arrancava a folhinha era Alaíde, que fazia questão da companhia do marido na solenidade: a leitura do verso, sua prece, os números da sorte e a cor que deviam vestir na ida da missa.

Um domingo de azul e sorte: ganharam duas grades de Brahma no jogo. Foi só farra quando as cervejas estalaram no freezer. Chico chamou os amigos de praça, Alaíde preparou moela e chouriço comprados na feira seguida da missa na Praça do Carmo. Ainda tinha cebola e pimentão do sacolão:

— Salvava o salário, mesmo não sendo mais um real o quilo desde que não se achava um real em nota, e a de dois passou a valer um.

Os sacos do sacolão também diminuíram, mas o nome segue no aumentativo:

— Pra dar saciedade aos ouvidos, ao menos.

Chico gostava do gosto

que o pimentão dava a língua de sangue, detestava mesmo era mastigar o treco. Era que fazia tempo que Alaíde não ligava mais em esconder o verde pra gosto do marido, que se resignava em caretas quando o encontrava no prato.

Zé Maria, o mais experiente do grupo, se recuperava do segundo ataque do cardíaco, e estava naquele período do “isso pode”, “isso não pode”:

— Mas logo logo passa, e o café passa a acompanhar torresmo, de novo.

Naquele dia de “isso não pode”, Zé Maria estava num mau humor contagiante.

— Mas vá lá.. — aceitou a cerveja e o carreado — com moderação!

Joana já ia passar pra buscar o velho e não ficava bem um futuro avô gastar o tempo e as articulações que deveriam ficar reservadas ao neto que já fazia a barriga da filha descer.

— Se Joana visse nem deixava Zé Maria sair mais.

Chico ria-se do amigo que virou filho da filha e jurava que não:

— Esse neto ainda vai esconder-lhe os dentes ou dobrar a mangueira de oxigênio antes mesmo de andar. — Alaíde achava heresia a jocosidade do marido com Zé Maria que era um verdadeiro milagre estar ali pra comemorar a prenda do bingo.

— Mesmo vestido da cor errada que nem parece ter a folhinha em casa, veja bem.

Chico tava nessa de correr pra viver. Esganou-se de moela, cerveja e chouriço. To-

nico, neto de Solange, vizinha do quintal achou mesmo que matavam um porco quando lá pela madrugada, Chico pois tudo pra fora no tanque da área. Alaíde correu salvar o branco que tava de molho no balde do lado e deixou foi o marido revivendo os porres de quarenta anos que só magnésia haveria de curar.

— Socorreu foi a roupa. Socorro!

Mas passa.

Dia que chega, já tá lá Chico tirando folhinha de novo e perdendo dinheiro no jogo...

— Sorte daquelas grades de Brahma não tem sempre assim não, não se engane. Mesmo quando azul e bingo caem no domingo. Esse tempo já passou.

Alaíde não comprou folhinha esse ano, nem aceitou a oferta de Clarisse da casa da frente, embora Chico quisesse, a velha cansou-se de ver o tempo passar no rasgado.

— Tava tudo mesmo igual, pra quê gastar papel?

Não foi só o pimentão que ela deixou de esconder; a cabeça prateara e dava pra saber o mês do ano vendo o acajú se aproximar dos ombros estreitos de Alaíde.

— Amava, assim mesmo.

Quis inventar uma *comidaiada* que ia se fazer impossível negar, pois na cidade não tinha costelinha com canjica amarela - os filhos haviam de de vir, não importava a lonjura.

— Foi sofrimento aprender o ponto.

Mas Alaíde queria mesmo era ver passarinho. Tiê-sangue

e já era agosto. Era agosto quando Alaíde voou.

Era mesmo um milagre Zé Maria ainda vivo depois do terceiro piripaque. Joana fez o menino andar só pra empurrar a cadeira do vô.

— Que tava dentado, olha só! O menino não era tão baixo quanto a barriga fazia parecer, no fim das contas.

Bento e Maria vieram, sim. Mas foi tarde para ver a mãe. Nem o vento sentiram do bater de asas de Alaíde. Chico até via graça da urgência dos meninos:

— Se acalmassem os passos enterravam dois e salvavam o tempo.

O tempo é ponto na cidade.

O tempo aqui é espiral.

Faltavam dois anos pelo regime atual. Mais três se a nova lei passasse.

Literatura negra brasileira nas escolas

Por, Taís Espírito Santo

A escritora Taís Espírito Santo relata a visita ao Colégio Odete Nunes Dourado, em Irecê (BA)



O trajeto Irecê-Salvador-Rio me fez refletir um pouco sobre o turbilhão de surpresas que vivenciei. Primeiro: como a internet tem sido aliada também para aqueles que lutam pelo amor, identidade, educação e cuidado. Explico essa reflexão: me marcaram em uma postagem em uma rede social, na qual alunos de uma escola, no sertão da Bahia, o Colégio Odete Nunes Dourado, estavam lendo as minhas crônicas e refletindo junto aos alunos.

As queridas pesquisadoras Camila Pereira e Gabriela Carvalho, do PIBID da Uneb (Universidade do Estado da Bahia) que leram o livro *Olhos de Azeviche*: dez escritoras que estão renovando a literatura brasileira, levaram o conto *Quando parei de mandar beijos* para a professora Amanda Braz, a coordenadora Graciete Dourado e a diretora Roberta da Silva Ferreira do Colégio. Pronto. Tudo estava ajeitado. As crianças mergulharam nas crônicas e se sentiram parte deles. Eu fiquei emocionada e muito interessada em conhecer a escola e os alunos. Entrei em contato e, coincidentemente, eles iriam fazer a primeira feira literária e fui convidada para estar na programação.

Foi demais! Uma honra imensa! Frios na barriga! Como iria ser? Quais perguntas fariam? Como eu iria responder? Confesso que prefiro as crianças nesse quesito, as palavras e temas saem mais facilmente, sem rodeios, sem tentar florear ou ter dificuldade nas palavras. É mais direto, humilde e mais simples. Bem, não tão simples assim, pois o texto que elas estavam lendo, era um texto de dor, descoberta, e autoestima, tudo assim, junto, pois bem as perguntas acertaram a minha alma, meu corpo e minha voz.

“Qual foi o momento que a senhora se viu bonita? “Como a senhora conseguiu essa autoestima toda?” Como faz para se defender?”

Vi a dor em alguns olhos de alunos e de alunas, as lágrimas de crianças que estavam tentando ser crianças. Confesso que a minha vontade e desejo era perguntar os nomes e ir em cima das pessoas que lhe fizeram mal. Aquele filme eu já tinha visto. Aquele filme era algo tão baixo, tão ridículo e que ainda acontecia.

Ressaltei a importância da gente se conhecer, de estamos conectados com os nossos. Disse da minha experiência quando criança, muitas vezes utilizava o deboche, fazia piadinhas também com aqueles que riam de mim, que essa também era a minha arma, além de tentar me conhecer melhor. Sugerir que aproveitassem as coisas boas que a internet tem nos dado, a aproximação com as informações importantes e com as pessoas que pensam como nós e entendem o que passamos.

Conversei sobre a nossa realidade. Somos descendentes de reis e rainhas. Somos um povo rico de tudo. E vi de fato a importância de estamos ali, o povo preto se mostrando em muitas áreas e principalmente cuidando das nossas crianças.

Lembrei a minha infância, quando o querido escritor Júlio Emílio Braz foi na escola em que eu estudava para falar do seu livro Pretinha, eu? Eu lembro o quanto meu pai lutou para conseguir levar o escritor para a escola. E ele foi, um es-

critor preto, escrevendo coisa de preto, e eu me senti ali, representada.

Acredito que esse seja o caminho, cuidar principalmente das nossas crianças, fortalecê-las, mostrar os caminhos de lutas e, principalmente, nossas vitórias.

Sabemos sobre o racismo, agora precisamos aprender o que fazer diante dele. Precisamos estar com os nossos, e aprender a utilizar o nosso dinheiro com os nossos, nos fortalecer. Estar no Colégio Odete Nunes Dourado, conhecer o sertão da Bahia, foi uma experiência incrível. Agradeço sempre aos que vieram antes, que lutaram para que hoje pudéssemos estar aqui brigando também, abrindo caminho para os que virão depois de nós. Termino esse relato com um provérbio yourubá “Orí eni ní um ‘ni j’oba” (A cabeça de uma pessoa faz dela um rei) Que sejamos reis e rainhas e passemos para todas as crianças negras a nossa verdadeira história. Somos reis e rainhas!



Lançamentos 2019-2020

Título: Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história

"A produção acadêmica e intelectual de Giovana Xavier em "Você pode substituir..." não lembra a sisudez a que o Brasil nos acostumou. Mesmo quando enfileira complexas teorias, ela é clara - melhor dizendo, escura. É perspicaz e cirúrgica. É divertida, ora irônica. É generosa.

De todos os substantivos que compõem o balaio de qualidades de Giovana, a generosidade é a mais evidente. Ela não só nomeia as pensadoras diplomadas que a influenciaram, de Kimberlé Crenshaw a bell hooks, de Conceição Evaristo a Djamila Ribeiro, mas também reconhece e louva a intelectualidade de mulheres que a desigualdade, o machismo e o racismo brasileiros teimavam em invisibilizar. Giovana inova com sua profissão de fé na História em primeira pessoa. Provoca ao apontar o bolor das interpretações estereotipadas. Ousa ao teorizar sobre surfe, rap, férias, rebolado, orixá, literatura, Baco Exu do Blues, teatro - tudo junto e misturado. Cruza territórios, escrutina personagens, reinterpreta narrativas. Seu livro, como ela, é reflexão vezes nove. Aperte o cinto e viaje."

- Flávia Oliveira, jornalista

GIOVANA XAVIER



**VOCÊ
PODE SUBSTITUIR
MULHERES
NEGRAS
COMO OBJETO
DE ESTUDO
POR MULHERES
NEGRAS
CONTANDO
SUA PRÓPRIA
HISTÓRIA**

Autora: Giovana Xavier
Editora: Malê
Páginas: 184
ISBN: 978-85927-3650-7

Título: A cientista guerreira do facão furioso

Aqui é Ketu Três, lar do povo melaninado, filhos dos Orixás; a metrópole governada por sacerdotisas-empresárias e tecnologias fantásticas movidas a fantasmas. Jamila Olabamiji, filha de Ogum, só quer se tornar a maior engenheira de Ketu Três. Nada demais. Porém, é difícil manter o foco quando se tem de lidar com um pai ocupado em três empregos, uma namorada patricinha e encrqueira, e um valentão da escola que a atormenta sempre. É complicado também ter esses sonhos sobre feras, lua cheia, sangue e destruição. Jamila só queria ficar de boa no quarto construindo dispositivos incríveis.... Provocaram tanto a menina, que ela acabou despertando uma fúria capaz de arruinar a cidade inteira! Pronto, agora virou alvo de cientistas inescrupulosos, agentes das Corporações, e até monstros gigantes que querem arrasar com tudo; ela, então, se vê obrigada a colaborar com um grupo clandestino que quer derrubar a elite psíquica que governa a metrópole! Muita coisa aí tem dedo daquele valentão que ela detesta tanto, Jamila tem certeza...Mas estou dizendo: não se metam com a Jamila Olabamiji, ou a fúria dessa filha de Ogum vai acabar partindo o mundo ao meio...

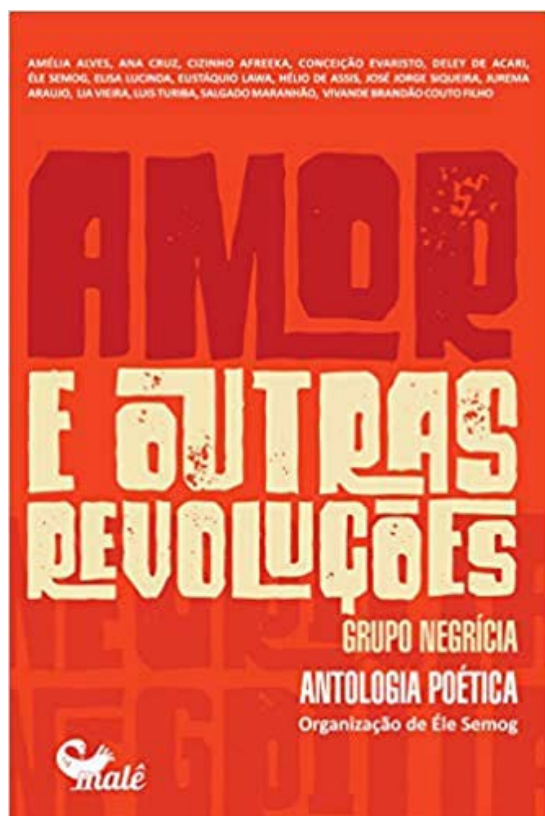


Autor: Fábio Kabral
Editora: Malê
Páginas: 252
ISBN: 9788592736460

Título: Encontro poético das Sarauzeiras Oníricas

Ilustração: Taís Linhares
Editora: Malê
Páginas: 100
ISBN: 978-85-92736-42-2

Coletânea que reúne textos das poetisas Mery Onírica (Maria Inês da Silva Moraes), Lindacy Fidelis Menezes e Yolanda Soares, as Sarauzeiras Oníricas, com projeto gráfico e ilustrações de Taís Linhares. Essas três senhoras nascidas em 1957 se conheceram no primeiro ciclo da FLUP Pensa, processo de formação de novos autores e leitores da FLUP, em 2012. Desde então se uniram como coletivo, foram publicadas em diversas coletâneas no Brasil e no exterior, produzem sem parar, rodam por saraus e eventos e tornaram-se referência nas florescentes cenas da literatura e produção cultural cariocas.



Título: Amor e outras revoluções. Grupo Negrícia: antologia poética

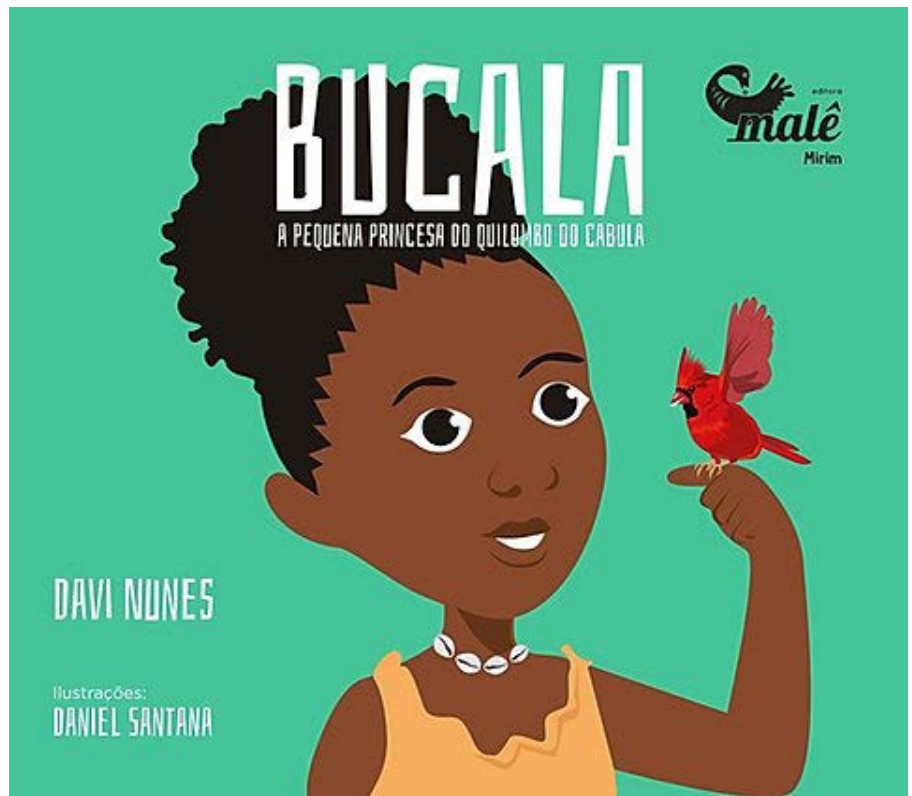
Autores: Conceição Evaristo, Salgado Maranhão, Elisa Lucinda, Éle Semog, Lia Vieira, Amélia Alves, Ana Cruz, Cizinho Afreka, Deley de Acari, Eustáquio Lawa, Hélio de Assis, José Jorge Siqueira, Jurema Araújo, Luis Turiba e Vivalde Brandão Couto Júnior.
Organização: Éle Semog
Páginas: 288
Editora: Malê
ISBN: 978-85-92736-54-5

"Fundado 1982, no contexto da abertura "lenta, gradual e segura", que marcou o fim da ditadura militar, o coletivo de escritores Negrícia Poesia e Arte de Crioulo abrigou em seu seio poetas e ficcionistas empenhados em tomar a palavra e interferir na arena discursiva onde se construíam tanto as narrativas do passado, quanto as da futura nação democrática sonhada pelos brasileiros. Amor e outras revoluções revela ao leitor a forma múltipla e, talvez por isto mesmo, inquietante, da poesia negra contemporânea. Com efeito, ao reunir a poesia de quinze vozes negras contemporâneas, Amor e outras revoluções demonstra o vigor criativo do Grupo Negrícia e da escrita afro-brasileira contemporânea." - Eduardo de Assis Duarte

Título: Bucala: a princesa do Quilombo do Cabula

Autor: Davi Nunes
Ilustração: Daniel Santana
Páginas: 32
Editora: Malê
ISBN: 978-859273653-8

Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula conta a história de uma linda princesa quilombola que tem o cabelo crespo em formato de coroa de rainha. Ela possui poderes que protegem o quilombo. Bucala voa no pássaro-preto, cavalga na onça suçuarana, mergulha no reino da rainha das águas doces e aprende toda a sabedoria dos reinos africanos com o sábio ancião Bem-preto-de-barbicha-bem-branca.

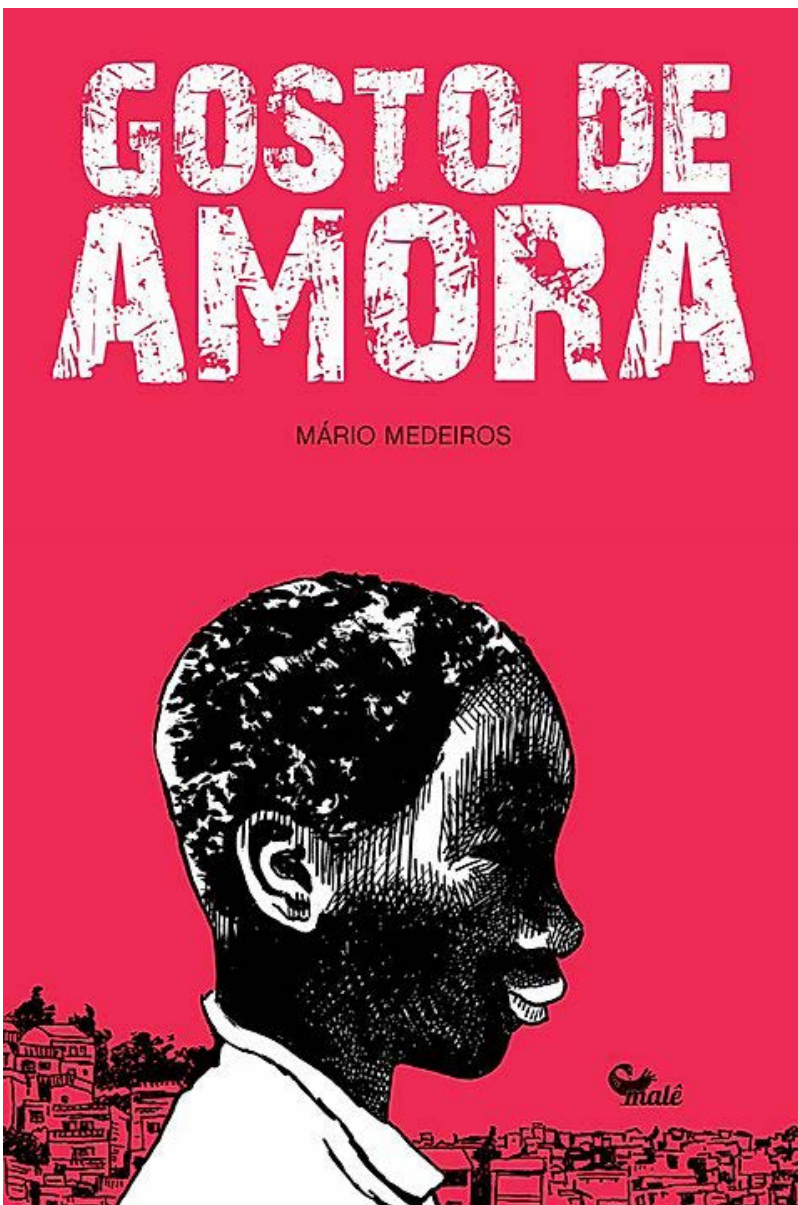


Título: Gosto de amora

Autor: Mário Medeiros
Editora: Malê
Páginas: 148
ISBN: 978-85-92736-61-3

“Com olhares atentos, os personagens de Gosto de Amora sobrevivem em ambientes conturbados. Para superar os obstáculos, eles são matreiros em captar cada aprendizado do mundo exterior. Nesta tentativa de permanecerem vivos, revelam, em grandes ou pequenos gestos, seus atos de resistência diária.

Os contos do Mário Medeiros revelam sentimentos, memórias e uma busca de compreensão e sentido a partir de experiências singulares. Seus personagens respiram e inspiram. Eles se conectam com nossas memórias, nossas águas profundas. Nos humanizando, eles podem nos tornar melhores. A partir daquele oceano profundo, talvez seja possível alcançar a superfície e vislumbrar algum horizonte.” - Marcelo D'Saete



Título: Firmina

Autora: Bárbara Simões

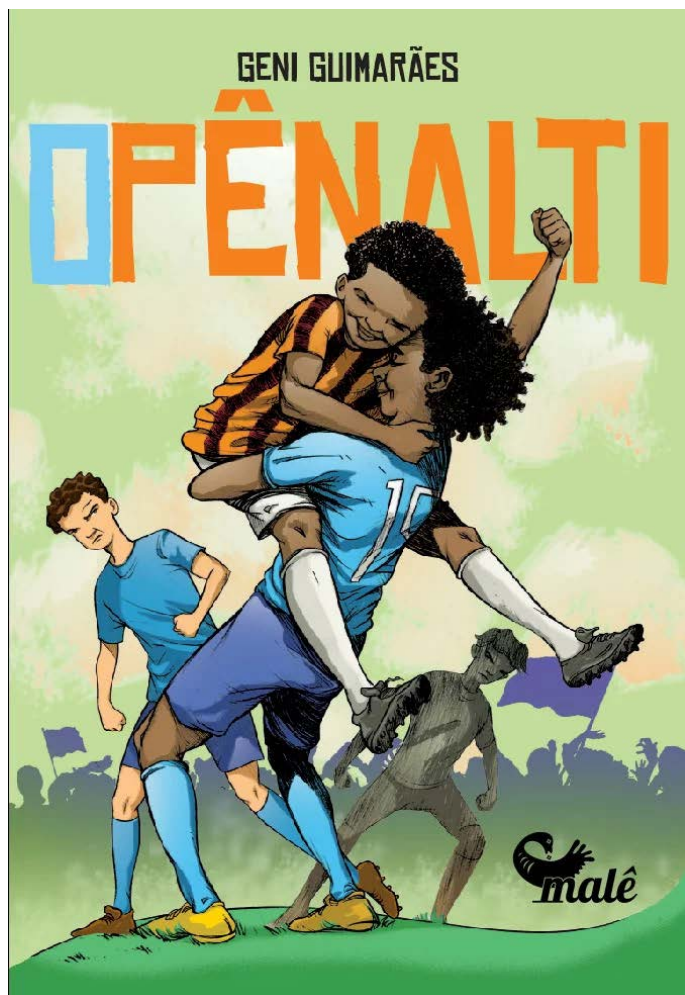
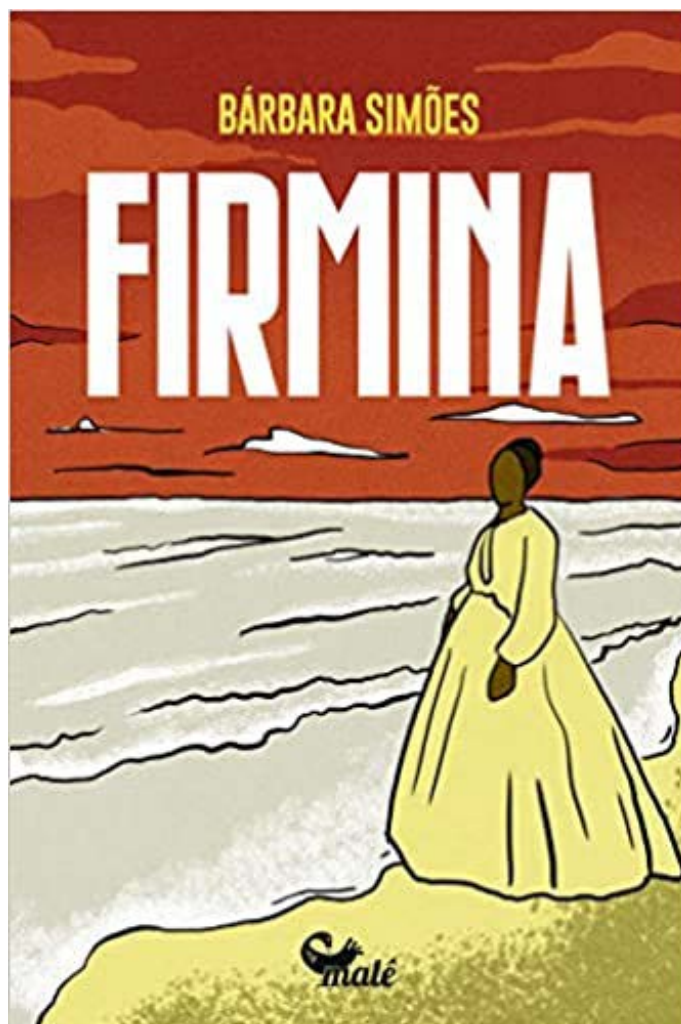
Editora: Malê

Páginas: 220

ISBN: 978-85-92736-63-7

"Firmina é uma narrativa híbrida, que pode ser lida tanto em perspectiva histórica quanto biográfica. Reconstruindo com precisão a ambientação social e psicológica que fundamenta e configura o universo mimético vivido pelas personagens, e propondo uma trama complexa de viés tipicamente romântico, Bárbara nos oferece uma história instigante e que nos leva a refletir. Ao retratar os dilemas e conflitos internos vividos pela protagonista, uma jovem professora negra engajada na luta abolicionista que se apaixona por um deputado branco defensor da manutenção do sistema escravagista,

a autora explora a dimensão humana de Maria Firmina dos Reis, afastando-se, assim, de perspectivas mitificadoras e deificantes frequentemente atribuídas à sua figura." - Rafael Balseiro Zin



Título: O pênalti

Autora: Geni Guimarães

Assunto: Literatura juvenil; Ficção Brasileira

Editora: Malê

Páginas: 60

ISBN: 9788592736620

O livro O Pênalti marca o bem-vindo e muito esperado retorno da escritora Geni Guimarães à cena literária. Geni, que em 1990 recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro juvenil A cor da ternura, após um hiato de vinte anos, seu último livro publicado foi o livro infantil Aquilo que a mãe não quer(1998), retoma o curso da sua trajetória literária nesta narrativa que conta a história dos irmãos Kamau e Kaiodê, que, apaixonados por futebol, vivem uma situação que os coloca em posições opostas. Neste novo livro, Geni Guimarães faz uso de suas premiadas habilidades literárias para abordar o que há de mais sensível e tenro nas relações humanas, e, ao representar a família de Kamau e Kaiodê, demonstra que é a ternura, o cuidado, o companheirismo e o amor que ditam as atitudes dos personagens, nos oferecendo um belo retrato de uma família negra que se ama e se cuida.

Título: República do vírus

Autor: António Quino

Assunto: Literatura angolana; Ficção angolana; Romance angolano

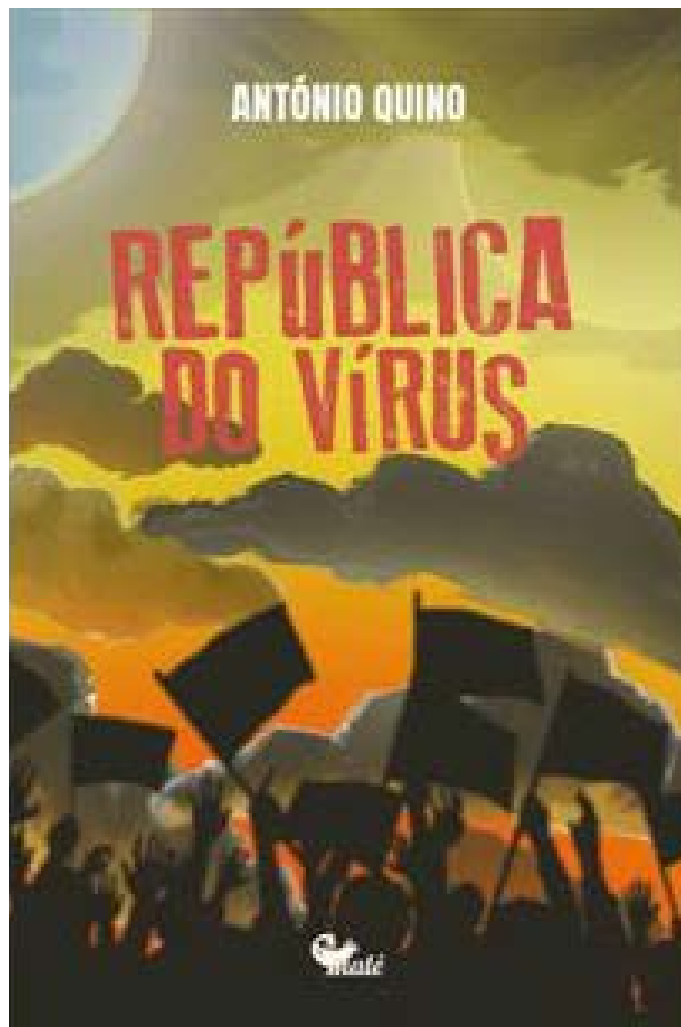
Editora: Malê

Páginas: 94

ISBN: 978-85-92736-57-6

“República do vírus traz como ponto central a sátira como embasamento do seu tecido ficcional, ao contar a história de Zuão Xipululu, conhecido como “Introcável”, alto dirigente político, membro do partido governista PIM-PAM-PUM, homem seduzido pelo poder e pela lógica da corrupção, algo que dialoga frontalmente com os tempos atuais, seja em referência ao Brasil, seja no resto do mundo.

Ao ambientar o personagem na fictícia Mulumba, Quino desenvolve uma trama que percorre os meandros da política de um estado autoritário e repressor, corrupto e sequioso por manter-se no poder a qualquer preço. Daí é que nasce o enredo da história. Em uma sociedade altamente oprimida e subserviente aos desmandos das autoridades, eis que surge uma peste que apavora e passa a adoecer e dizimar a população. Para combater a queda crescente de popularidade, os dirigentes políticos usam o letal vírus como arma de defesa nacional, sob o argumento de que nações poderosas querem se apoderar de uma propriedade do povo mulumbeiro, afinal o vírus foi criado lá.” - Tom Farias



Título: Rua do escritor

Autor: Henrique Rodrigues

Editora: Malê

Páginas: 192

ISBN: 9788592736668

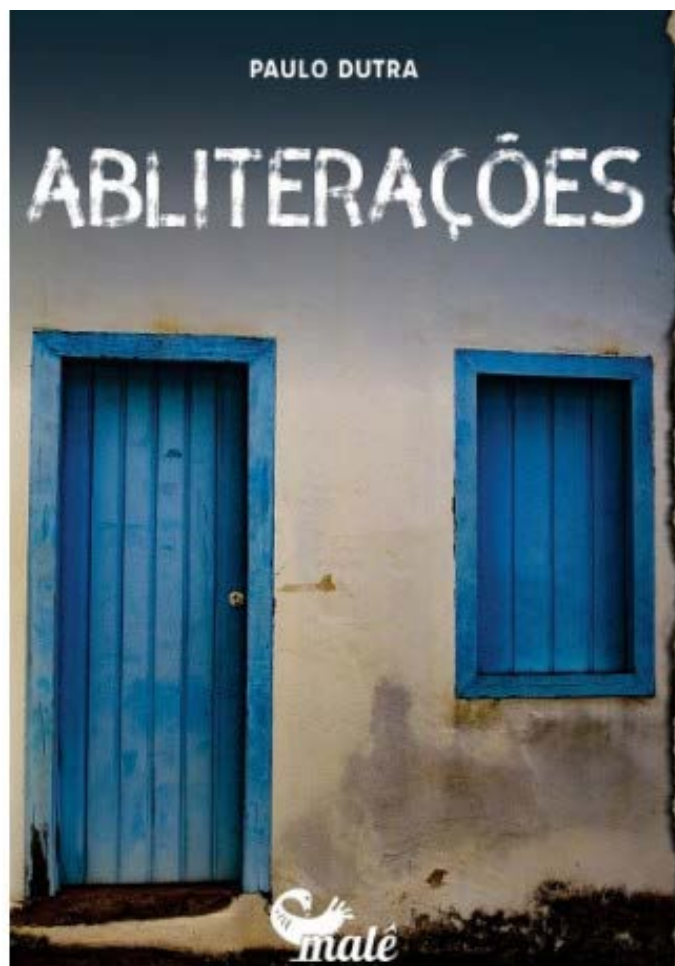
“Rua do Escritor” se destaca por abordar diversos aspectos que compõem a vida literária de um escritor na atualidade, revelando e valorizando detalhes que costumam passar despercebidos ao longo das leituras. Por meio da alegoria da rua, o livro se insere na tradição da crônica carioca, buscando também uma poética do efêmero escondida nas diferentes camadas sociais urbanas.

Em seu décimo quinto livro, o segundo publicado pela Editora Malê (o anterior foi o infantil “O pé de meia e o guarda-chuva”, lançado também na França), Henrique Rodrigues selecionou crônicas produzidas nos últimos anos que tratam de experiências envolvendo a literatura. O resultado é uma obra que, longe de ser um conjunto de relatos didáticos ou de receitas edificantes, estimula o envolvimento efetivo com os livros.

Título: Abliterações

Autor: Paulo Dutra
Editora: Malê
Páginas: 92
ISBN: 978-85-92736-58-3

"Podemos dizer que Paulo Dutra reúne 'restos', inventaria imagens de pensamento, escova a história a contrapelo – ou, como nos parece mais adequado, produz uma poesia sem reboco na parede, ginga a seu modo duro em ritmo de rap e samba, traz redivivos Marielle Franco e o próprio Complexo da Maré, todo dia empurrado à morte e à aniquilação. Este livro recusa a não-verdade da cultura, e faz dela "memória do sofrimento"; como arte quase testemunhal, seus poemas – desde a advertência inicial – se apresentam como denúncia da falsa promessa de felicidade de uma estética bem-comportada. Ao invés do "J'accuse", do realismo de Zola, Paulo Dutra assume um "Eu recuso" – e deixa o leitor se virar com isso." - Maria Amélia Dalvi. Professora no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.



Título: laboratório de incertezas

Autor: Wesley Correia
Editora: Malê
Página: 148
ISBN: 978-85-92736-65-1

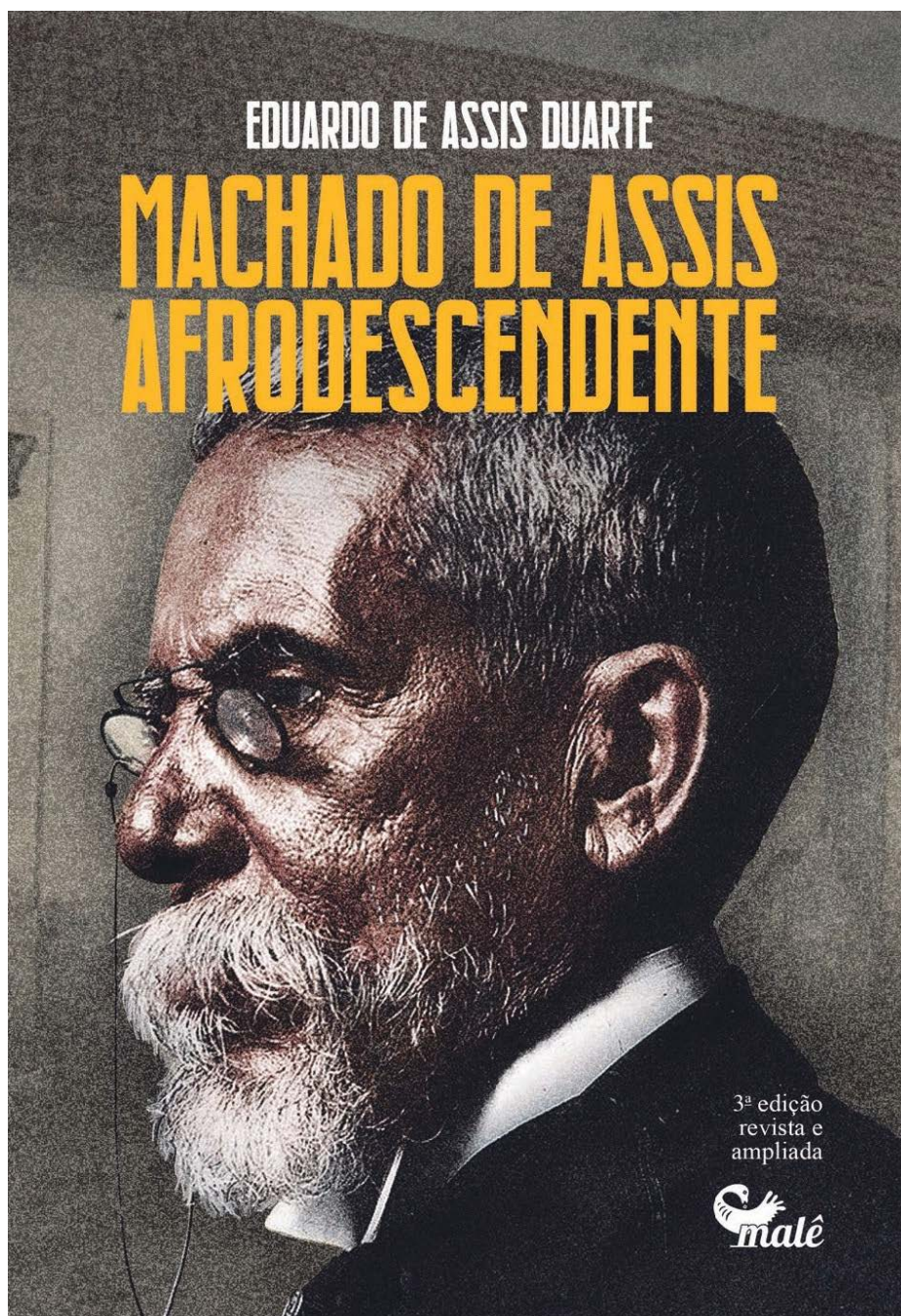
"laboratório de incertezas" é uma coletânea composta de uma seleção feita pelo autor a partir de poemas publicados de 2006 a 2019, além de outros inéditos. Os títulos são apresentados em ordem decrescente, dos mais recentes aos mais antigos, começando pelo "laboratório de incertezas", que reúne 15 poemas, seguido de "Íntimo Vesúvio", "Deus é Negro" e "Pausa para um beijo".

Wesley Correia nasceu em 21 de Outubro de 1980, em Cruz das Almas, Bahia, e aos dezessete anos publicou sua primeira crônica no Jornal A Tarde. Desde então, tem-se dedicado à escrita de textos literários, publicados em livros e jornais especializados, dentro e fora do país. É autor de "Pausa Para Um Beijo e Outros Poemas" (2006), "Deus é Negro" (2013), "Íntimo Vesúvio" (2017) e "laboratório de incertezas" (2020). Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, onde ministra aulas na Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Raciais, e outros cursos. Seus poemas foram traduzidos para o inglês, espanhol e romeno.



"Machado de Assis afrodescendente abrange poemas, contos, crônicas, crítica textual e excertos da ficção romanesca de Machado. Além de esclarecedoras notas, o livro traz um conjunto de seis ensaios críticos que compõem o segmento "A poética da dissimulação". Machado de Assis afrodescendente confirma o renovado vigor com que, no Brasil atual, com todos os seus percalços socioculturais, a atenção de autores e leitores tem se voltado crescentemente para a presença do negro a cada dia mais pujante na literatura, nas artes, na cultura e na vida do país. Neste sentido, o presente livro contribui para uma compreensão alargada da atualidade e da pluralidade de nosso escritor oitocentista maior." - Heloísa Toller Gomes.

"A obra machadiana reconstitui criticamente a memória de seu tempo, aponta para o penoso day after e, ao lado de questões afeitas ao ser humano de todos os tempos, não deixa de expressar "de baixo para cima" a crueza de uma época e de um sistema produtivo que as elites brasileiras tanto fizeram por amenizar. E nesse corte cirúrgico, universaliza a questão sem deixar de narrá-la como de "seu tempo" e de "seu país". - Eduardo de Assis Duarte



*Título: Machado de Assis afrodescendente:
antologia e crítica
Seleção, notas, ensaios.*

*Autor: Eduardo de Assis Duarte
Edição: 3ª edição revista e ampliada
Páginas: 352
ISBN: 978-85-92736-60-6*

Título: *Filha do Fogo - 12 Contos de Amor e Cura*

Autora: Elizandra Souza

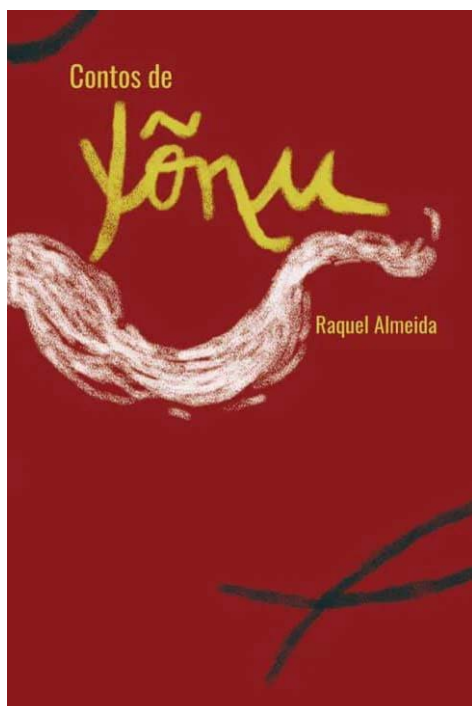
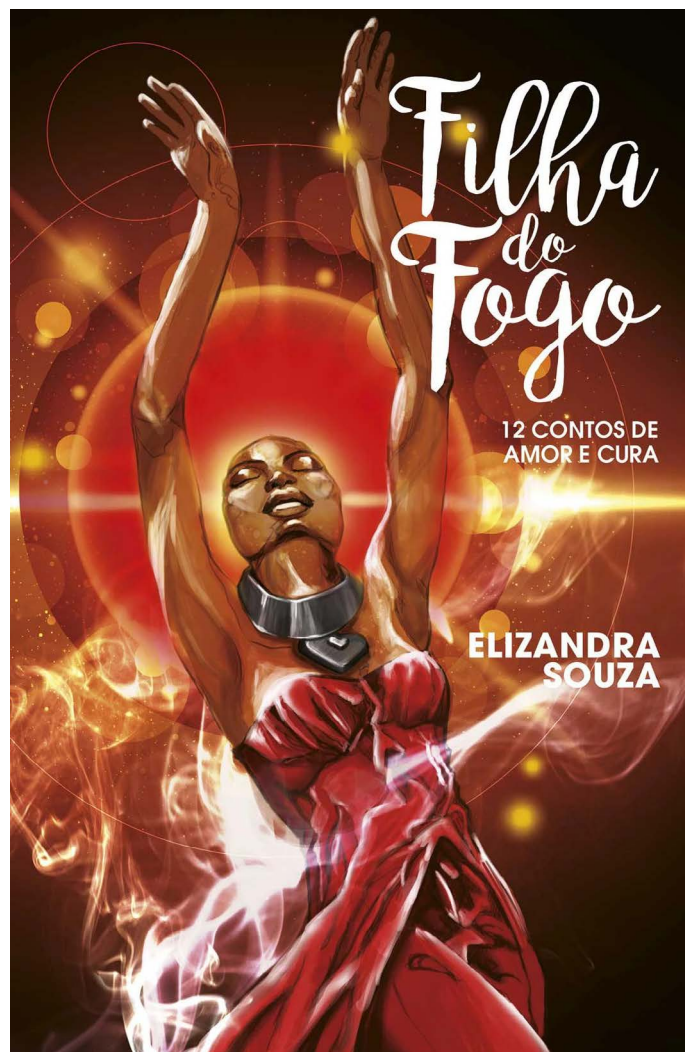
Editora: Mjiba – Comunicação, Produção e Literatura Negra

Páginas: 96

ISBN: 978-65-81671-00-6

Elizandra Souza é uma das referências em literatura negra produzida nas periferias de São Paulo, com uma trajetória de 18 anos de ativismo cultural. Este é o seu primeiro livro de prosa, no qual reúne 12 contos, simbolizando os ministros de Xangô. A obra chega no ritmo potente de um fogo que se alastra, alimentando chamas incontornáveis, equilibrando denúncia e celebração, como nos conta a pesquisadora Mirian Cristina dos Santos: “Na tessitura dessa flama, há inúmeras mulheres negras. De forma que a presença recorrente de avós e de mães – as mais velhas que nos habitam – traz ecos coloridos de uma ancestralidade negra requerida e celebrada. (...) É a partir de encontros de mulheres como esse que Elizandra Souza alinha memórias e heranças ancestrais, no entrecruzamento de ritos e de rituais, que nem sempre estão ligados através de laços consanguíneos. Nesse processo, no lapidar de nossos sentidos, nos contos há muito barulho, cheiros, gostos e sabores para nos lembrar de uma vida a pulsar. São as águas a banhar, o vento a soprar, óleos a perfumar, o caruru a degustar, atabaques e tambores a escutar, no encalço da movência de muitos corpos. Tudo emaranhado em processos de curas e nas urgências do ato inenarrável de viver.”

Filha do Fogo nasce e queima: brasas acesas, avermelhadas e vibrantes!



Título: *Contos de Yônu*

Autora: Raquel Almeida

Editora: Elo da Corrente Edições

Páginas: 130

ISBN: 978-85-54898-01-4

A prosa de Raquel Almeida toca o papel como lâmina espelhada sobre a terra, desbravando fronteiras do que é ser mulher negra, tal sopro sagrado que atravessa a si mesmo e nossos corpos, exigindo escolhas.

Seu gesto corajoso mais uma vez se faz escrita, como vida desavergonhadamente sem remorso. É cinema que se carrega no bolso. É a volta por dentro, colorida com o sabor de xarope de groselha e limão.

A fotografia que insistentemente se movimenta ainda que suspensa no tempo e no espaço.

É o deleite de si e de todas nós.

- Charô Nunes

Título: *Fragmentos de um homem só*

Autor: Wallace Andrade

Editora: Nós

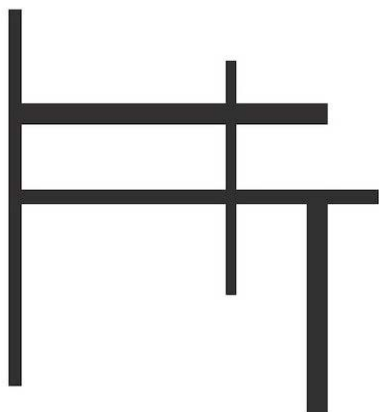
Páginas: 128

ISBN: 978-85-69020-44-8

Em *Fragmentos de um homem só*, Wallace Andrade narra a subjetividade da vida adulta de homens negros – seus sonhos, medos e fragilidades somada às construções de afeto e violência psicológica enfrentadas por quem está “Sobrevivendo no Inferno” nas periferias de São Paulo nas primeiras décadas do século xxi.

De forma direta, aliando tessitura poética à ficção, fiel ao documento e à crítica social, as histórias de Zé Pretinho, Mauro e Nego Lito confundem-se na mesma medida que se esvaem, mesmo com idades e conjunturas de experiências que se diferem. Todos poderiam ser um só, pois as contradições e dúvidas, os medos e desesperos que assaltam as possibilidades de ação do homem negro em maior ou menor escala estão nos fragmentos que dão vida aos personagens.

Em *Fragmentos de um homem só*, estão presentes filhos, pais, mulheres, mães, pessoas que erram e acertam, seres humanos, todos com seus dilemas existenciais, presos em suas circunstâncias, escolhas, práticas de vida e olhares diante do presente, passado e futuro.



ronald augusta
o leitor desobediente



Título: *O leitor desobediente*

Autor: Ronald Augusto

Editora: Figura de Linguagem

Páginas: 96

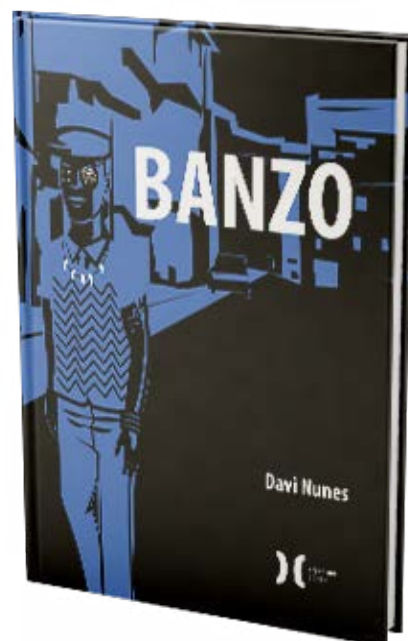
Neste robusto empreendimento crítico, o poeta e teórico Ronald Augusto traz ao leitor um conjunto de ensaios sobre a arte literária. Fruto de sua já conhecida habilidade de unificar uma corrosiva perspectiva individual com profunda erudição, *O Leitor desobediente* traduz com exatidão o sentido do termo insubordinação.

Título: *Banzo*

Autor: Davi Nunes

Editora: Segundo Selo

Banzo perpassa a história dos negros na diáspora e é um sentimento poderoso que implode e explode. Algumas explosões são arte heróica: o blues, chorinho, jazz, rap e poesia. Outras são implosões a se perderem no buraco negro e plácido da existência, numa escuridão boa, consoladora, ancestral ou mesmo no grito solitário de desespero e morte.



Onde encontrar os livros da Literatura negra brasileira

Espaço para divulgação de Livrarias



Conheça a loja online da Blooks Livraria!

www.blooks.com.br

📱 BLOOKS 📘 BLOOKSLIVRARIA

Compre também pelo
whatsapp: (21) 97324-3960

blooks
LIVRARIA



KATUKA
AFRICANIDADES

LITERATURA
ARTE
MODA

A LIVRARIA NEGRA DA CIDADE

📞 71 99726-1966 📷 katukaafricanidades

ENTREGAMOS EM DOMICÍLIO
Praça da Sé, nº 01 - Salvador - Ba

KATUKA
AFRICANIDADES